



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA



**João Victor Mendes**

“Juventude, gênero e torcida”: Uma análise das relações entre homens e mulheres jovens  
na Torcida Organizada Mancha Azul-CSA.

Maceió-AL , 2022.



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE ALAGOAS INSTITUTO DE  
CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
SOCIOLOGIA



**João Victor Mendes**

“Juventude, gênero e torcida”: Uma análise das relações entre homens e mulheres jovens na Torcida Organizada Mancha Azul-CSA.

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia - PPGS, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito para qualificação da dissertação, sob orientação do Profº Dr João Batista de Menezes Bittencourt.

Maceió-AL, 2022.

**Catlogação na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 –2062

M538j Mendes, João Victor.

“Juventude, gênero e torcida”: uma análise das relações entre homens e mulheres jovens na Torcida Organizada Mancha Azul - CSA / João Victor Mendes. – 2022.

129 f. : il. color.

Orientador: João Batista de Menezes Bittencourt.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Maceió, 2022.

Bibliografia: f. 120-123.

Anexos: f. 124-129.

1. Mancha azul (Torcida organizada). 3. Gênero. 4. Juventude. I. Título.

CDU: 316.47

Dedico este trabalho em memória de Irene Maria, minha bisavó, pessoa mais importante da minha vida.

## **Agradecimentos**

Primeiramente a minha mãe, Adriana Maria, a pessoa que sempre me incentivou aos estudos, mesmo com todas as adversidades, nunca me deixou desistir do objetivo.

Ao meu irmão Caio Victor de Arruda, apesar da pouca idade, me motiva diariamente a ser um pesquisador melhor.

A minha companheira Julia Maria Paredes, que se mantém do meu lado, ajudando e incentivando para que eu alcance meus objetivos acadêmicos.

A minha família de santo em Maceió, sob figura de Mãe Graça de Oxum e Pai Lúcio, onde fui acolhido física e espiritualmente.

Aos amigos de longas datas, que nos momentos difíceis se mantiveram ao meu lado.

A Universidade Federal de Alagoas, que me forneceu elementos para continuar os estudos, com dedicação e empenho.

A CAPES, por ter proporcionado durante 1 ano o auxílio financeiro da bolsa, que me permitiu nesse período ter tranquilidade para cursar o mestrado.

Ao Professor João Bittencourt, pelos ensinamentos, paciência e ajuda no decorrer da pesquisa.

As companheiras de curso, que se mantiveram comigo lado a lado até o final.

Aos homens e mulheres da Mancha Azul pelo acolhimento durante a pesquisa.

A todos aqueles que acreditam na educação como transformação para uma sociedade mais justa e igualitária.

*“Em futebol, o pior cego é o que só vê a bola”. (Nelson Rodrigues)*

## **Resumo**

Esta pesquisa tem por objetivo trazer à tona as dinâmicas que estão dispostas na Torcida Organizada Mancha Azul do CSA, agremiação localizada na cidade de Maceió- Alagoas, dando enfoque às relações de gênero na torcida, e de como homens e mulheres jovens diante desse cenário constroem suas redes de sociabilidades provocando tensionamentos durante todo esse processo.

A pesquisa foi desenvolvida no período de outubro de 2020 até maio de 2022 , de cunho qualitativo, onde foram utilizadas técnicas distintas para obtenção dos dados empíricos, que vão desde a inserção em campo, observação participante, etnografias , entrevistas, questionário virtual, até análise das discussões nos ciberespaço e de como essa dicotomia de gênero também pode ser observada virtualmente.

Identificar essas dinâmicas, sejam elas no mundo material ou virtual, é fundamental para percebermos como a torcida se organiza em diferentes espaços e de como esses tensionamentos apontam para um predomínio masculino no meio futebolístico em todas as suas esferas.

### **Palavras-Chave:**

Torcida Organizada; Mancha Azul; Gênero; Juventude.

## **Abstract**

This research aims to bring out the dynamics that are arranged in the Mancha Azul Soccer gang, an association located in the city of Maceió-Alagoas. Focusing on gender relations in the crowd, and how young men and women in this scenario trace their networks of sociability causing tensions throughout this process.

The study is developed in four stages, all of a qualitative nature, ranging from insertion in the field, participant observation, ethnographies, interviews to analysis of discussions in cyberspace and how this gender dichotomy can also be observed virtually.

Identifying these dynamics, whether in the material or virtual world, is fundamental to realize how the organization of the crowd is being arranged, and how these tensions point to a male predominance in the football environment, in all its spheres.

## **Keywords**

Torcida Organizada; Mancha Azul; Gender; Youth.

## Sumário

<b>Introdução</b>	12
<b>Capítulo 1- Percursos iniciais: conceituações teóricas metodológicas sobre Torcidas Organizadas, Juventudes e Gênero.</b>	28
1. Surgimento e consolidação das Torcidas Organizadas no Brasil.	28
2. A torcida Mancha Azul e sua expansão em Alagoas.	32
3. “Lugar de mulher é onde ela quiser” – as mulheres no futebol e sua presença nas torcidas.	37
4. Contribuições da teoria geral para pensarmos gênero: Elias e Bourdieu.	45
5. Gênero e a teoria feminista: pensar a participação das mulheres na torcida.	54
<b>Capítulo 2- A Mancha Azul e as suas atividades.</b>	61
1. Exposição dos dados de campo, entrevistas e etnografia.	61
2. Inserção dos torcedores na Mancha Azul.	64
3. Dinâmicas de participação para homens e mulheres na torcida.	67
4. Conflitos e tensionamentos de gênero.	73
5. Participação das mulheres em espaços deliberativos da torcida.	86
6. Mudança ou manutenção do status quo na Mancha Azul?.	93

<b>Capítulo 3- Análise sociológica da presença da Mancha Azul-CSA no ciberespaço.</b>	97
1- Análise sociológica da presença da Mancha Azul no ciberespaço.	97
2- A sociedade em rede e as sociabilidades digitais.	97
3- A etnografia virtual na pesquisa.	101
4- A Mancha Azul-CSA no mundo virtual.	105
<b>Conclusão</b>	123
<b>Referências bibliográficas</b>	126
<b>Anexos</b>	130

## Introdução

Os apontamentos que são feitos nesta pesquisa visam dar contribuições sociológicas acerca das questões de gênero que permeiam o ambiente das Torcidas Organizadas, a relação de homens e mulheres jovens, especificamente no que confere as dinâmicas relacionais que são encontradas na Torcida Organizada Mancha Azul, principal e mais antiga agremiação do Centro Sportivo Alagoano (CSA), ambos situados na cidade de Maceió- AL.

Quando falamos em futebol e todos os aspectos que rodeiam esse esporte, a primeira lembrança que vem à mente é pensar que é algo unicamente masculino, que só os homens entendem e que só eles podem reivindicar para si a participação nesse fenômeno. Por muito tempo o futebol se viu preso a símbolos, vocabulários, rituais e gestuais de exaltação à masculinidade e virilidade (DUNNING; TOLEDO, 1996 apud COSTA, 2006). E isso é percebido, seja numa maior valorização do futebol masculino em campo ou nas arquibancadas, onde as músicas, bandeiras e provocações das torcidas ainda são em sua maioria depreciativas ao gênero feminino.

As Organizadas são parte fundamental do futebol, dominadas por jovens que encontram nesse meio social uma maneira de potencializar sua masculinidade, formando vínculos e vivenciando uma experiência coletiva (BOURDIEU, 2002). As mulheres sempre estiveram inseridas no futebol, desde as suas primeiras aparições em território brasileiro. O termo “torcedor” ganha significado através da participação feminina nas arquibancadas no início do século XX, mulheres da elite que devido ao calor torciam suas luvas angustiadas com a partida, desde então a palavra ganhou significado, representando aqueles indivíduos que estavam nas arquibancadas “torcendo” para os seus times (ANDRADE, 2020.)

Com o passar do tempo essa presença vem se intensificando e as mulheres buscam cada vez mais espaço nesse ambiente extremamente masculinizado. É cada vez mais comum observar mulheres ocupando cargos

nas torcidas organizadas, em editorias de jornais esportivos e nos campos (COSTA, 2006).

A perspectiva de estudar assuntos relacionados ao mundo do futebol e principalmente das torcidas diz muito da minha trajetória de vida, e das percepções iniciais que possuía sobre o tema. Oriundo desse meio, tive inserção muito jovem acompanhando jogos nos estádios. Minha primeira experiência presencial foi no ano de 1999, acompanhado do meu pai. Passados 22 anos, os laços se estreitam cada vez mais. O primeiro contato com TO<sup>1</sup>, se deu por volta de 2003/2004, como componente, já participava timidamente nos jogos, cantando as músicas, vestindo camisas e me inserindo nas dinâmicas de sociabilidade<sup>2</sup>. Em 2006 passei a integrar a Mancha Azul, torcida que dá corpo a esta pesquisa, e foi através dessa inserção que tive maior participação nesse fenômeno, indo a jogos, festas, viagens, observando e vivenciando o dia-dia da torcida. Em 2012 ajudo a fundar outra torcida, o Movimento Resistência Azul. Faço esse pequeno parêntese de cunho mais pessoal para situar o leitor sobre a minha percepção no que diz respeito ao tema, apontando que minha escolha não se deu por acaso e sim através de uma vivência pessoal que se reverberou em pesquisa.

Dito isso, o ponto de partida para a elaboração do problema de pesquisa se deu através de um episódio envolvendo homens e mulheres da torcida gerando grande repercussão nas redes sociais, acalorando o debate sobre as relações de desigualdade de gênero que permeiam esse meio. O fato referido aconteceu no ano de 2019, quando algumas integrantes da Mancha Azul participaram de uma reunião com outras representantes de torcidas do estado, para discutir a participação das mulheres na arquibancada. Ao término do evento uma foto foi tirada, que circulou por redes sociais causando uma desaprovação por parte dos homens que compõem a Mancha Azul, levando a medidas extremas como a expulsão das mulheres que participaram do evento, bem como a suspensão das atividades do Núcleo Feminino da

---

<sup>1</sup> TO- Abreviação de Torcida Organizada.

<sup>2</sup> Sociabilidade- forma lúdica de interação entre os indivíduos em sociedade.

<sup>3</sup> Sociabilidade- forma lúdica de interação entre os indivíduos em sociedade.  
<https://www.gazetaviv.com.br/torcidas-esportivas-aqui-organiza-mancha-azul-suspende-nucleo->

torcida <sup>3</sup>na época. Percebendo todo o debate, pude notar que os tensionamentos de gênero estavam demarcados naqueles espaços.

Na academia, temas relacionados às torcidas e suas diversas vertentes vêm sendo estudado com recorrência, várias pesquisas foram e estão sendo desenvolvidas e grande parte trata da relação dessas torcidas com a violência, que é comumente vista em jornais e matérias televisivas (TOLEDO, 1996; PIMENTA, 1997). O tema do gênero ganha visibilidade tardiamente, porém já temos produções que contribuem significativamente para a elucidação e questionamento de alguns problemas de pesquisa, como por exemplo as contribuições de Leda Maria Costa (2007) e Mariane Pisani (2014) sobre as mulheres no mundo do futebol e a sua relação com as dinâmicas das arquibancadas.

Mesmo com o tema ganhando visibilidade em diversos setores e localidades do Brasil, em Alagoas ainda é pouco trabalhado. Em uma busca no Repositório Institucional da Universidade Federal de Alagoas, identifiquei duas pesquisas no campo das Ciências Sociais que se dispuseram a abordar o tema das torcidas; uma dissertação em Sociologia que tratava do tema das sociabilidades e juventudes nas torcidas organizadas, e um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no curso de Ciências Sociais, que se propunha a discutir a relação de gênero e torcida. Tratar desse tema é inserir Alagoas nas discussões acadêmicas que já estão acontecendo no Brasil, e de como as particularidades da realidade maceioense podem contribuir para o enriquecimento do debate.

Com isso, a pesquisa busca entender como são produzidas as relações de sociabilidade dentro da torcida Mancha Azul, enfatizando a dicotomia das posições sociais de gênero ocupadas (e encenadas) por homens e mulheres que fazem parte da torcida, mostrando como essas dinâmicas de sociabilidade reforçam aproximações e distanciamentos entre os agentes e geram distintas percepções sobre os lugares sociais que estes e estas devem

---

<sup>3</sup><https://www.gazetaweb.com/noticias/esportes/alagoano/mancha-azul-suspende-nucleo-feminino-apos-reuniao-com-torcedoras-do-crb/>.

ocupar. Ouvir esses indivíduos é ponto fundamental, pois são eles, enquanto membros da torcida que trarão, os elementos dessas dinâmicas.

Em busca de responder as seguintes problematizações: *Como se dá a participação masculina e feminina dentro da Torcida Organizada Mancha Azul? As inserções na torcida são diferentes para homens e mulheres? E Quais os tensionamentos encontrados nessas dinâmicas?*, estabeleci métodos e técnicas que possam fornecer as condições para chegarmos às respostas das perguntas que foram listadas acima.

A perspectiva metodológica da pesquisa é de cunho unicamente qualitativo, e foi dividida em quatro etapas durante os anos de 2020 e 2021 (tempo de duração do mestrado). São elas: Etapa 1 - *observação participante e etnografia no campo de pesquisa*; Etapa 2 - consiste em *entrevistas de profundidade*; Etapa 3 - elaboração e constituição de um questionário virtual *com mulheres da torcida Mancha Azul*; Etapa 4 - *etnografia virtual das dinâmicas desses jovens no ciberespaço*. Os procedimentos metodológicos pensados para a pesquisa levaram em conta as dificuldades de se fazer trabalho de campo na pandemia, onde as dificuldades encontradas foram enormes, desde o isolamento social até a espera por momentos seguros para encontros pessoais.

#### **- Observação Participante e Etnografia do campo**

A observação participante é parte essencial para a composição do trabalho de campo (MINAYO, 2010). Conhecer melhor o ambiente de pesquisa é fundamental para que possamos ter uma melhor compreensão do fenômeno social investigado, essa foi a técnica adotada no primeiro contato com o objeto de pesquisa, observar os comportamentos desses jovens é primordial para delimitar as futuras estratégias da pesquisa.

A observação participante como método ganha notoriedade com Malinowski (1922), quando ao se inserir nas Ilhas Trobriand na polinésia, ele convive e começa a observar *in loco* as dinâmicas da tribo, e com isso, aprimora o papel do antropólogo, e o fazer antropologia. Outra obra que merece destaque quando tratamos de observação participante, é o livro A

*sociedade de esquina*, de Willian Foote-Whyte, que descreve as dinâmicas de grupos juvenis norte-americanos, a partir da sua inserção e participação no campo de pesquisa, junto aos seus interlocutores. Essa influência se disseminou por outras áreas das Ciências Humanas e Sociais, hoje é muito comum vermos na pesquisa qualitativa a influência dessa metodologia, que nos permite de maneira inicial, traçar um primeiro contato com o campo de pesquisa e os atores os quais estamos investigando.

Deve-se ter em mente que a observação é o início da pesquisa. Com a ajuda dos diários de campo o pesquisador vai tecendo anotações sobre as dinâmicas dos indivíduos, a disposição dos seus corpos, o clima, o ordenamento do espaço e etc. Porém, essa observação, como aponta Malinowski, precisa estar relacionada com um arcabouço teórico que vai dar validade ou rejeitar as observações feitas.

Embora Malinowski separe, para efeito de estudo, a realidade social em três níveis (verbalizações, comportamentos, estruturas), sua intenção é a reconstrução teórica da totalidade, ao que denomina "arcabouço da constituição" da sociedade analisada, por meio do que é típico e recorrente no grupo social. (MINAYO, p. 276).

Esse é o papel do etnógrafo, entender que o fazer ciência é justamente juntar os fatos que estão sendo descritos e a preparação teórico-metodológica, para preencher de sentidos os fenômenos que estão sendo observados.

"O bom treinamento teórico e a familiaridade com os mais recentes resultados científicos não são equivalentes a estar carregado de ideias preconcebidas. Se um indivíduo inicia uma pesquisa com a determinação de provar certas hipóteses, se não é capaz de mudar constantemente seus pontos de vista e de rejeitá-los sem relutância, sob a pressão da evidência, é desnecessário dizer que seu trabalho é inútil." (MINAYO, p. 277 apud MALINOWSKI, p.45).

Além das questões teóricas, importantes para o bom andamento dessa metodologia, saber se inserir no campo de pesquisa é fundamental, e a depender do objeto do pesquisador essa inserção deverá ser intermediada por alguém que já possua conhecimento sobre o que se pretende estudar, e que exerça alguma influência hierárquica, que dará o aval para a boa circulação no ambiente que está sendo pesquisado. É preciso ter em mente que a

observação participante é um processo que vai ser construído a partir da relação de duplicidade entre observador e observado (MINAYO, 2010). Quanto maior a inserção no campo de pesquisa, mais influência o pesquisador sofrerá. É preciso ter cuidado para não enviesar a pesquisa, porém quanto maior a inserção, maior a possibilidade de entender o fenômeno em sua totalidade.

Abro aqui um breve parêntese, para enfatizar que por já ter feito parte da Mancha Azul, não obtive dificuldades quanto à inserção no campo, pelo contrário, minha presença naquele ambiente já era vista de maneira natural, já conhecia algumas pessoas, outras fui tendo contato no decorrer da pesquisa, importante salientar esse ponto. Não precisei negociar com os indivíduos a minha presença, acompanhei e ajudei nas atividades sem questionamentos ou desconfiças daqueles que estavam participando junto comigo.

Minha entrada no campo de pesquisa ocorreu no período de Outubro de 2020. Levando em conta o momento pandêmico que vivenciamos, muitos eventos da torcida foram cancelados e a constância das atividades sofreram alterações. No ano de 2021, com o avanço da vacinação na cidade de Maceió e a flexibilização das normas de distanciamento por intermédio dos decretos estaduais e municipais, é que temos uma tentativa de normalidade nas atividades da Mancha Azul.

Nesse período pude acompanhar um evento na sede da torcida, que foi a comemoração dos 28 anos da Mancha Azul, em outubro de 2020. Em 2021 iniciou uma nova prática na sociabilidade de torcedores em Maceió, que foi a colocação das faixas e bandeiras nas arquibancadas do Estádio Rei Pelé, sem a presença dos torcedores durante o jogo. Esse novo modus operandi, surge na tentativa de substituir temporariamente a entrada dos materiais, que antes da pandemia ocorria apenas quando os portões do estádio se abriam. Existia um horário delimitado pela Polícia Militar de Alagoas para que todo material fosse revistado e conferido mediante ofício, as faixas e bandeiras eram posicionadas nas arquibancadas junto com a entrada de todos os torcedores, sejam eles organizados ou não. Com a pandemia o material deveria entrar no estádio com 5 horas de antecedência do início da partida, não era feita a revista, os torcedores entravam, posicionavam as faixas nos setores e se

retiravam com a chega da PM-AL, uma nova metodologia que causava desconfiança nos mesmo, pois temiam que os rivais se infiltrassem e confiscassem algum material.

Acompanhei essa dinâmica em 6 jogos do CSA, indo com os integrantes da Mancha Azul em competições do Campeonato Brasileiro da série B de 2020/2021, Campeonato Alagoano 2021 e Copa do Brasil 2021. Também pude observar uma roda de conversa no mês de Setembro do referido ano, cujo tema era o “*Setembro amarelo e a prevenção do suicídio*”.

O fato de observar um fenômeno familiar, não implica necessariamente em aplicações de juízos de valor, é uma tarefa árdua relativizar o que está sendo observado, e nem sempre o familiar pressupõe conhecimento sobre o fenômeno.

“O fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes, porém aproximados por preferência, gostos, idiosincrasias. Até que ponto pode-se, nestes casos, distinguir o sócio-cultural do psicológico?” (VELHO, p. 124).

Torcida Organizada sempre foi um movimento o qual tive muita proximidade, como já mencionado acima. Observar algo que é familiar demanda um grande esforço de não romantizar as práticas que estão sendo vistas, nem de preencher essa observação com ideias já preconcebidas. É preciso se desprender dessas noções e apontar os fatos como eles estão sendo dispostos naquele momento. Levando em conta as épocas e gerações diferentes, da minha entrada na torcida até os dias atuais muita coisa mudou, algumas dinâmicas se modificaram, e é isso que deve ser apontado é relativizado.

“Esse movimento de relativizar as noções de distância e objetividade, se de um lado nos torna mais modestos quanto a construção do nosso conhecimento em geral, por outro lado permite-nos observar o familiar e estudá-lo sem paranóias sobre a impossibilidade de resultados imparciais, neutros.” (VELHO, p. 129).

Feitas essas considerações acerca da primeira parte da metodologia que está em desenvolvimento nesta pesquisa, só observar não nos fornece

elementos suficientes para responder as perguntas que foram apresentadas na problematização, é preciso ir além, buscar uma maior profundidade nos diálogos para entender como os integrantes da torcida se enxergam e observam a sua participação nessa prática. Com isso, entrevistas de cunho qualitativo são o segundo passo no cronograma da pesquisa.

### **- Entrevistas**

Assim como a observação participante, a entrevista é uma técnica recorrente nas pesquisas em Ciências Sociais, seja em formato de questionários, semi-estruturadas ou de profundidade. Os seus resultados na maioria das vezes contribuem de forma relevante para o que está sendo pesquisado.

É através das entrevistas que as observações no campo de pesquisa ganham notoriedade, pois, é onde o entrevistador pode colher informações mais precisas dos entrevistados, que mais à vontade, relatam suas experiências e visões do fenômeno no qual estão inseridos. Muitas vezes em uma entrevista de profundidade o indivíduo sozinho pode ter opiniões e comportamentos diferentes de quando se está em grupo, algumas vezes a coletividade exerce uma força coercitiva sobre a individualidade do agente. Minayo (2010) define entrevista da seguinte forma:

“Entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo.” (MINAYO, p. 261).

Como já mencionado, existem vários tipos de entrevistas que atendem aos mais variados objetivos. Para esta pesquisa, será adotada a entrevista aberta ou em profundidade, pois é através do diálogo com os interlocutores que poderemos traçar as relações que homens e mulheres têm com a torcida, identificar os tensionamentos de gênero e como esses indivíduos enxergam as suas participações nesse fenômeno.

“A entrevista como fonte de informação fornece dados secundários e primários de duas naturezas : (a) fatos que o pesquisador poderia conseguir por meio de outras fontes como censos, estatísticas,

registros civis, atestados de óbitos e outros, a que Lundberg (1946) chama “objetivos”; Parga Nina (1985) o denomina “concretos” e Gurvitch (1955) qualifica como pertencentes ao nível “ecológico ou morfológico” da realidade; (b) e os que se referem diretamente ao indivíduo entrevistado. São informações que tratam de reflexão do próprio sujeito sobre a realidade de vivência e a que os cientistas sociais costumam denominar de “subjetivos” e só podem ser conseguidos com a contribuição da pessoa.” (MINAYO, p. 262).

É essa subjetividade do entrevistado que procuro na pesquisa, fato que outras técnicas não me proporcionarão neste momento, traçar essa relação é fundamental. Farei uso de roteiros (olhar anexos), que direcionarão as entrevistas, a intenção é fazer com que os interlocutores e interlocutoras se sintam à vontade para falar sobre suas experiências, fugindo de respostas objetivas. Pretendo atingir informações que os questionários não irão me fornecer.

“Nas entrevistas abertas, a ordem dos assuntos tratados não obedece a uma sequência rígida e, sim, é determinada frequentemente pelas próprias preocupações, relevâncias e ênfases que o entrevistado dá ao assunto em pauta. A quantidade de material produzido nesses encontros tende a ser maior, mais denso e ter um grau de profundidade incomparável em relação ao questionário, porque a aproximação qualitativa permite atingir regiões inacessíveis à simples pergunta e resposta. A abordagem desses diferentes níveis tem sido uma questão fundamental das Ciências Sociais, aprofundada por alguns autores..” (MINAYO, p. 265).

O corpus analítico é formado por 7 entrevistas, sendo 3 homens e 4 mulheres, de diferentes gerações de membros da Torcida Organizada Mancha Azul. A intenção aqui é comparar as épocas e as percepções que os indivíduos têm/tiveram da sua participação na torcida, e como eles enxergam as relações de gênero que permeiam o meio social ao qual estão inseridos.

#### **Quadro de identificação dos interlocutores(as) da pesquisa.**

Abreviação	Gênero	Idade	Função na Torcida
M.P	Masculino	35	Diretor da Torcida Mancha Azul
A.P	Feminino	27	Liderança do Núcleo Feminino

			da Mancha Azul
G.S	Masculino	24	Componente da Mancha Azul
N.P	Feminino	27	Liderança do Núcleo Feminino da Mancha Azul
I.S	Masculino	28	Componente da Mancha Azul
H.S	Feminino	29	Ex-Liderança do Núcleo Feminino da Mancha Azul
G	Feminino	25	Componente do Núcleo Feminino da Mancha Azul

A delimitação dos entrevistados é fruto da primeira abordagem metodológica desta pesquisa. A observação participante proporciona o primeiro contato com os interlocutores, é através dela que me apresento e inicio os primeiros diálogos a fim de traçar essa relação de confiança entre pesquisador e interlocutor. É nesse primeiro momento que também observo os que estão mais propícios a falar e os que são mais retraídos. Conquistando a confiança, forma-se uma rede de indicações, onde os próprios interlocutores e interlocutoras indicam outros que podem colaborar com a pesquisa.

O roteiro que vai conduzir a entrevista percorre temas que vão desde a iniciação do indivíduo na torcida e sua trajetória de vida, até a chegada na torcida, como o indivíduo se enxerga dentro dessa dinâmica, como vê a participação do gênero oposto na torcida e quais problemas de gênero observa nesse meio (se existem ou não para ela ou ele). Os roteiros que direcionam as entrevistas são diferentes para homens e mulheres, pois as questões também se apresentam de maneira diferente para ambos os gêneros.

Devido a pandemia de covid-19 que assola todo o mundo, algumas entrevistas sofreram alterações, ocorrendo no formato digital. Todo o processo

será gravado, mediante autorização, para compor o corpus analítico da pesquisa. As entrevistas ocorreram entre os meses de Agosto e Dezembro de 2021. As entrevistas virtuais foram feitas através da plataforma Google Meet, todas devidamente gravadas.

Além das entrevistas abertas individuais com homens e mulheres da torcida Mancha Azul, foi realizado um questionário semi-estruturado, com perguntas objetivas e discursivas, essa técnica foi adotada só com as mulheres que integram atualmente o Núcleo Feminino. Essa parte constituiu a 3 etapa da pesquisa.

#### **- *Questionário virtual***

Essa etapa da pesquisa surge como uma possibilidade de refinar mais os dados adquiridos nas entrevistas individuais, com o intuito de complementar os dados coletados com as mulheres que fazem parte atualmente do Núcleo Feminino ativo, é assim como elas chamam as integrantes que fazem parte do grupo oficial no whatsapp. Esse grupo tem aproximadamente 20 participantes, e nele elas abordam as questões pertinentes a vivência feminina na Mancha Azul.

O questionário foi desenvolvido de maneira virtual, na plataforma Google Formulários, a escolha da opção virtual é de aumentar o alcance das pessoas, que com o link gerado poderiam acessar e responder de onde estivesse, até mesmo com a ajuda do aparelho celular. As respostas foram editadas para ocorrer de maneira anônima, acreditamos que esse ponto nos forneceria respostas que com a presença do entrevistador não se sentiram à vontade para relatar.

O questionário foi compartilhado via whatsapp, com uma das líderes do Núcleo Feminino, e solicitado que a mesma encaminhasse no grupo oficial para que as demais pudessem responder. Ao todo foram coletados 10 questionários, que ajudaram a fortalecer e contrapor algumas questões que surgiram durante outros momentos da pesquisa. O uso de tecnologias e redes sociais na atualidade, fortalecem as pesquisas no campo das Ciências Sociais,

peças que demandam tempo para conseguir o contato pessoal, agora fornecem os elementos que precisamos em poucos minutos ou horas.

A quarta etapa da pesquisa trata-se de uma etnografia virtual que será feita em fóruns de debates nas redes sociais oficiais da Mancha Azul, com o objetivo de observar como esses tensionamentos de gênero estão dispostos no ciberespaço, onde atualmente são travados muitos debates e reivindicações.

### **- Etnografia Virtual**

Além do que já fora apontado na pesquisa enquanto técnicas e metodologias, um ponto merece atenção: às chamadas redes sociais digitais, que a cada dia exercem uma maior influência na vida dos indivíduos da nossa sociedade. As torcidas inicialmente usam as redes sociais como um mecanismo de informação e divulgação das suas atividades, tendo em vista a pouca divulgação positiva das torcidas pela grande mídia (jornais e tv). As redes relacionadas às torcidas acabaram se tornando um ponto de encontro fora dos espaços materiais já conhecidos, pois é na rede social que é estendida a participação dos integrantes nos assuntos decorrentes da instituição.

A internet na atualidade está presente na vida da maioria dos indivíduos da nossa sociedade. Pensar o impacto desta nas relações é de fundamental importância, Scalco (2009) inspirada nas leituras de Castells (2005), define a internet não só como um meio de comunicação, mas também como um produto de relações sociais, que se desenvolvem seja em redes sociais, blogs ou sites.

Já segundo Castells (2005 p. 255), a Internet constitui-se em um meio de comunicação e de relação - essencial para a nova forma de sociedade em que vivemos – denominada “sociedade em rede”. Nesse sentido, ela não é simplesmente uma tecnologia, mas o meio organizativo que permite o desenvolvimento de uma série de novas formas de relações sociais e de comunicação. Para o autor: "Internet é o tecido de nossas vidas neste momento. Não é futuro. É presente. Internet é meio para tudo, que interage com o conjunto da sociedade e, de fato, apesar de tão recente (...), não precisa de explicação, pois já sabemos o que é Internet". (CASTELLS; 2005 apud SCALCO; 2009).

Enxergar a internet como um espaço de relações é entender que processos de sociabilidade estão dispostos nesse sentido, e com isso o

surgimento das redes sociais, que agrupam e reúnem esses atores, está baseado na ação humana, ligado intimamente aos indivíduos onde, mediante suas dinâmicas e estruturas complexas, compartilham interesses, ligando-se uns aos outros.

Enquanto a noção de rede carrega consigo uma idéia que, em alguns casos, baseia-se fortemente em fatores eminentemente tecnológicos; a de redes sociais, na maioria das vezes, é descrita a partir da sua manifestação no plano das relações humanas, e, dessa forma, nem sempre está intimamente vinculada a técnica, e sim aos indivíduos. Redes Sociais podem ser descritas como estruturas dinâmicas e complexas compostas por pessoas com valores e objetivos- em alguma medida- compartilhados, ligadas umas às outras através de laços construídos geralmente de forma descentralizada. (NUNES, 2014, p.130).

Com o desenvolvimento da *web*, muitas redes sociais digitais vão aparecendo e com isso proporcionando novas experiências de sociabilidades, diferente daquelas vistas no mundo material. Uma sociabilidade virtual, que de certa forma não está separada deste meio, mantém as dinâmicas do mundo social material.

Uma das principais marcas das redes sociais digitais está relacionada ao modo como suas ferramentas permitem a visibilidade, bem como a articulação de laços sociais entre os seus utilizadores a partir das informações produzidas, consumidas e compartilhadas em seus ambientes. Contribuem não apenas com a criação de novas relações, como favorecem a manutenção de sociabilidades construídas no espaço material. (NUNES, 2014, p.149).

Nessa etapa faremos análise tanto de postagens do Facebook, quanto no Instagram. Para analisar os discursos que são atribuídos nesses perfis, farei uma etnografia online, um procedimento metodológico muito usado na atualidade. Com o avanço das tecnologias, novas formas de entender e compreender outras culturas vão surgindo, e em tempos de pandemia, é uma atividade que vem sendo bastante usada nas pesquisas.

Esse tipo de etnografia também proporciona elementos para identificar e legitimar essa metodologia no campo de estudos das Ciências Sociais, mais especificamente como uma ferramenta da Antropologia e Sociologia.

Cada vez mais o mundo digital cerca a vida dos indivíduos, e as redes sociais ganham espaço nos meios sociais. Estudá-las permite enxergar as

representações e ações que as pessoas colocam na *web*, cada dia com mais frequência. As redes sociais agrupam pensamentos iguais e repelem pensamentos diferentes. Estar inserido nesse meio dá margem ao entendimento do que é visto e pensado dentro e fora das redes. Muitas vezes opiniões que não são reveladas no mundo material, ganham força e palanque no mundo virtual das redes sociais.

As defesas de ideias radicais ou fundamentalistas, em publicações em redes sociais, tornam-se fragmentos das representações digitais da sociedade contemporânea, as quais dão amplitude a todas as vozes de todos grupos e comunidades, incluindo aqueles que não aceitam o outro em virtude de valores sociais baseados em nacionalidade, raça, classe e gênero. O que justifica, segundo Latour, o fracasso do projeto de liberdade, igualdade e fraternidade, da modernidade diante das atuais crises das democracias do mundo. Tal acontecimento é digitalmente refletido e pode ser analisado e comprovado na ação dos atores sociais/digitais e suas representações e registros publicados em rede. Por isso, a observação sobre tais demandas em redes sociais pode legitimar a extensão da etnografia tradicional ao campo online das relações sociais, representativas dos fatos sociais. (ALVEZ, 2017, FERRAZ 2017, p.7).

Os atores, sejam nas relações offline ou online, refletem as mudanças da sociedade moderna, trazendo para dentro das redes suas vivências, experiências e opiniões sobre os mais variados assuntos. Os jovens que fazem parte da Mancha Azul refletem bem esse momento, pois, eles usam com frequência as novas tecnologias e as redes. Atualmente quase tudo é postado e comentado, com isso a rede social da torcida e os mais diferentes perfis do segmento proporcionam a esses indivíduos momentos de sociabilidade. Muitas vezes a sociabilidade que é vista na sede ou nos jogos, é reflexo dessa interação virtual, muitas amizades são feitas inicialmente via Facebook e Instagram, para depois se materializar em um encontro pessoal.

Como já exposto, a observação desenvolvida visa perceber a interação dos componentes da Mancha Azul e de como os seus discursos refletem ou não a vivência incorporada pela torcida em seu dia-dia, percebendo como o uso da rede social por esses jovens acabam reorganizando as estruturas da torcida, que são vistas fora do mundo virtual. Com base nisso, (ALVES, 2017) E (FERRAZ , 2017), trazem o seguinte apontamento:

A partir disso, o que demarca a relevância da etnografia virtual desenvolvida nesse trabalho de Hine (2008:17), é a pesquisa no ambiente virtual acentuando a percepção de como as tecnologias da comunicação online são capazes de reelaborar e reestruturar os atores sociais e a produção de cultura no ciberespaço. Por esta perspectiva, o objetivo da etnografia virtual seria a *compreensão das possibilidades da internet e a implicação dos seus usos*. (2017, p.14)

Essa possibilidade de reelaboração das dinâmicas na rede social é um ponto importante para pensar os atores que fazem parte desse processo. Muitas vezes opiniões ou posturas que são inaceitáveis ou coagidas no ambiente da torcida acabam por se materializar no espaço virtual, encontrando pares para dividi-las na rede. As redes sociais nos proporcionam uma ampla análise desses discursos, pois dispõem de uma extensa rede de informações, grupos dos mais variados, páginas, perfis, comentando e divulgando seus pensamentos e suas idéias. Os perfis analisados são os oficiais da Mancha Azul e do Núcleo Feminino, administrados por integrantes ligados à diretoria administrativa da torcida.

Nesta sessão evidenciei os procedimentos metodológicos que permeiam minha dissertação de mestrado. Devido a pandemia, é necessário recorrer não só ao melhor método como também à priorização da saúde de todos que fazem parte da pesquisa.

A pesquisa percorreu problemáticas pertinentes ao mundo das Torcidas Organizadas, dividida em 3 capítulos que trazem à tona diferentes abordagens. O primeiro capítulo inicialmente traz um apanhado histórico das Organizadas, surgimento e consolidação, onde também são apresentados os aspectos de formação da Mancha Azul em Maceió, bem como a participação feminina no futebol como um todo, desde a proibição da sua prática até sua participação nas TOs. As contribuições de Pierre Bourdieu (2002) sobre a *dominação masculina*, e de Norbert Elias (1994) com relação a mudança de poder na balança de gênero, são abordadas no capítulo, apontando como a teoria sociológica fornece elementos para explicar os tensionamentos de gênero que estão sendo observados na pesquisa. Por fim, a sessão se encerra com abordagem da teoria feminista e de gênero, e as contribuições de Scott (1990),

Ortner (1979) e Butler (2017), aprofundando a discussão do conceito com as dinâmicas das torcidas.

O segundo capítulo é de cunho mais etnográfico, onde apontaremos os dados da pesquisa de campo, desde os diários, imagens e as entrevistas que foram desenvolvidas com os interlocutores (as), traçando relações com a teoria. Já o terceiro e último capítulo, consistirá em uma análise sobre as relações que ocorre no ciberespaço, buscando apresentar como os tensionamentos de gênero estão sendo mobilizados nas redes sociais oficiais da Mancha Azul.

## **Capítulo 1- Percursos iniciais: conceituações teóricas metodológicas sobre Torcidas Organizadas, Juventudes e Gênero.**

### **1. Apanhado histórico sobre o surgimento e consolidação das Torcidas Organizadas no Brasil.**

Início a discussão desta pesquisa com um breve apanhado geral sobre o surgimento das Torcidas Organizadas no Brasil, o seu contexto histórico, e de como essas agremiações foram mudando durante o tempo, até chegar ao modus operandi de como é estruturado hoje.

O futebol brasileiro é conhecido em todo mundo como uma escola talentosa que exporta grandes craques e encanta aqueles amantes do esporte britânico com sua ginga e seus dribles. Assim como os jogadores, as torcidas de futebol no Brasil também possuem um grande reconhecimento no meio esportivo, seja pelos grandes volumes dos times de massa, as performances dentro dos estádios e principalmente pela violência protagonizada por esses torcedores organizados. Porém nem tudo é violência e nem sempre foi assim.

O primeiro registro que se tem conhecimento de uma associação de torcedores que se organizou em prol de um clube esportivo, faz menção a *Charanga do Flamengo* comandada por Jaime de Carvalho, torcedor símbolo do clube carioca que na década de 40 junto com outros rubro-negros criou aquela que viria a ser a primeira Torcida Organizada do país.

Em 1942, um funcionário federal do Rio de Janeiro chamado Jaime Rodrigues de Carvalho, torcedor do Flamengo, funda a famosa *Charanga do Flamengo*, uma banda musical que animava os jogos do time. O termo *charanga* é muito comum para nomear as pequenas bandas (denominação usada em São Paulo) que frequentam os estádios do estado do Rio de Janeiro e nos estados do nordeste do país. (TOLEDO, 1996, p. 21)

As dinâmicas que envolviam as atividades da charanga eram bem diferentes das que estamos acostumados a acompanhar hoje em dia. Esses torcedores eram chancelados pelos dirigentes dos clubes e mantinham uma

relação de cordialidade e troca de favores com esses “cartolas”<sup>4</sup>, que por sua vez ajudavam financeiramente os torcedores (TOLEDO, 1996), seja com livre acesso aos estádio ou com outras práticas como o fornecimento de ônibus para que eles pudessem viajar e acompanhar seus times em jogos como visitantes.

A charanga era composta basicamente por indivíduos que tocavam algum instrumento musical, em sua grande maioria instrumentos de percussão e de sopro, elementos que migraram do samba para as arquibancadas (TOLEDO, 1996). Não era prática desses torcedores os protestos contra a má fase dos clubes, muito menos o conflito com participantes de outras agremiações. Muito se fala da charanga com um saudosismo, de uma época que teoricamente o futebol era mais tranquilo. Essa nova maneira de torcer que surgiu nos anos 40, logo ganha repercussão além do Rio de Janeiro.

Seguindo a linha do estado vizinho, em São Paulo surge a Torcida Uniformizada do São Paulo (TUSP), comandada por outros torcedores símbolos, Manoel Porfírio da Paz e Laudo Natel . A prática de associar as torcidas aos torcedores-símbolos era algo recorrente no início dessa trajetória, esses protagonistas ganharam reconhecimento do grande público e até da imprensa esportiva por seus esforços diante das práticas torcedoras.

O Brasil que começava a se identificar como o país da bola, é o mesmo que construiu no imaginário popular a figura do *torcedor-símbolo*, espontâneo e interessado apenas em externar sua paixão pelo time, tal como aparece na fala da torcedora Noêmia, que se queixa das formações atuais das Torcidas Organizadas que “só pensam em brigar desprestigiando o time” ou mesmo que “tudo virou dinheiro e que as torcidas agora só pensam nelas mesmas”. (TOLEDO, 1996, p. 23).

Com a popularização do futebol nos anos subsequentes no Brasil, influenciada pelas campanhas da seleção brasileira nas copas de 58, 62 e 70 consagrando-se tri-campeão mundial, as torcidas vão ganhando notoriedade no cenário esportivo e conseqüentemente seu volume aumenta, assim como a

---

<sup>4</sup> Cartola- Termo nativo do mundo do futebol que faz referência aos dirigentes e mandatários dos clubes.

quantidade de pessoas que passam a acompanhar o futebol no Brasil (TOLEDO, *Ibdem*).

O início dos anos 60 marca o processo do golpe civil-militar que tomou o poder no Brasil, onde o futebol foi usado pelos militares a partir desse momento como uma propaganda para seu governo. Grandes arenas foram construídas em todo território nacional nos anos 70 (TOLEDO, *Ibdem*), o intuito era tornar popular um governo extremamente autoritário. Aliado a isso, existia uma insatisfação por parte de alguns torcedores quanto a postura passiva das charangas, que alinhadas aos dirigentes dos clubes (muitos deles em consonância com os militares que estavam no poder do país) não protestavam contra as más gestões. Esse é um dos motivos que faz surgir no Rio de Janeiro no ano de 1969 a Torcida Jovem do Flamengo, uma célula que se separa da charanga do Flamengo, agora com outro *modus operandi*, e como o próprio nome sugere composta por “jovens” em sua maioria.

No estado de São Paulo, também no ano de 1969, surgem outras agremiações deste tipo com um maior protagonismo para a história das torcidas, a fundação do Grêmio Gaviões da Fiel, torcida do Sport Clube Corinthians Paulista, é um marco nesse processo.

A Gaviões da Fiel surge em um momento de dificuldade do clube, que encarava um jejum de 15 anos sem conquistas, e estavam sob o comando de um mesmo cartola. Assim como no Brasil, não existia democracia no Corinthians, então o surgimento desse novo agrupamento de torcedores organizados tinha o intuito de mudar a relação com o clube, saindo da passividade presente nas charangas. Essa segunda geração de torcedores envolvidos em um contexto sócio-político totalmente diferente já nasce com uma voz ativa dentro e fora das arquibancadas.

A Gaviões da Fiel é responsável por protestos pedindo eleições diretas no seu clube, porém a sua atuação não se restringiu só ao âmbito esportivo. Vivendo momentos de repressão, os torcedores levaram sua insatisfação também às ruas, em campanhas contra a ditadura civil-militar que tinha se instaurado no Brasil. Um dos episódios marcantes ocorre em 1979, quando os corintianos levaram até o estádio do Morumbi uma faixa em favor da anistia,

fato que gerou grande repercussão e retaliação na época, é o que relata Dentinho, importante figura dos Gaviões em entrevista ao historiador Bernardo Buarque de Holanda :

- Bernardo : “ Em 1979, aconteceu um fato marcante para a opinião pública quando abriram a famosa faixa a favor da anistia no setor do Morumbi em que estava a Gaviões da Fiel, em uma partida contra o Santos. Você se lembra desse episódio?

- Dentinho : “ Sem dúvida, inclusive fui eu quem levou essa faixa com os dizeres “Anistia ampla, geral e irrestrita”. Nessa época, eu ainda participava de movimentos sociais. Conversamos na quadra, mas decidimos confeccioná-la fora de lá, pois poderia gerar problemas. Estabelecemos que abriríamos a faixa como uma ação paralela, a qual não teria sido consentida por nossos líderes. Firmamos também um acordo com a Torcida Jovem do Santos e eles concordaram em estender também. Porém, na hora, acabaram desistindo, talvez por temerem uma retaliação. Nós a encontramos, largamos no chão e saímos correndo. Na sequência, um batalhão inteiro veio atrás da gente”. (FLORENZANO; HOLANDA; 2019, p. 314).



Foto: Faixa levada pela Gaviões da Fiel pedindo “Anistia ampla, geral e irrestrita”.

Fonte: <https://agenciauva.net/2018/07/01/democracia-corinthiana-resistencia-a-ditadura-vinda-do-futebol-no-regime-militar-jogadores-e-personalidades-ligadas-ao-corinthians-lideraram-o-que-foi-o-maior-movimento-dentro-do-esporte-pela-demo/>

Como podemos perceber, já existia nessa segunda geração de torcedores organizados um diferencial das charangas. A inquietude tomava

conta desses jovens e não só a Gaviões como outras torcidas surgem no mesmo período na capital paulista com esse mesmo perfil. A Torcida Jovem do Santos surge em 1969, o Tricolor Independente do São Paulo surge em 1971 e a Torcida Uniformizada do Palmeiras surge em 1970. Temos conhecimento do surgimento de torcidas em vários outros estados do país, de norte a sul, cada clube vai ganhando sua TO. A consolidação desse novo modelo se dá nos anos 80 (TOLEDO, 1996), organizadas e burocráticas, agora as torcidas possuíam estatuto, hierarquias, e toda uma dinâmica de sociabilidade a seguir.

As maiores Torcidas Organizadas seguem este modelo. Inauguram, portanto, um novo padrão de sociabilidade entre torcedores de futebol expresso nos comportamentos, na estética, na manipulação de um instrumental simbólico...enfim, num determinado *estilo de vida*. (TOLEDO, 1996, p. 33).

Já mencionado, esse novo modelo do torcer atinge várias regiões e estados do país. Com a formação do Campeonato Brasileiro, nos moldes de hoje, a integração entre os torcedores de vários lugares era cada vez mais presente, com isso surgem as primeiras “alianças”<sup>5</sup> entre torcidas e o primeiro contato de algumas cidades com esse novo jeito de torcer.

No nordeste podemos notar que as primeiras agremiações surgem no final dos anos 70 e início dos anos 80. Porém é nos anos 90 que percebemos uma consolidação maior na região, com o surgimento em massa de várias torcidas, como por exemplo a Leões da TUF (Fortaleza) fundada em 1991, Inferno Coral (Santa Cruz), fundada em 1992, a Mancha Azul (CSA), fundada em 1992 e a Jovem do Sport (Sport), fundada em 1996. É justamente sobre o processo de formação da Mancha Azul que pontuarei a seguir historicamente alguns fatos, desde a sua formação até seu predomínio na capital alagoana.

## **2. A torcida Mancha Azul e sua expansão em Alagoas.**

Assim como no Rio de Janeiro onde as charangas ganharam uma primeira notoriedade, transformando a maneira de torcer, em Alagoas também surgiram os primeiros agrupamentos de torcedores nos moldes cariocas da

---

<sup>5</sup> Aliança- Termo usado no mundo das torcidas, para simbolizar a amizade entre duas ou mais agremiações.

romantização do torcer, de um torcedor pacato, que estaria ali com o intuito apenas de apoiar o seu time do coração.

Em Maceió, as primeiras charangas que se tem notícia surgiram em meados dos anos 70/80, e assim como as cariocas eram conhecidas pelo nome dos seus líderes e torcedores-símbolos, eram elas a *Charanga do Waldomiro* do Clube de Regatas Brasil (CRB), e a *Charanga do Zé Emílio* do Centro Sportivo Alagoano.

Em nível local destaca as organizadas do Zé Emílio, do CSA, e a do Waldomiro do CRB, formadas entre os anos de 70 e 80. “A bandinha do Zé Emílio existe até hoje, mas todas essas naquele clima de espetáculo. Todas em clima muito romântico, avessas a violência”. (SANTOS; 2013, p. 36).

CRB e CSA, formam em Alagoas uma rivalidade histórica e centenária, cada clube ostentando suas cores e seus mascotes, instigam a rivalidade dos torcedores alagoanos. CRB se veste de vermelho e branco e tem um Galo de Campina<sup>6</sup> como mascote, já o CSA é representado pelas cores azul e branco e também ostenta uma ave como seu representante, o Azulão<sup>7</sup>. Assim como no pastoril<sup>8</sup>, folguedo popular alagoano, onde os representantes se dividem nas cores vermelha e azul, o futebol alagoano segue esse simbolismo.



<sup>6</sup> Galo de Campina- nome científico *paroaria dominicana*.

<sup>7</sup> Azulão – nome científico *cyanocompsa brissonii*.

<sup>8</sup> Pastoril- Folguedo popular alagoano, representando durante as festividades natalinas, representam através da dança e encenação toda a religiosidade do nascimento de Jesus Cristo.

A charanga do Zé Emílio ainda é vista em jogos do CSA, mas como um saudosismo que embala os românticos torcedores que ao acompanharem essa banda lembram de tempos antigos do futebol e do seu clube. Aqui podemos perceber o fator geracional que aproxima a charanga dos mais antigos e distância dos mais jovens, o conflito de gerações é inevitável, Bourdieu (1983) chama atenção que essa relação é socialmente construída e – que em um determinado momento “somos sempre o jovem ou o velho de alguém”, fazendo esse paralelo com a teoria de Bourdieu, o surgimento de uma nova geração leva as charangas ao ostracismo, não sendo mais atraente para os agentes que passam a acompanhar seus clubes e as dinâmicas que permeiam aquele ambiente.

Há períodos em que a procura do “novo” pela qual os “recém-chegados” ( que são também, quase sempre, os mais jovens biologicamente) empurram os “já-chegados” para o passado, para o ultrapassado, para a morte social (“ele está acabado) se intensifica e, ao mesmo tempo, as lutas entre as gerações atingem uma maior intensidade: são os momentos em que as trajetórias dos mais jovens e dos mais velhos se chocam, quando os jovens aspiram “cedo demais” á sucessão. (BOURDIEU, 1983, p. 09).

Além disso, podemos perceber que em meados dos anos 80, surgem no clube azulino <sup>9</sup>duas torcidas que segue o modelo das torcidas paulistas e cariocas que já estavam consolidadas. Seus uniformes, faixas, instrumentos e bandeiras, contagiaram os jovens maceioenses, eram elas a Força Jovem do CSA e a Dragões Azulinos. Pouco se tem escrito sobre essas duas agremiações, podemos vê-las em vídeos e recortes de jornais da época, ornamentando e fazendo a festa no estádio Rei Pelé.

---

<sup>9</sup> Clube Azuino – Uma das denominações que popularmente fazem referência ao CSA.



Integrantes da Dragões Azulinos e Força Jovem do CSA juntos na arquibancada. Fonte:  
<http://torcidasalagoas.blogspot.com/p/blog-page.html>

Contudo, essas torcidas duraram pouco, pois no mês de outubro de 1992, os líderes de ambas, resolveram em uma reunião fazer uma fusão, e transformar o que eram duas torcidas em uma única e fortalecida agremiação, com isso surge em 1992 o Grêmio Recreativo Torcida Organizada Mancha Azul, trazendo consigo o lema “*Ideologia, Força e Irmandade*”, que estampa até hoje as camisas da entidade.

A Mancha Azul durante anos foi a única organizada do CSA, se consolidando e mantendo uma grande hegemonia nos jogos do clube azulino. Hoje em dia, o clube conta com mais 5 torcidas, que em menor número também possuem suas dinâmicas e sociabilidades, diferindo em alguns casos daquelas encontradas da principal torcida. As outras torcidas se dividem em: Movimento Organizado Sangue Azul (2010); Movimento Resistência Azul (2012); Torcida Alcoolizada Azulão Chopp (2012); Torcida Povão Azulino (2015); Empoderazul (2019). Essa última agremiação é formada exclusivamente por mulheres torcedoras.

A Mancha Azul nasce nos mesmo moldes organizacionais das anteriores, nada muda, a não ser o nome, agora uma torcida com mais componentes que tinha tudo para se consolidar estadual e regionalmente.

Já nos primeiros anos de sua fundação, a torcida contava com um estatuto, onde consta os deveres e os direitos dos associados, bem como registro em cartório, reconhecendo oficialmente seus diretores. A Mancha Azul nos anos iniciais de sua origem inovou contando com uma diretoria de relações públicas (cargo esse ocupado por uma mulher). Esse fato pode ser constatado em perfis extra-oficiais, ligados a história e aos componentes antigos da torcida.



Foto: Boletim informativo da Mancha Azul, em comemoração ao seu primeiro aniversário. Fonte: Acervo Pessoal.

Com o passar dos anos, a violência que tomou conta das principais torcidas do país também chega à capital alagoana. No início dos anos 90 acontece uma explosão de casos desse tipo, sendo um dos mais emblemáticos nacionalmente a batalha campal ocorrida na cidade de São Paulo durante uma partida das categorias de base envolvendo palmeirenses e são paulinos, deixando vários feridos e um torcedor morto. Esse fato acarretou a punição das torcidas paulistas e uma maior atenção das autoridades e da imprensa sobre as organizadas. Toledo (1996) chama atenção para a violência nas torcidas da seguinte maneira.

Concretamente, estes indivíduos vivenciam experiências comuns que não podem ser, todavia, reduzidas somente a um discurso normativo

sobre violência, expresso nos jornais como foram criadas para bater. Não obstante a violência é um fenômeno próximo e constante entre os torcedores, sobretudo aqueles oriundos das camadas populares. Violência enraizada no meio urbano em que vivem, quer seja objetivada nas ações dos órgãos repressivos do Estado, nas relações cotidianas, nas imagens veiculadas pela mídia, nas condutas autoritárias que perpassam as instituições em geral, entre as quais aquelas vinculadas mais diretamente ao futebol (federações, clubes) e que, sob este aspecto, as Torcidas Organizadas e os indivíduos que a elas convergem não estão descolados desta realidade. (TOLEDO; 1996, p. 32).

O autor direciona o fenômeno da violência nas torcidas apontando que não é algo exclusivo dessa prática, mas sim relacional e deve ser observado sob várias óticas, não reduzindo só as TOs e culpabilizando-as. Porém é um fato que após os anos 90 e a virada do século XX os casos de conflito aumentaram, seja dentro ou fora das praças esportivas. Com isso, as punições e proibições começam a vigorar.

Em Maceió, um outro caso emblemático de violência ocorreu no ano de 2006, na disputa do clássico CSA x CRB, um jogo da categoria master, festivo, onde existia pouco policiamento. O estádio e as ruas do entorno se transformaram em uma praça de guerra, ocasionando em muitas pessoas feridas e detidas pelas autoridades competentes. Esse acontecimento serviu como justificativa para a proibição das duas principais torcidas de Maceió, proibição essa que durou até o ano de 2009, quando finalmente a Mancha Azul pode levar seu nome de volta ao estádio com faixas, bandeiras e camisas.

Entre idas e vindas, proibições e um grande estigma perante a sociedade e a imprensa, a Mancha Azul se consolida como a principal torcida do CSA, uma das principais do estado, reconhecida dentro e fora da região nordeste. Em 29 anos de existência, carrega um grande legado para a história do futebol alagoano.

A participação feminina no mundo do futebol, seja em qual esfera for, ainda hoje é considerada como tabu. A seguir, a discussão se direciona em compreender como a presença delas foi aumentando durante o processo histórico, e de como a busca por protagonismo e reconhecimento é vista dentro das quatro linhas ou nas arquibancadas dos estádios brasileiros, com enfoque

especial para o caso alagoano e mais especificamente em relação a presença feminina na Mancha Azul.

### **3. “Mulheres na bancada”. - as mulheres no futebol e sua presença nas torcidas.**

A presença das mulheres no futebol brasileiro é vista desde o seu processo de popularização, porém essa trajetória é marcada por invisibilização da sua participação, que partiam diretamente dos homens, que observavam essa inserção feminina como uma confrontação às suas masculinidades<sup>10</sup>, tornando assim o esporte menos viril.

É notório que o universo do futebol caracteriza-se por ser, desde sua origem, um espaço eminentemente masculino; como esse espaço não é apenas esportivo, mas também sociocultural, os valores nele embutidos e dele derivados estabelecem limites que, embora nem sempre tão claros, devem ser observados para a perfeita manutenção da “ordem”, ou da “lógica”, que se atribui ao jogo e que nele se espera ver confirmada. A entrada das mulheres em campo subverteria tal ordem, e as relações daí decorrentes expressam muito bem as relações de gênero presentes em cada sociedade: quanto mais machista, ou sexista, ela for, mais exacerbadas as suas réplicas. (FRANZINI; 2005, p. 316).

Essa interferência com o intuito de negar às mulheres seu espaço no futebol encontrou aliados nas instituições legais, que observando uma insurgência feminina em algumas cidades onde organizavam partidas por conta própria, resolveram, por meio de decreto, proibir sua participação em algumas modalidades esportivas. Uma delas foi justamente o futebol, sob o pretexto de proteger a integridade das participantes, descritas como “frágeis”, delimitando seu papel ao lar e as atividades menos laborais.

No entanto, a sugestão da “Interferência dos Poderes Públicos em tais questões” parece ter sido acatada, uma vez que o Decreto-lei 3.199, que em abril de 1941 instituiu o Conselho Nacional de Desportos (CND), afirmava em seu artigo 54 que “as mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de

---

<sup>10</sup> Masculinidades- “La masculinidad no viene en nuestro código genético, tampoco flota en una corriente del inconsciente colectivo esperando ser actualizada por un hombre en particular o simultáneamente por todos los hombres. La masculinidad se construye socialmente, cambiando: desde una cultura a otra, en una misma cultura a través del tiempo, durante el curso de la vida de cualquier hombre individualmente, entre diferentes grupos de hombres según su clase, raza, grupo étnico y preferencia sexual.” (KIMMEL, 1992, pg. 59).

Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país." (FRANZINI; 2005, p. 322).

Dentro de campo a proibição era institucional. Por lei, as mulheres não poderiam jogar futebol. Nas arquibancadas, essa dominação não se via de maneira institucionalizada, porém, era percebida culturalmente. Notava-se a presença delas nas arquibancadas, só que de maneira restrita e em locais específicos. Essa presença era delimitada por um forte marcador de classe, aquelas que pertenciam às classes economicamente abastadas tinham seu lugar reservado ao lado dos seus familiares, já as mulheres das camadas populares eram impossibilitadas de participar do espetáculo futebolístico.

De modo geral, não houve sensibilidade para compreender a entrada das mulheres em campo como uma decorrência da popularização do futebol entre nós. Todas as reações a esse movimento, como se viu, foram no sentido de colocá-las “no seu devido lugar”, banindo-as de dentro das quatro linhas, espaço próprio ao homem. Para elas, futebol só da arquibancada, e ainda assim em lugares reservados, como se fossem guetos da torcida. (FRANZINI; 2005, p. 324).

Esse cenário de proibições e negação da presença das mulheres no âmbito futebolístico se intensifica no período ditatorial no Brasil, perdurando até meados dos anos 80, quando o decreto é revogado, permitindo a participação delas em partidas de futebol (FRANZINI, 2005). Com isso vemos o surgimento de departamentos femininos em diversos clubes de futebol, bem como a participação em competições como a Copa do Mundo e Olimpíadas. Mesmo com todos esses fatores que limitam a participação das mulheres no esporte, o mesmo pode ser visto como um meio de autonomia e empoderamento das mulheres (PISANI, 2014). Hoje o futebol feminino possui uma relativa visibilidade, dada as devidas proporções, um longo caminho ainda deverá ser traçado, para que tenhamos uma possível equidade com a categoria masculina.

Assim , é possível pensar a prática do futebol feminino como um espaço legítimo para o exercício do agenciamento e do empoderamento das mulheres já que o esporte, além de ser um terreno promissor para “testar hipóteses sobre as mudanças nas relações e representações de gênero na sociedade contemporânea é um lugar particularmente sensível para indagar os rumos de uma cultura em transição – transição para padrões mais igualitários, mais ‘

andróginos', ou talvez avançando, embora lentamente, no sentido de uma certa 'despadronização'" (ADELMAN, 2006, p. 11 apud PISANI, 2014, p. 3).

Após esse apanhado geral sobre a trajetória do futebol feminino no Brasil, os apontamentos feitos a seguir, visam dar contribuições acerca exclusivamente do papel das mulheres nas arquibancadas, de sua inserção nas torcidas organizadas e de como elas vêm ganhando espaço e visibilidade nas disputas e nos espaços onde os tensionamentos de gênero são evidentes.

Com o passar do tempo essa presença vêm se intensificando e essas mulheres buscam cada vez mais espaço nesse ambiente extremamente masculinizado. É comum nos dias atuais observar mulheres atuantes na torcida, sejam como componentes, tocando instrumentos ou ocupando cargos em diretorias.

A mulher como ser-que-torce vem se configurando em um perfil feminino cada vez mais comum, perfil que se manifesta por diferentes meios que vão desde as arquibancadas até os espaços virtuais da Internet. Em grupo ou isoladas, o fato é que as torcedoras de futebol vêm ganhando visibilidade, estimulando, desse modo, novas formas de composição identitária feminina, assim como, criando um público apreciador e consumidor de futebol que traz para esse esporte diferentes demandas e significados. (COSTA; 2006, p. 01).

As torcidas organizadas são compostas por um número elevado de jovens do sexo masculino, que trazem consigo reflexos da formação da nossa sociedade para o meio social da torcida, uma sociedade influenciada pelo patriarcalismo que carrega consigo até hoje resquícios desse pensamento.

As mulheres dentro das torcidas ainda buscam legitimidade e seu espaço, como já mencionado. Os símbolos que estão dispostos em sua maioria remetem a masculinidade, são poucos os materiais<sup>11</sup> que exaltam os Núcleos Femininos das agremiações, em comparação a outros materiais. Os materiais e artes que observamos nos jogos ou nas sedes reflete essa dicotomia de tratamento. Enquanto o personagem principal da torcida é retratado em muitas

---

<sup>11</sup> Materiais- Termo nativo usado entre as torcidas, que abrange desde vestimentas até faixas e bandeiras.

ocasiões com músculos avantajados ou em situações que demonstre a virilidade dos homens, o personagem feminino é demonstrado com sutileza e delicadeza, e realçando a beleza feminina.



Foto 1: Chamada da torcida para o clássico contra o rival CRB; Foto 2: Logomarca oficial do Núcleo Feminino da Torcida Mancha Azul. Fonte: [https://www.facebook.com/manchaazuldocsaoficial/photos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/manchaazuldocsaoficial/photos/?ref=page_internal)

Essa diferença também é vista nas músicas que são cantadas pela torcida, quando remete ao Núcleo Feminino, sempre exalta a beleza da mulher azulina em detrimento as rivais, porém são poucas as músicas que fazem essa alusão, a maioria dos cânticos é destinada ao clube e situações de confronto ou possível confronto dos homens com os torcedores rivais.

Música "Avisa lá"- Mc Polho

Avisa lá

Avisa lá

Para a cambada de pilantra

Mancha Azul não te perdoa

E se botar a cara a gente te espanca

E se pegar um de "nós"

"nois" pega 10 de vocês

Comédia fique ligado que vai chegar sua vez

Mancha Azul bonde bolado é o terror de vocês...

Música Núcleo Feminino- Mc Bakana

No núcleo feminino

Tá ligado é só gatinha

Só gatinha

Elas vem toda de Mancha arrasando me alucina

Quando tem jogo no trapichão

Elas rebolam me deixando loucão...

A escassez dessa influência feminina muitas vezes é justificada pelos homens por conta do temperamento das mulheres, que acabam enfraquecendo o sentido de união dentro dessas agremiações (COSTA, 2006).

Percebemos que nos estudos sobre juventudes, existe uma tendência em “invisibilizar” à presença feminina nas culturas juvenis, muitas vezes elas são vistas só como fonte secundária desses movimentos jovens. Quando falamos em movimentos juvenis generalizamos, não trazemos à tona as diferenças de gênero (WELLER, 2005).

Nas incursões ao campo de pesquisa, fica nítido como a presença das mulheres na torcida sofre um processo de invisibilização em atividades que demandam um maior prestígio para a instituição. Os homens são os que predominam, seja em grandes caravanas, na colocação das faixas no estádio ou em festas de aliados. O *status quo* oprime e restringe a participação feminina nas atividades que tem uma aproximação com aquelas desenvolvidas nas suas casas, então, a elas são destinados os eventos que demandam um maior zelo, concentração e sutileza. Podemos citar como exemplo, as ações sociais, que em alguns casos são encabeçadas por mulheres. Pude observar no dia 23-10-2020, dia em que a torcida comemora sua fundação, na festa que ocorreu em sua sede, que as mulheres estavam destinadas naquele dia a controlar a entrada, organizar a fila e vender os ingressos do evento. Esses fatos demonstram como as dinâmicas estão consolidadas e pré-estabelecidas para homens e mulheres que fazem parte da Mancha.



Ação Social em conjunto entre o Núcleo Feminino da Mancha e a Rebelião Feminina da Sangue Azul. Fonte: <https://www.facebook.com/manchaazuldocsaoficial> .



Foto: Colocação das faixas e bandeiras da torcida no Estádio Rei Pelé durante a pandemia. Fonte: <https://www.facebook.com/manchaazuldocsaoficial>.

As discussões sobre o papel da mulher na sociedade cada vez mais ganham destaque em estudos acadêmicos, no mundo das torcidas esse papel se intensifica. É comum ver núcleos femininos ou torcidas formadas só por mulheres, reivindicando seu espaço nesse ambiente extremamente masculinizado, reivindicando seu direito de torcer (MORAES, 2017). Com o fato que culminou na suspensão do núcleo feminino da Mancha Azul, algumas integrantes que foram expulsas foram acolhidas por outras mulheres e fundaram um movimento composto só por elas, denominado de “Empoderazul”, onde pautas feministas são constantemente levantadas, dentro e fora do estádio.

O Empoderazul, é um movimento de torcedoras organizadas, que foi fundado em 2019. O seu principal objetivo é agregar mulheres em volta do torcer pelo CSA. O movimento não consta com a presença masculina, as mulheres desenvolvem todas as atividades relacionadas a torcida, desde as reuniões com os órgãos fiscalizadores até a colocação de faixas e bandeiras no estádio. Além disso, levam para o estádio Rei Pelé, pautas relacionadas a luta feminina, e buscam representação nesse ambiente dominado por homens.

Esse maior protagonismo das mulheres nas torcidas e no futebol encontra um grande aliado nas redes sociais, é no ciberespaço que muitas reivindicações começam e é nos fóruns que os conflitos de gênero podem ser observados. Levar em conta as sociabilidades nas redes sociais é um importante passo para compreendermos discursos que são “invisibilizados” no mundo off-line. Nesse caso a internet não deve ser vista só como um meio de comunicação, pois, ela também produz relações sociais (CASTELLS, 2005, apud, SCALCO, 2009).

Os apontamentos feitos acima são pertinentes para pensarmos as relações de gênero não só no futebol dentro de campo, como também nas outras esferas que permeiam o esporte, dando um maior enfoque na participação das mulheres nas arquibancadas e as dinâmicas dispostas a elas nas Torcidas Organizadas. A próxima sessão da pesquisa busca trazer a discussão de gênero sobre a perspectiva geral, de uma teoria sociológica mais abrangente.

#### **4. Contribuições da teoria geral para pensarmos gênero: Elias e Bourdieu.**

A Sociologia enquanto ciência nos fornece elementos teóricos sobre perspectivas distintas de um mesmo fenômeno social. As contribuições de Norbert Elias e Pierre Bourdieu, ambos renomados em suas áreas, que buscaram durante suas trajetórias fazer apontamentos sobre a relação indivíduo e sociedade, vão nortear alguns apontamentos da pesquisa. Utilizaremos alguns conceitos dos autores para problematizar as relações e os tensionamentos de gênero estão presentes no modus operandi das torcidas.

Entender o processo de formação de uma TO é algo muito complexo, o que atrai os indivíduos até esse fenômeno é algo bastante intrigante, e mais do que essa atração, é o que faz esses agentes permanecerem como integrantes dessas torcidas? Quais os sentidos e os sentidos de pertencimento mobilizados por esses agentes?

Um dos pontos bem demarcados na sociedade moderna, e que se reverbera nas torcidas, são as disputas quanto às questões de gênero. Homens e mulheres dividem os mesmos espaços e estão em constante disputa por eles, seja material ou simbolicamente. Com isso, à luz das contribuições elisianas e bourdieusianas, traçarei alguns apontamentos e relações das teorias sociológicas desenvolvidas por esses autores com o objeto de pesquisa.

##### **4.1 A balança “nós-eu” na teoria de Norbert Elias.**

Norbert Elias, um dos sociólogos mais importantes do século XX, traz consigo a teoria figuracional, onde aponta que os indivíduos estão sempre dispostos em “figurações” das mais diversas. O autor considera que figurações são constructos culturais historicamente produzidos e socialmente assimilados por indivíduos de um determinado grupo na sociedade, esse é um processo de longa duração. Essas figurações são interdependentes umas com as outras, moldam os indivíduos e suas ações. Quanto mais complexa a sociedade, maior o grau de individualização e a autonomia desse indivíduo.

Atualmente a função primordial do termo “indivíduo” consiste em expressar a ideia de que todo ser humano do mundo é ou deve ser uma entidade autônoma e, ao mesmo tempo, de que cada ser humano é, em certos aspectos, diferente de todos os demais, e talvez deva sê-lo. (ELIAS; 1987, p. 106).

Essa autonomia do indivíduo é característica das sociedades modernas, onde as suas estruturas demandam uma maior complexidade nas relações sociais. Se individualizar é uma maneira de se diferenciar do outro, mantendo assim a sua identidade “eu” mais sólida que a identidade “nós”.

É característico das estruturas das sociedades mais desenvolvidas de nossa época que as diferenças entre as pessoas, sua identidade-eu, sejam mais altamente valorizadas do que aquilo que elas têm em comum, sua identidade-nos. (ELIAS; 1987, p.)

Elias chama atenção justamente para esse movimento nas relações e nos tensionamentos entre os indivíduos durante o processo histórico das sociedades, ele denomina esse movimento de balança “nós-eu”, movimento que se assemelha ao de uma balança, onde a depender da figuração a balança estará mais forte para um lado ou para outro.

A depender das transformações sociais uma determinada identidade ou posição poderá gozar de mais prestígio em favor do grupo ou do indivíduo. O autor aponta que em sociedades antigas o senso de coletividade predominava, dificultando a diferenciação e a individualização dos indivíduos. Ser diferente nessas sociedades era ir de encontro ao grupo como um todo, podemos citar tribos, clãs, aldeias e etc.. como exemplo de formações pré- capitalistas.

A identidade grupal da pessoa isolada, sua identidade-nós, tu ou eles, desempenhava um papel importante demais na práxis social do mundo antigo, comparado ao da identidade-eu, para gerar a necessidade de qualquer conceito universal relativo à pessoa isolada como uma entidade- agrupal. (ELIAS; 1987, p.)

A ideia de um indivíduo sem grupo nas sociedades antigas era algo inaceitável, seria considerado sem importância perante ao grupo e perderia seu valor diante dos outros indivíduos nas relações sociais vigentes.

Como já mencionado, a mudança na estrutura da sociedade também leva a mudanças da relação dos indivíduos que nela habitam. Se em sociedades antigas e menos complexas a tendência é um predomínio do poder grupal, em sociedades mais populosas e mais complexas, como são as sociedades capitalistas modernas, temos uma inversão na balança, e a identidade-eu passa a predominar em relação a identidade-nós, gerando assim uma maior autonomia, individualização e diferenciação dos indivíduos que compõem esse meio social.

A cada transição de uma forma menos populosa e menos complexa da organização predominante de sobrevivência para uma forma mais populosa e mais complexa, a posição de cada pessoa isolada em relação à unidade social que todas compõem juntas- em suma, a relação entre indivíduo e sociedade- modifica-se de modo característico. Se tentássemos apresentar a direção dessa mudança de maneira um tanto simplificada para torná-la passível de uma investigação mais detalhada, diríamos que o avanço para uma nova forma dominante de um tipo mais complexo e mais abrangente de organização humana caminha de mãos dadas com uma nova mudança e um padrão diferente de individualização. (ELIAS; 1987, p. )

A complexificação das relações sociais, transformam a relação da balança. Elias aponta que não existe Identidade-eu sem a identidade-nós. Elas são interdependentes, o que temos é que a depender do tempo histórico, a balança de poder poderá variar para um polo ou outro.

Feito esse breve resumo sobre a teoria elisiana, dando ênfase à balança “nós-eu”, qual a relação que podemos traçar com as torcidas organizadas, e as problemáticas que encontramos em seu meio social?

É perceptível nas diversas camadas que compõem o mundo do futebol o predomínio de pensamentos e ações orientados pela perspectiva de uma masculinidade hegemônica e das tensões entre os gêneros. Esse processo demonstra bem as relações de poder da balança apontadas pelo autor, e de como o gênero nesse ponto é produtor de diferenciação entre os indivíduos.

A masculinidade hegemônica é um conceito caro aos estudos de gênero e nesse caso me ajudará a entender a conduta que muitos homens adotam com as mulheres. Essa masculinidade se apresenta dominante entre os agentes exercendo uma força coercitiva entre eles. Essa construção está

imersa em relações de poder, tornando a convivência entre eles desigual, colocando a mulher como subordinada ao homem (KIMMEL; 1998). A virilidade deve ser posta a prova sempre que exigida, é uma relação que se retroalimenta a cada ato, sempre sendo feito em diversas situações.

A masculinidade deve ser provada, e assim que ela é provada, ela é novamente questionada e deve ser provada ainda mais uma vez; a busca por uma prova constante, durável, inatingível, torna-se em última instância uma busca tão sem sentido, que ela assume as características, como disse Weber, de um esporte. (KIMMEL;1998, p. 111).

Existem alguns episódios que podem elucidar melhor essa relação. As Torcidas Organizadas no Brasil desde a sua gênese foram formadas em sua maioria por homens e com o passar do tempo as mulheres foram adquirindo espaço e legitimidade dentro dessas instituições. Hoje em dia pode-se perceber um número maior de mulheres diretoras de torcidas, instrumentistas e agremiações formadas só por mulheres. No que diz respeito às relações de poder, cada dia mais as mulheres estão se aproximando nessa balança dos homens, e quanto maior a proximidade, maior os conflitos entre os gêneros.

Como já mencionado, ainda é muito comum nas torcidas os espaços pré-determinados que cada indivíduo pode frequentar. Pode perceber essa diferenciação a partir de algumas situações. Vejamos alguns exemplos, as mulheres não podem viajar em jogos que são considerados de “guerra”,<sup>12</sup> a elas fica reservado o espaço em casa para torcer pelo rádio ou tv. Seu papel muitas vezes dentro dos Núcleos Femininos é de apoiar em ações sociais e atividades de cunho mais afetivo. Olhando as redes sociais da Mancha Azul, pude perceber uma maior movimentação das meninas justamente nos eventos sociais. Analisando o cotidiano dos Guayaquis, o antropólogo Pierre Clastres (1973) chama atenção para os signos que determinam simbolicamente o espaço dos sexos na vida cotidiana deste grupo. Pode perceber algo semelhante a essa dinâmica nas relações entre homens e mulheres da torcida Mancha Azul. Não transportar a faixa é um ato de manter a ordem que está regulamentando as dinâmicas de gênero desse grupo social.

---

<sup>12</sup> Guerra- o termo jogo de guerra é usado para anunciar uma partida contra um time cuja torcida é rival.

Esse tabu sobre o contato físico com insígnias mais evidentes do sexo oposto permite evitar assim toda transgressão da ordem socio-sexual que regulamenta a vida do grupo. (CLASTRES; 1973, p. 75).

O campo demonstrou que nas atividades como a colocação das faixas da Mancha Azul no Estádio Rei Pelé até a retirada do material no pós-jogo não houve a participação feminina. E as faixas e bandeiras que representavam o Núcleo Feminino foram colocadas com menor frequência em relação aos outros materiais.

Com isso, é perceptível como as disputas relacionadas ao gênero são extremamente relevantes quando falamos em torcida organizada. Por mais que as mulheres tenham conquistado cargos e maior visibilidade nesse meio, existe uma monopolização do prestígio por parte dos homens.

Norbert Elias fornece elementos teóricos para entender como a relação indivíduo e sociedade é vista durante os processos históricos, e como as relações de poder, oriundas de mudanças na balança “nós-eu” fornecem elementos para que possamos problematizar as relações de gênero e diferenciação nesse fenômeno social.

Outro sociólogo do século XX que traçou apontamentos sobre esse tema, dando ênfase à dominação masculina na sociedade, foi o francês Pierre Bourdieu. Com isso, utilizarei alguns conceitos desse autor para problematizar aspectos referentes às dinâmicas de gênero que se expressam na torcida organizada em questão.

#### **4.2- Pierre Bourdieu e a dominação masculina.**

Em uma importante contribuição sociológica, Bourdieu traz à luz da teoria da ação apontamentos sobre o que ele vem chamar de dominação masculina. Analisando os berberes da Cabília (Argélia), ele aponta elementos de como essa dominação é formada.

A divisão dos sexos na sociedade não é natural como prega o senso comum, ao contrário, é socialmente construída. Essas ações são internalizadas e externalizadas constantemente. Como diria Bourdieu (2002), seria o *habitus*,

e no caso da relação de gênero, esse *habitus* tende sempre a favorecer o homem e sua masculinidade.

A divisão entre os sexos parece estar “ na ordem das coisas”, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas (na casa, por exemplo, cujas partes são todas “sexuadas”), em todo mundo social, e em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação. (BOURDIEU; 2002 p. 11).

O autor aponta que essa divisão sexual está presente tanto nas coisas materiais, quanto nos corpos dos sujeitos. Essa divisão pode ser percebida em várias instâncias da nossa sociedade, seja na escola, no trabalho, na universidade e também no mundo do futebol, mais especificamente nas Torcidas Organizadas.

Como já apresentado, as contribuições de Elias são úteis para perceber os conflitos da balança “nos-eu” nas torcidas. Já Bourdieu, fornece elementos para entender como as disposições dos agentes que figuram nesse meio são construções sociais, herança de uma dominação que está presente na sociedade há muito tempo, ou seja, as relações de gênero dentro das torcidas são reproduções de um modelo vigente.

Quando uma mulher é impedida de balançar a bandeira da sua torcida, quando é proibida de viajar em determinados jogos ou recebe punições por buscarem autonomia dentro da agremiação, é nesse momento que percebemos essa dominação, onde a masculinidade toma para si o controle das regras e de certos costumes.

A masculinidade e sua força dispensam justificativas (BOURDIEU, 2002). Segundo o autor, essa visão androcêntrica é imposta e não tem necessidade de discursos que a legitimem. Essa situação de dominação também coloca os dominantes em papel de dominados. O teórico chama atenção para este ponto, onde por mais que os homens exerçam papel de dominação, eles acabam também sendo submissos a uma lógica que lhes é imposta.

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturadas de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão. (BOURDIEU, 2002. )

Quando uma mulher é impedida de frequentar um ambiente ou de exercer alguma atividade, seja ela qual for, como é comumente visto no mundo das Torcidas Organizadas, essa coação por parte dos homens é vista por Bourdieu como um tipo de violência a qual ele chama de “violência simbólica”. Essa violência acaba se instituindo por adesão do dominado que não pode deixar de conceder ao dominante, fazendo com que essa relação pareça natural e o dominante faça o dominado incorporar essas classificações (BOURDIEU, 2002).

A virilidade, muito observada no futebol e nas torcidas, também é um ponto de distinção. Quando uma mulher é impedida de ir em um jogo considerado perigoso, os homens observam nesta conduta uma relação só deles, onde em grupo vão potencializar a masculinidade e o “ser masculino”. Incluir uma mulher nesse momento seria torná-los menos viris, uma demonstração de fragilidade perante os “inimigos” que os aguardam, ou seja, as mulheres são bem vindas, desde que não modifiquem o *status* do que é ser masculino naquele ambiente. Bourdieu aponta:

Inúmeros ritos de instituição, sobretudo os escolares ou militares, comportam verdadeiras provas de virilidade, orientadas no sentido de reforçar solidariedades viris (BOURDIEU, 2002).

A virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo. (BOURDIEU, 2002).

A virilidade acaba sendo um demarcador também para os homens, que muitas vezes em grupo, temem não exercer uma determinada atividade e se sentirem excluídos do mesmo, sendo associados a “mulherzinhas” “viados” etc. No universo das TOs, essa é uma alcunha inaceitável para os homens que

compõem a torcida, tendo em vista que os atributos femininos são sempre utilizados para desqualificar os rivais.

No mundo do futebol, a associação com o mundo LGBTQIA+ é comumente rechaçada, associada a fraqueza ou termos são usados de maneira pejorativa para atacar o outro, podendo ser uma torcida, um jogador ou um mero desafeto. Um dos casos mais famosos é o da torcida do São Paulo, que constantemente tem sua imagem associada ao Bambi, personagem de desenho animado criado pela Walt Disney, que simboliza um veado, animal associado a homossexualidade masculina. Quando as torcidas rivais chamam um são-paulino de bambi, seu objetivo é de mostrar superioridade sobre eles, aqueles que são viris e fortes *versus* os fracos e afeminado que devem ser combatidos.

Essa repressão ao feminino e o culto a virilidade, atinge os jogadores de futebol, aqueles que não se enquadram nesse perfil sofrem represálias de torcedores, dirigentes e até mesmo de outros jogadores. O caso do jogador Richarlyson é bastante emblemático, o ex-jogador do São Paulo e da seleção brasileira, passou toda a sua carreira escondendo sua sexualidade, e tendo seu trabalho deslegitimado justamente por não externalizar símbolos de masculinidade. Recentemente, já aposentado, o jogador revelou sua bissexualidade<sup>13</sup> em um podcast. Recebeu apoio dos clubes por onde jogou e de outros jogadores, porém em alguns meios do futebol, ainda é vítima de homofobia.

Certas formas de “coragem”, as que são exigidas ou reconhecidas pelas forças armadas, ou pelas polícias (e, especialmente, pelas “corporações de elite”), e pelos bandos de delinquentes, ou também, mais banalmente, certos coletivos de trabalho – como as que, nos ofícios da construção, em particular, encorajam e pressionam a recusar as medidas de prudência e a negar ou a desafiar o perigo com condutas de exibição de bravura, responsáveis por numerosos acidentes – encontram seu princípio, paradoxalmente, no *medo* de perder a estima ou a consideração do grupo, de “quebrar a cara” diante dos “companheiros” e de se ver remetido a categoria, tipicamente feminina, dos “fracos”, dos “delicados”, dos “mulherzinhas”, dos “vedos”. (BOURDIEU, 2002.)

---

<sup>13</sup> <https://www.gazetaesportiva.com/times/sao-paulo/apos-assumir-bissexualidade-richarlyson-ganha-apoio-do-sao-paulo-respeito-maximo/>.

Dito isso, a teoria bourdieusiana nos fornece elementos para entendermos essa dominação masculina no universo das torcidas, que integradas predominantemente por homens, reproduzem essa lógica de dominação e a manutenção do *status quo*. Por mais que se tenha hoje em dia uma grande reivindicação das mulheres em busca de legitimidade, algumas relações continuam sendo propagadas sobre a ideia de virilidade e masculinidade.

Essa liberdade, entretanto, não anula a dicotomia entre os gêneros. Ainda continuamos a ser norteados por certos padrões ideais de feminilidade e masculinidade concebidos, muitas vezes, como entidades coerentes e que não se entrecruzam. Os esportes, vistos por Edgar Morin (1975) como um dos últimos redutos próprios para a afirmação da masculinidade, representam um dos espaços mais interessantes para pensarmos questões relativas aos mecanismos de construção social dos gêneros. (COSTA, Pág. 20)

Vale destacar com bastante atenção e cuidado que as contribuições de Pierre Bourdieu sobre a dominação masculina são importantes e auxiliam-nos a situar a vigência estrutural do patriarcado, mas se esgotam ao encontrarem-se com problemas de ordem epistemológica em relação aos amplos avanços científicos e teóricos do feminismo. Estando inserida nas lógicas patriarcais, a ciência também reproduz apagamentos e obscurecimentos de trajetórias femininas, fazendo com que as narrativas femininas estivessem subjugadas às masculinas. A crítica feminista evidencia que foi isto que aconteceu com Bourdieu: a dominação masculina sobre a qual ele escreveu também se reverberou na própria obra ao desconsiderar os avanços de Beauvoir em “O Segundo Sexo” (1949).

No que diz respeito ao processo de construção da mulher enquanto sujeito do feminismo, os dizeres de “A dominação masculina” não compreendem que esta dominação não surge de premissas naturais ou biológicas, e não é inconsciente ou permissiva. A dominação masculina é uma modalidade específica de dominação que emerge de um tipo multifacetado de poder (patriarcal). As mulheres não só reconhecem estas disparidades como também podem problematizá-las na medida em que se deparam com ela,

como sugere Michael Burawoy (2009) ao questionar a posição de Simone de Beauvoir nas análises de Bourdieu.

Trazendo essa análise ao universo desta pesquisa, as mulheres não só reconhecem e analisam em certa medida as disparidades de gênero as quais vivenciam dentro da torcida organizada como criam estratégias de “escapismo” (BURAWAY, 2009, p144) para contornarem-as. No capítulo 2 algumas dessas estratégias ficam em evidência a partir dos relatos de interlocutoras integrantes da Mancha Azul, mas diante não é válido afirmar que apesar de existente e determinante em contextos de assimetria de gênero, a dominação masculina não é um processo inerte, natural ou inconsciente entre as mulheres. Ela não só é reconhecida e interpretada como também pode ser transgredida através de estratégias específicas.

O caminho para uma igualdade de gênero nas Torcidas Organizadas ainda é longo. Muitos passos já foram dados nessa direção e a sociologia nos fornece os meios adequados para entendermos esse processo. Portanto, podemos acionar as teorias desses dois renomados sociólogos para interpretar de maneira científica e crítica as relações e os conflitos de gênero que são observados no âmbito das Torcidas Organizadas brasileiras.

O processo de emancipação de mulheres indica possibilidades múltiplas de existência e continuidade. A última sessão deste capítulo visa fazer uma discussão mais densa entre as teorias de gênero, relacionando com a participação das mulheres na Torcida Organizada Mancha Azul. Para isso, farei uso das contribuições teóricas de Judith Butler e da relação que a autora faz com a regulação dos corpos femininos na sociedade e de sua influência na performance delas nas atividades que se dispõem a participar.

## **5. Gênero e a teoria feminista: pensar a participação das mulheres na torcida.**

Durante os primeiros tópicos da pesquisa, fiz uma análise histórica dos processos de formação e consolidação das Torcidas Organizadas no Brasil, dando um enfoque especial ao surgimento desse fenômeno em Alagoas.

Trazendo elementos que demonstram os tensionamentos de gênero nesse ambiente.

A partir deste último tópico, as contribuições das teorias feministas e de gênero nortearão a pesquisa, fornecendo apontamentos necessários para entendermos as questões em torno das tensões de gênero na sociedade contemporânea, e de como tudo isso se reverbera na formação e nas dinâmicas da Torcida Organizada Mancha Azul.

Os estudos de gênero surgem a partir da urgência de analisar e compreender as diferenças entre homens e mulheres que são produzidas e reproduzidas nos mais diversos contextos e aspectos de uma determinada sociedade. Os referenciais teóricos e metodológicos das Ciências Sociais (especialmente da Antropologia) construídos a partir do enquadramento de “gênero” como uma categoria de análise (SCOTT, 1990) que fornece subsídios para apreensão dessas diferenças enquanto fenômenos observáveis sociologicamente, lançam luz sobre as relações sociais, hierárquicas, institucionais e estruturais, e como estas operam sob a lógica do gênero.

A evolução do paradigma do gênero nas Ciências Sociais, como dito anteriormente, coloca-o como uma categoria analítica, metodológica e não mais apenas um aporte conceitual, buscando compreender como operam e se organizam as diferenças entre homens e mulheres em cada objeto de observação. Para além de identificar quais são as diferenças propriamente ditas entre homens e mulheres em um substrato da nossa sociedade, a utilização analítica de gênero pressupõe um avanço ao propor que essas diferenças sejam analisadas a partir das simbolizações culturais construídas a partir delas e como estas operam na realidade observada.

Ao analisarmos as diversas esferas da nossa sociedade, ainda é perceptível as diferenças para homens e mulheres nos espaços que ocupam, seja no trabalho, nas escolas, nas universidades ou no futebol (em seus mais diferentes subcampos). As sociabilidades e as dinâmicas se apresentam para ambos de maneiras diferentes, assim como a disposição dos seus corpos nos espaços que estão inseridos. Devemos nos atentar que esse não é um

fenômeno natural, e sim socialmente construído (BUTLER, 2017), de acordo com as mudanças da nossa sociedade.

Sherry Ortner (1979), antropóloga americana, que desenvolveu estudos sobre gênero, em seu texto *Está a mulher para o Homem assim como a natureza está para a Cultura ?*, traça apontamentos demonstrando como a relação de “inferioridade” da mulher é observada em grandes sociedades, e de como essa lógica acaba sendo tão persuasiva que mantém seu poder sobre as pessoas, a autora também vai apontar indícios para a mudança desse cenário.

Nesse artigo tento expor a lógica subjacente do pensamento cultural que assume a inferioridade feminina, tento mostrar a natureza altamente persuasiva da lógica, pois se não fosse tão persuasiva, as pessoas não permaneceriam de acordo com ela. Mas também tento mostrar as fontes sociais e culturais da lógica para indicar onde se encontra o potencial para a mudança. (ORTNER, p. 96)

A autora usa argumentos que são colocados na sociedade, com o intuito de diminuir a ação feminina, para demonstrar que essa inferioridade é construída socialmente. Esse processo é justificado aproximando a mulher mais da natureza, enquanto isso o homem é conectado à cultura.

“Portanto, a formulação que eu gostaria de defender e elaborar no próximo tópico é que as mulheres são consideradas “simplesmente” como estando *mais próximas* da natureza do que os homens. Isto é, a cultura (ainda assim equacionada relativamente sem ambiguidades pelos homens), reconhece que as mulheres são participantes ativas em seus processos especiais, mas ao mesmo tempo as considera como sendo enraizadas ou tendo afinidade mais direta com a natureza.” (ORTNER, p. 102).

Essa dicotomia, natureza versus cultura, vai nortear o texto de Ortner (1979), discussão que julgo pertinente para o início da nossa abordagem, pois como já mencionado acima, aproximar os gêneros desses conceitos é uma maneira de sobrepôr o homem e as suas atividades como superiores, controlando e regendo as mulheres na sociedade.

“ Em todo o caso, minha posição é simplesmente que cada cultura reconhece e mantém implicitamente uma distinção entre a atuação da natureza e a atuação da cultura (a consciência humana e seus produtos), e mais, que a diferença da cultura, se apoia precisamente no fato de poder na maioria das circunstâncias transcender as condições naturais e transformá-las para seus propósitos. Portanto, a

cultura (isto é, cada cultura) em algum nível de percepção demonstra não ser somente distinta da natureza mas superior a ela, e este sentido de diferenciação e superioridade se apoia precisamente na capacidade de transformar – “socialização” e “culturação” – a natureza.” (ORTNER, p. 101).

Ao se valer desses argumentos, atividades desempenhadas por mulheres acabam sendo deslegitimadas por homens, associar a mulher como sendo aquela responsável pela reprodução e organização do lar, reduz sua participação na sociedade a aspectos meramente biológicos, (ORTNER, 1979) chama atenção para esses fatores, e vai desconstruindo essa ideia.

Percebemos esse comportamento dentro da Torcida Organizada Mancha Azul. As mulheres da torcida, como já mencionado no trabalho, acabam se responsabilizando pelas atividades de cuidado da torcida, como a limpeza e manutenção da sede, organização da feira dos componentes que moram e vivenciam a torcida integralmente, bem como organização das ações sociais. Podemos associar essas atividades como relacionadas às questões da natureza, e poucos são os espaços dados as mulheres da torcida para se inserirem em outras dinâmicas, que são ocupadas predominantemente por homens. Estes, por sua vez, ficam dispostas as atividades de proteção da sede, cuidado com os materiais da agremiação, obtenção de recursos financeiros e a maioria das práticas de lazer que envolvem a torcida.

Dito isto, nas inserções ao campo de pesquisa, além de analisar as atividades que estavam sendo desempenhadas, puder perceber a disposição dos corpos nessas atividades, como homens e mulheres se portavam durante as atividades. Os espaços que acabavam ocupando demarcavam fronteiras, que a olhos despercebidos podem não ser relevantes, porém uma observação mais apurada revela esse tensionamento entre os gêneros na torcida.

Os corpos se dispõem em um espaço de maneira natural? Como podemos relacionar as questões de gênero postas nesses tensionamentos com a vivência das mulheres componentes da Mancha Azul? Judith Butler, filósofa estadunidense, fornece em sua teoria, conceitos que nos ajudam a elucidar esses questionamentos.

Acionamos a teoria Queer para entendermos melhor o processo de constituição do gênero na nossa sociedade e de como subjetivamente essa formação influencia os mais diversos fenômenos sociais. Teoricamente falando, Butler faz uma crítica ao binarismo sexo/gênero acionado por algumas autoras da teoria política feminista, a autora propõe que ambos são construções sociais, e que não pode conceber o sexo como algo naturalmente posto.

A categoria do “sexo” é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de “ideal regulatório”. Nesse sentido, pois, o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é a parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla. (BUTLER, pág. 01).

Esse rompimento que a autora faz, ao afirmar que a categoria sexo não é algo natural, e sim também construída a partir de relações de poder, e das normas pré-definidas é fundamental para entendermos essa questão. O sexo é posto como natural, justamente como uma tentativa de impor uma regra e um padrão, conexos com a heteronormatividade, que se beneficia desse binarismo, que de maneira coercitiva impõe as suas vontades.

Podemos referir-nos a um “dado” sexo ou um “dado” gênero, sem primeiro investigar como são dados o sexo e/ou o gênero e por que meios? E o que é afinal, o “sexo”? [...] Haveria uma história de como se estabeleceu essa dualidade do sexo, uma genealogia capaz de expor as opções binárias como uma construção variável? Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio constructo chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula. (BUTLER, 2017, p. 27).

Para Butler não existem elementos sociais que não estejam vinculados as normas e as relações de poder, a partir do momento que se pensa o sexo como natural, é um constructo social que rege esta categoria, afim de estabelecer privilégios para um determinado grupo social. Seja o sexo, o gênero ou a disposição dos corpos em sua materialidade, todos são formados

através das relações de poder disponíveis na sociedade. Para a filósofa não existe pré-determinações para esses conceitos, eles são definidos na medida em que vão se dispondo socialmente. Considerá-los previamente a sua ação é dar margem a dominação dos corpos imposta por uma esfera dominante.

Mas o “corpo” é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de “corpos” que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero. Não se pode dizer que os corpos tenham uma existência significável anterior à marca do seu gênero; e emerge então a questão: em que medida pode o corpo *vir a existir* na(s) marca(s) do gênero e por meio delas? Como conceber novamente o corpo, não mais como um meio ou instrumento passivo à espera da capacidade vivificadora de uma vontade caracteristicamente imaterial? (BUTLER, 2017, p. 30).

Esse corpo que é construído, também é performático, se dispor em um determinado meio social, significa performar enquanto sujeito social, para ser aceito pelas normas vigentes do ambiente no qual está se inserindo. Tornar-se homem ou mulher é fruto de um processo, como já vimos, de construção dos corpos e das hierarquias sociais. Com isso, pensar gênero, segundo a perspectiva de (BUTLER, 2017) é compreender que essa performance é encenada de acordo com as normas que estão dispostas, e de como as relações de poder, em determinados meios sociais, vão ditar o lugar de pertencimento de homens e mulheres.

Nesse sentido, o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência de gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. (BUTLER, 2017, p. 56)

Podemos pensar a partir da teoria de gênero, vista por Butler (2017), como as dinâmicas dentro da Torcida Mancha Azul, incorporam essa performatividade, seguindo aquilo que é determinado pelas normas e hierarquias observadas dentro da torcida, coagindo os corpos femininos a espaços tidos como “matriarcais”, delimitando e aguçando as disputas entre homens e mulheres.

O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser. (BUTLER, 2017, p. 69).

Essa performance é estruturante através de repetições e coerções sociais, que permeiam os mais diversos ambientes sociais, determinando os gêneros, posicionando homens e mulheres em esferas distintas. Para as mulheres em detrimento aos homens, são reservados os espaços de menor prestígio, como intuito de manter o status quo dessa sociedade patriarcal.

Relacionando o tema da pesquisa, com os apontamentos feitos pela teoria feminista de (BUTLER, 2017), podemos notar como os espaços e as dinâmicas na torcida reproduzem essas dicotomias, e de como as mulheres torcedoras mesmo buscando seu espaço, ainda assim ocupam posições inferiores nas disposições hierárquicas da torcida.

Portanto, após observarmos teoricamente, conceitos e metodologias que nos ajudam a compreender melhor as relações de gênero, e de como elas podem ser observadas dentro das dinâmicas e nas relações sociais da Mancha Azul. Os próximos passos da pesquisa, apontam para os tensionamentos observados in loco, com dados etnográficos e entrevistas, que buscam responder às seguintes questões: *Como se dá a participação masculina e feminina dentro da Torcida Organizada Mancha Azul? As inserções na torcida são diferentes para homens e mulheres ? Quais os tensionamentos encontrados nessas dinâmicas?*. Questionamentos que procurarei responder no próximo capítulo.

## **Capítulo 2- A Mancha Azul e as suas atividades.**

### **1- Exposição dos dados de campo, entrevistas e etnografia.**

As informações contidas neste segundo capítulo visam dar amplitude aos dados que foram obtidos no campo de pesquisa, que são oriundos de observações participantes, diários de campo, entrevistas individuais com homens e mulheres jovens integrantes da Mancha Azul e um questionário virtual semi-estruturado aplicado exclusivamente junto às mulheres que fazem parte do grupo oficial do Núcleo Feminino da Mancha na plataforma *WhatsApp*. Com as contribuições das teorias de gênero, analisei detalhadamente as dinâmicas desenvolvidas pelos(as) integrantes da torcida, de como essas atividades são separadas e como os sujeitos jovens estão dispostos nos ambientes de realização dessas atividades.

Durante o ano de 2020 até 2022 foram observadas algumas dinâmicas próprias da torcida. Levando em conta todo o contexto pandêmico de covid- 19 que assolou o mundo, essas incursões a campo acabaram ficando restritas durante grande parte da pesquisa e algumas atividades só puderam ser observadas no último ano, como foi o caso da caravana.

Dito isto, as observações foram feitas da seguinte maneira: 1- Eventos na sede da Torcida Organizada Mancha Azul, festa, roda de conversa e preparação do material; 2- Acompanhamento dos torcedores na prática de colocar o material nas arquibancadas do estádio Rei Pelé, desde a separação do material, o deslocamento até o estádio, até à colocação de todo material e a saída dos torcedores do estádio; 3- Acompanhamento dos jogos junto com algumas interlocutoras no Estádio Rei Pelé; 4- Participação em uma caravana da torcida para a cidade do Recife.

Esses espaços da torcida foram delimitados através das observações feitas durante a pesquisa, onde o primeiro contato forneceu elementos para pensarmos as dinâmicas de sociabilidade da Mancha Azul e dos seus componentes, de como em uma pandemia a torcida se adequou para que essas dinâmicas não fossem interrompidas por completo. Mesmo com as restrições impostas pelos poderes estaduais e municipais, era perceptível o

desenvolvimento de pequenas atividades na sede da Mancha Azul, de cunho mais rotineiro, como limpeza e manutenção do espaço e dos materiais, onde o acesso era limitado aos diretores, componentes que residem na sede e membros mais antigos <sup>14</sup> que dispõem de uma relação de respeito por suas trajetórias marcantes na torcida. Manter a torcida funcionando em meio a uma pandemia é motivo de orgulho para os diretores da torcida, apontando organização na maneira de gerir a instituição.

M.P – João, eu acho que para todas as torcidas, é... a pandemia foi pesada velho, acho que para todos os empresários, para quem vive de vendas do comércio foi pesado, e para as torcidas organizadas não foi diferente né, porque além de ser pesada na questão de não ter jogos né, que é a nossa principal atividade, ainda foi ruim para o nosso coração, nosso coração é nossa loja né, a gente sem poder comercializar direito os nossos materiais tudo dificulta, sem falar que o nosso componente também né, é sem ter condições de comprar fica ainda pior, então assim, a gente passou um tempo com a loja fechada, né a loja ficou fechada tempo de pandemia né, e... foi momentos difíceis né, a gente atrasou algumas contas né, priorizamos umas e outras não né, mais graças a deus a gente conseguiu dar a volta por cima né, ao contrário de outras torcidas ai... (risos), a gente, na nossa história, a gente nunca ficou sem sede, sempre honramos isso ai, sempre vamos honrar isso aí, tá na história da Mancha, a gente sempre ter nossa sede, sempre ter nossa estrutura. E conseguimos manter isso aí com unhas e dentes né, ajuda de um ajuda de outro, ajuda aqui, ajuda ali, mas conseguimos nos manter e estamos aqui de pé desde 1992, nós somos o domínio total.

Aqueles que não estão habituados com o universo das torcidas organizadas, podem imaginar que durante todo esse momento as atividades foram interrompidas, só retornando após as flexibilizações dos decretos durante a pandemia, porém, as atividades vão além das observadas dentro do estádio, pois existe todo um planejamento e logística que foram readequados de acordo com as demandas e limitações da pandemia.

Uma das atividades que se tornaram corriqueiras no início da pandemia para a torcida Mancha Azul foram as ações sociais. Estas já faziam parte do calendário da torcida, mas foram amplamente intensificadas durante a pandemia. Uma das ações destacadas nas entrevistas foi a de ajuda aos vendedores ambulantes do Estádio Rei Pelé, que viram suas atividades

---

<sup>14</sup> Membros mais antigos- conhecido pelo termo nativo de velha-guarda, são os componentes que possuem mais de uma década de dedicação a torcida.

suspensas pelo fechamento do estádio, e receberam ajuda dos integrantes da Mancha que em campanha iniciada nas redes sociais, arrecadaram alimentos e distribuíram aos ambulantes, como uma forma de amenizar o sofrimento e os impactos causados pela pandemia em suas vidas.

Entrevistador – Dessas ações sociais que vocês fizeram durante a pandemia, qual foi a que te marcou mais ?

M.P - Cara eu acho que a que me marcou mais, foi a ajuda aos ambulantes, entendeu? No trapichão, porque nosso lazer foi tirado e foi tirado o ganha pão deles, e assim quando a gente propôs isso para o CSA na hora o CSA topou, na hora.

Entrevistador – Foi uma proposta de vocês?

M.P – Nossa né, quando a gente propôs o CSA topou na hora, e aí foi na época que estavam acontecendo as lives né, CSA fez uma live, dentro desta live teve algumas arrecadações, e a maior arrecadação de alimentos foi a Rainha Marta né, a Marta sempre bondosa, sempre, cara sem palavras, aquela mulher é sem palavras, e ela ajudou com uma quantidade, uma quantia muito grande de alimentos, a gente pode comprar as cestas básicas, e doar para eles tipo, velho foi muito gratificante aquele momento, porque assim eu ouvi palavras de ambulantes assim da seguinte questão “poxa eu jamais imaginaria que a Mancha Azul pudesse nos ajudar, o governo não nos ajudou, mais a Mancha Azul e o CSA tá aqui nos ajudando”. Então essas coisas são gratificantes, e o que eu sempre falo é... não esperem pelo governo cara, não esperem pelo sistema, entendeu? Faça a parada acontecer, faça o bagulho acontecer, porque só quem pode mudar o Brasil somos nós, entendeu? Não espere pelos caras de paletó porque não vai não irmão, quem vai mudar o Brasil são os loucos iguais a gente entendeu? Os loucos iguais a gente que vão mudar esse país.

Até o momento só pontuamos a fala de homens sobre as atividades desempenhadas pela Mancha Azul durante a pesquisa de campo. Dando vazão às próximas discussões extraídas no trabalho de campo: o papel das mulheres torcedoras organizadas no cotidiano da Mancha Azul. Quais atividades elas desempenham? São as mesmas atividades dos homens? Como os espaços da torcida estão dispostos para essa mulheres? Essas são abordadas no decorrer do capítulo e sub-divididas de acordo com as temáticas que foram construídas nos roteiros das entrevistas. Os tópicos estão dispostos da seguinte maneira: 1- Inserção dos torcedores na Mancha Azul; 2- Dinâmicas de Participação para homens e mulheres na torcida; 3- Conflitos e tensionamentos de gênero; 4- Participação das mulheres em espaços

deliberativos da torcida; 5- Mudança ou manutenção do status quo na Mancha Azul?

## **2- Inserção dos torcedores na Mancha Azul.**

Esta seção tem como objetivo apontar algumas reflexões quanto ao processo de inserção dos sujeitos pesquisados na torcida organizada, como tiveram o contato com o futebol, o clube e a torcida. De acordo com os relatos e observações oriundas do campo, bem como minhas experiências anteriores enquanto torcedor organizado, esse parece ser o caminho que permeia grande parte dos torcedores organizados: primeiro eles se aproximam do futebol, logo em seguida ganham afinidade com o clube e alguns trilham o caminho rumo às TOs.

Nessa trajetória, pude notar fortemente a influência da família como sendo a instituição que estabelece o primeiro contato desses torcedores com o mundo do futebol. Tanto os homens quanto as mulheres que foram entrevistadas(os) na pesquisa, pontuaram que seu primeiro contato com o futebol se deu através dos seus familiares, uma maior relevância para a figura paterna, como sendo o responsável em instituir esse gosto pelo futebol. Geralmente o pai cria em seu imaginário que seus filhos devem seguir os seus caminhos no futebol, os homens torcendo pelo mesmo clube e sendo ensinados desde cedo o ofício do futebol. Já para as mulheres, fica reservado apenas o espaço do torcer.

Nota-se o futebol nesse momento como um espaço familiar, onde muitas vezes as afinidades entre pais e filhos são reforçadas através da paixão que ambos compartilham pelos seus clubes de futebol. A família e o parentesco acabam se constituindo de maneira hierárquica e estruturante, englobando, construindo, disciplinando sentimentos e afetos (VELHO, 2006, pg. 195). Ao questionar sobre sua trajetória enquanto torcedores(as) do CSA e da Mancha Azul, a resposta dos entrevistados direcionou esse primeiro contato a família, como mostram algumas falas:

A.P – Bom, meu nome é A.P, tenho 27 anos moro no Jacintinho, entrei na Mancha em 2009, e eu entrei através do meu pai, ele sempre me levou para jogo, ele fez parte de uma torcida organizada do CSA antes da Mancha, e... no caso o meu pai sempre teve

naquele meio ali né... meu pai através do meu avô, e assim foi, é de família, entendeu? A família do meu pai é toda azulina, então é aquele negócio de geração mesmo.

G.S – Meu nome é G.S, tenho 24 anos, atualmente moro no bairro do Salvador Lyra, porém nasci e me criei no bairro do farol, entre o mutange e o bom parto. Assim com relação a torcida, a Mancha Azul né, eu conheci muito cedo através do meu pai que foi componente nos anos 90.

N.P - Eu sou N.P, moro no Jacintinho, faço faculdade de direito, estou no 5 periodo, e eu comecei a ir aos jogos primeiramente por causa do meu pai né, meu pai me levava desde pequenininha.

A questão geracional permeia a escolha desses jovens torcedoras(es) que influenciados pelos seus pais escolheram seu time de futebol, alguns inclusive tem seu primeiro contato com a Mancha Azul também como uma questão familiar, os pais frequentaram a torcida em sua juventude, agora apresentando a mesma aos seus filhos.

A noção de *geração* implica necessariamente o estudo de relações entre categorias sociológicas quem têm nas faixas e delimitações etárias uma referência básica. É por esse processo de interação social que podemos procurar entender definições de situação como classificações e atribuições de papéis, formação de expectativas de comportamento e modos de apresentação de indivíduos e grupos no cotidiano. (VELHO, 2006, pg. 193).

Ainda de acordo com essa questão geracional, podemos notar em uma das falas de uma mulher do Núcleo Feminino a reprodução desse *modus operandi*, a jovem é mãe e agora faz com seus filhos o papel que o seu pai um dia fez, de levá-los ao estádio e apresentar a torcida organizada.

A.P - normalmente quando eu vou para jogo assim, eu vou de uber porque eu levo sempre meus filhos comigo, eu tenho 4, e os 4 sempre vão comigo, 3 na verdade, porque uma não pode ainda que é muito novinha, mais os outros 3 mais velhos, sempre vão comigo, e quando eu não levo, eles sempre pedem, então tão naquele meio mesmo, pessoal da torcida já conhece eles, já saiu em banner ai, em tudo, todo mundo já conhece.

Esse relato é de uma das líderes do Núcleo Feminino da Mancha Azul, ou como elas costumam chamar de “frente do núcleo<sup>15</sup>”, reforça essa idéia do futebol sendo passando de geração em geração por influência familiar, porém o

<sup>15</sup> Frente do núcleo- termo nativo usado pelos componentes da Mancha Azul, para designar as mulheres que são lideranças do Núcleo Feminino.

que chama atenção em sua fala é que ocorre justamente o contrário, enquanto ela teve seu primeiro contato com o seu clube através da figura paterna, seus filhos estão tendo esse contato através da influência materna, demonstrando um avanço nas relações de gênero dentro dos estádios de futebol.

Uma diferença perceptível é que a influência familiar se restringe nesse primeiro contato, o ato de continuar frequentando a Mancha é permeado por outras dinâmicas de sociabilidade que atraem os jovens de diferentes maneiras. É aqui onde percebemos o processo da sociabilidade como aponta Simmel (2006), onde apesar de caminhos e trajetórias diferentes, esses indivíduos se vinculam a torcida por algum gosto em comum, algo que mobiliza sua atenção para aquela atividade. Quando questionadas/os sobre o que as/os levou a frequentar a torcida, podemos observar trajetórias diferentes que levam ao mesmo espaço:

A.P – Eu trabalhava, fazia estágio na rua do sol, e eu tinha algumas amigas de escola, que já frequentavam a torcida, aí foi... junto com o útil ao agradável, trabalhava do lado, na financeira ali do lado da rua do sol, aí as minhas amigas um dia, teve uma reunião do núcleo, logo no começo do núcleo, aí acabei que eu fui, pronto, aí comecei a fazer amizade, e foi daí que eu entrei na Mancha e até hoje eu não sai. eu acho que juntou a questão de amar muito o CSA, de gostar muito de futebol, de ser muito... eu acho que é aquela energia de torcida mesmo, é a minha cara assim, sem falar nas amizades que eu comecei a fazer, de 2009 pra cá , então eu acho que tudo isso, foi uma junção das coisas mesmo né, tinha as amigas que já faziam parte, a minha curiosidade, eu trabalhar ali do lado, eu ser apaixonada pelo CSA, eu amar futebol, aí eu acho que juntou tudo, e eu me encontrei ali na Mancha, é o que eu sei fazer hoje, fora trabalhar claro, e estudar, o meu hobby, a coisa que alivia minha mente é eu tá ali dentro da torcida, ou eu tá assistindo jogo, ou tá envolvida com alguma coisa que faz parte da torcida mesmo. É uma coisa que eu tenho como... acho que a minha terapia é essa, é fazer parte da torcida. Hoje eu não me enxergo sem ser da torcida, não consigo.

G.S – eu acho que todo mundo tem a mesma resposta né para essa pergunta. Você quando vê aquela multidão assim, aí diz poxa eu quero participar daquilo também, aí você acaba entrando e é um mundo que parece paralelo

M.P - ...a minha chegada na torcida foi justamente através da música né, eu sou músico né, vivo a música desde moleque, desde muito novo, e no bairro que eu morava, que eu nasci e me criei, no Trapiche, existia uma banda né, banda percussionistas, eles começaram a tocar, começaram justamente afro, né, acho que a maioria dos músicos, ritmistas e em banda afro. E eu fazia parte de uma banda afro, é... no mutirão 3, né, onde eu nasci e me criei, e tinha uma banda afro no, no oiteiro, que é uma outra parte do trapiche, que era a afoxé, que era justamente a afoxé que era a bateria da Mancha na época, e eu sempre tive um sonho de tocar na

afoxé né, mais eu não conhecia a Mancha, e aí eu já tinha uma certa afinidade com instrumento, foi quando eu fui conhecer a afoxé, nisso de conhecer a afoxé eu fiz amizade com o pessoal, e a galera acabou me levando pra Mancha né, acho que meados de 96/95 por aí, foi quando eu comecei a andar com o pessoal da afoxé né, assim entrando pra bateria da Mancha. Assim que iniciou a caminhada.

N.P - ...eu comecei a me interessar muito pela bateria da Mancha, vi aquilo e sempre queria ficar ali por perto, aí eu comecei a conhecer um, outro, foi chamando para ir, pra ir a sede, aí comecei a ir né, mais eu não como eu sou hoje, demorou muito tempo para eu passar a ficar no dia dia mesmo como eu to hoje, como frente.

A afinidade com o CSA, com suas cores e símbolos, parece não ser o único motivador que faz um jovem querer ingressar na Mancha de acordo com os relatos apontados mais acima, notamos em algumas falas que a emoção em ver a torcida na arquibancada, a vibração dos seus ritmistas atrai os olhares desses sujeitos, porém, é o contato com outros indivíduos que já participam da torcida o fator que permeia todas as falas dos interlocutores. Sejam eles amigos do bairro, da escola ou da faculdade, é essa dinâmica de sociabilidade responsável por agregar os jovens à torcida organizada. Esse *modus operandi* de aproximação com as atividades da torcida não se restringe só aos homens, as mulheres também se aproximam por amizades em comum, que abrem o caminho para sua inserção.

A maneira como os sujeitos se aproximam da Mancha, por influência de amigos e do seu meio social, pode apresentar algumas semelhanças para homens e mulheres. Porém a continuação desses sujeitos na torcida e o desenvolvimento das atividades desempenhadas por eles corriqueiramente se diferem e estão bem definidas no status quo da agremiação. Durante as investigações de campo, nota-se essa diferenciação nas atividades, homens e mulheres na Mancha exercem atividades distintas, como veremos na próxima sessão.

### **3 - Dinâmicas de participação para homens e mulheres na torcida.**

A participação dos homens e das mulheres que fazem parte da Mancha Azul reforça as diferenciações de gênero que observamos em diversos setores da sociedade contemporânea, espaços simbólicos pré-determinados onde

cada um deve desempenhar o seu papel, sem questionamentos e perspectivas de mudanças nessa balança de poder (ELIAS, 1994).

Ao acompanhar os torcedores e torcedoras nas atividades da torcida observando as disposições dos seus corpos notei algumas diferenças, umas mais sutis, outras mais evidentes. Em uma das incursões de campo, ocorrida no dia 22 de outubro de 2020, fui à sede da Mancha Azul. Era uma data comemorativa, o dia da fundação da torcida, logo era um momento festivo, chegando ao local pude notar uma dessas diferenças, no que diz respeito às atividades dos homens e das mulheres. Para as mulheres do Núcleo Feminino ficou reservado a atividade de vender os ingressos e controlar a entrada das pessoas que entravam na sede, já os homens desempenhavam o papel de protetores do local (era papel deles garantir a segurança do evento, evitando conflitos interno e externos), e organização do bar. Essas foram as primeiras impressões, oriundas de observações participantes.

Um dos mecanismos adotados durante a pesquisa foi a execução de um questionário semi-estruturado desenvolvido virtualmente e aplicado exclusivamente com as mulheres que integram o Núcleo Feminino. Ao serem questionadas se homens e mulheres participam das mesmas atividades na torcida o resultado foi:



Fonte: Dados obtidos através de um questionário virtual, aplicado as mulheres que compõem o grupo oficial do Núcleo Feminino da Mancha Azul no Whatsapp.

Observando o gráfico, nota-se que as opções TALVEZ e NÃO estão empatadas, revelando que algumas mulheres optaram em se posicionar diretamente, enquanto outras preferiram não marcar diretamente as opções. Mesmo em se tratando de um questionário virtual e que garante o anonimato das respostas, alguns tensionamentos podem estar presentes no ato de responder. Por si só, o gráfico desta pergunta não fortaleceria o argumento em relação às diferenças das atividades na torcida, porém, essa questão se completa quando, ao serem perguntadas se existe alguma atividade onde a participação das mulheres do núcleo são proibidas, obtive o seguinte resultado:



Fonte: Dados obtidos através de um questionário virtual, aplicado as mulheres que compõem o grupo oficial do Núcleo Feminino da Mancha Azul no Whatsapp.

Enquanto na primeira pergunta, ocorre um empate entre as opções, deixando um pouco de dúvida, nessa segunda questão as mulheres são enfáticas, sim existem atividades dentro da torcida Mancha Azul onde as mulheres são proibidas de participar. Que atividades são essas? E qual motivo das proibições?

Em diálogo com os interlocutores, procurei mapear melhor quais atividades eram atribuídas para os homens e para as mulheres da torcida, vale destacar que entre os interlocutores temos pessoas que estão ligadas diretamente a parte administrativa da torcida, tanto homens quanto mulheres. Perguntados se existem diferenças entre as atividades desenvolvidas por

homens e por mulheres da torcida, a grande maioria dos entrevistados apontou que sim, existem diferenças.

A.P - Tem diferença, muita! A gente fica com a parte mais simples entre aspas da torcida que é mais assim, é mais essa parte de ação social, de juntar as meninas e tal. E os rapazes ficam com a parte mais pesada mesmo, mas aí a gente tá conseguindo contornar, na pandemia mesmo nos jogos sem torcida, tinha que colocar material, geralmente era só homem, a gente já conseguiu colocar duas, três meninas para ir colocar material, é... tem questão de discussão dentro da própria torcida mesmo, porque a gente quer participar de tudo, as vezes a gente sabe que não é questão de machismo, mas questão de torcida mesmo, a gente sabe que tem coisas que não dá pra gente fazer, por exemplo participar de uma briga, a gente sabe que torcida tem briga, a gente não pode participar disso, são só os rapazes, mesmo a gente tentando a gente não pode, a gente até nem vai né, mais a gente sempre que está ciente, quer saber, quer saber como aconteceu. A questão também com o ministério público, polícia essas coisas, essas reuniões que tem, são bem criteriosas, bem difíceis, normalmente só quem faz é a parte da diretoria mesmo, só os rapazes. Até porque eles já estão envolvidos com isso há um tempão, tem diretor que já é diretor há 5, 6, 7 anos então eles já têm a noção do que acontece lá né, e a gente não.

G.S- Existe! Então além dessa que eu citei né dos conflitos, tem a questão também da escolta do material, tomar conta da sede né, que é uma atividade mais complicada digamos assim, porque querendo ou não hoje em dia a sede da torcida organizada vira um alvo, a qualquer momento pode receber um ataque. Então geralmente as mulheres não fazem esse tipo de ação.

N.P – É... diferença tem né...querendo ou não os homens são mais do dia dia e a gente não é tão 100% igual a eles. Tem tipo assim, dia de jogo: material quem leva são eles, são coisas diferentes assim né. Tipo na questão de jogo é tudo eles, material eles levam, eles ficam lá para tirar também, a gente no jogo já não é tão presente nessa questão, a gente vai pro jogo fica ali entre eles, mas não vai nessa questão de material. Tem a questão tipo assim, contenção na sede é o meninos, os meninos ficam lá, só essa questão assim de diferença

Pude notar nas falas quais seriam algumas dessas diferenças entre os homens e mulheres das atividades corriqueiras da torcida, de acordo com estes relatos. Como já fora mencionado no primeiro capítulo, às mulheres acaba sendo reservado o espaço do cuidado, da feira, da limpeza e da organização, o espaço doméstico é visto como naturalmente feminino como aponta Ortner (1979), já os homens ficam com as atividades da proteção, do combate e do zelo com os materiais da torcida e as questões burocráticas com outras instituições, atividades que transcendem o estado de natureza (ORTNER, 1979).

Entre os meses finais de 2020 e iniciais de 2021, acompanhei de perto a Mancha Azul em algumas atividades durante os jogos do Campeonato Brasileiro da Série B e o Campeonato Alagoano, participando da colocação das faixas dentro do Estádio Rei Pelé. Essa é uma atividade totalmente desempenhada por homens, pois em minhas incursões não observei a participação de mulheres do núcleo feminino. Aos homens estava reservado o papel de selecionar as faixas, transportá-las pelas ruas da cidade, colocá-las no estádio e por fim retirá-las. Além dessa parte protetiva, fica reservado também aos homens a organização das festas, das viagens, da postagem nas redes sociais da torcida e da venda dos materiais na loja.

G.S - ...lavar faixa, colocar para secar, só nunca mexi em instrumento musical, porque eu nunca soube montar e desmontar, mas sempre ajudava a carregar, até hoje de vez em quando, quando eu to no rei pelé eu não nego ajuda, eu vou pego faixa, pego bandeira, bandeirão, não tem problema, já participei da organização de várias festas da mancha, mas a de 2019 foi a que eu participei com mais assiduidade, que desde o começo do dia, fiquei no apoio com o pessoal, peguei a camisa e tudo, e a gente trabalhou a festa inteira, então assim são muitas coisas. Basicamente a função de quem tá organizando a festa né, o pessoal é ficar observando em tudo, tanto o material que tá esticado ao redor do ambiente que está tendo o evento, como também na segurança do palco e prestar atenção na resolução de conflitos que venham a ter entre componentes, porque em uma ambiente que tem muita gente, mesmo sendo da mesma torcida acontece problema de bairro ou de facção diferente, sempre acontece.

Enquanto os homens da torcida são responsáveis por grande parte dos afazeres mais operacionais e cotidianos no estreito da relação torcida – estádio – clube, a principal atividade desenvolvida pelas mulheres do Núcleo Feminino da Mancha é a ação social. Apesar da torcida possuir um diretor homem de eventos e ação social, são as mulheres as responsáveis por pensar e executar grande parte dessas ações que giram em torno de distribuição de alimentos nas ruas da cidade de Maceió, doação de roupas, eventos em abrigos e etc... As líderes do NF apontaram esse protagonismo feminino nessas ações e revelaram que as mulheres têm mais propriedade para desenvolver esse tipo de atividade.

*Entrevistador – Ainda na questão das ações sociais, é uma iniciativa de vocês mulheres do núcleo feminino? Como é que vocês apresentam isso para os rapazes?*

N.P – A gente já apresenta a eles tudo certo, a maioria das ações são a gente que organiza mesmo, a gente tipo assim, vai ter agora começo de ano a gente já quer fazer uma, aí já organiza já deixa tudo pronto, pede o apoio deles no dia da ação, vê se eles podem ir se eles podem ajudar com o carro, algum apoio lá, ficar nas praças, mas a gente já entrega tudo certinho para eles.

A.P - É! 90% das ações são iniciativas nossas, aí a gente pede a colaboração de alguma zona, tipo zona Oeste ou zona Sul, dependendo do local que a gente vai fazer, ou pede ajuda da diretoria, com transporte, com dinheiro mesmo as vezes né, as vezes falta.

A.P - ...eu acho que sem o núcleo para realizar ação, é bem complicado, até porque as meninas tem uma noção de preço, de valores, de preço mesmo, e de materiais, tem uma noção de quantidade, coisas que os rapazes não entendem muito bem, assim questão de dona de casa mesmo, de pessoa que convive que sabe, que faz compras, que é mãe, muita mulher ali é mãe e tem aquela noção do que vai precisar, da quantidade que vai precisar, então a gente é a base, não para comprar demais, nem para fazer de menos entendeu? Ter aquela noção mesmo do que realmente vai precisar. Falo assim, a questão que vamos dizer... a gente vai fazer uma ação que são 200 quentinhas, a gente já tem a noção do que vai precisar, da quantidade, do que realmente é necessário para não sobrar, nem faltar. Se você for colocar um homem para fazer 200 quentinhas ou falta ou sobra, e a gente sempre faz aquela coisa certinha, entendeu?

Apesar de destacarem maior autonomia nas atividades de ação social, as mulheres do Núcleo Feminino ainda precisam se reportar aos homens diretores para captação de recursos como transporte, material e apoio, fazendo com que sua atuação de fato se restrinja à organização e execução dos pormenores da atividade. O fato de as ações sociais da Mancha Azul serem, em sua maioria, construídas, pensadas, executadas e coordenadas pelas mulheres do Núcleo, demarca esta atividade como algo de incubência dessas mulheres, que por sua vez são atividades com forte relação ao espaço doméstico.

É interessante destacar e estabelecer uma aproximação entre as atividades de ação social com atividades de assistencialismo marcadas pelo cuidado com o próximo, sendo o ato de cuidar diretamente associado à uma natureza feminina, materna e doméstica. As ações sociais promovem uma articulação cidadã justamente pautada em atividades de assistência básica como entrega de alimentos, comidas, roupas, brinquedos e materiais de higiene pessoal. Essa associação direta de mulheres ao espaço e aos afazeres

domésticos acontece, segundo Ortner (1979), porque culturalmente constrói-se um status secundário às mulheres que as designam ao espaço doméstico enquanto uma característica natural de sua essência feminina, reforçando estereótipos de gênero dos mais diversos.

Portanto, notamos até aqui a diferenciação nas atividades da Mancha Azul; aos homens se destinam o protagonismo e a responsabilidade em gerir a torcida em suas mais diferentes esferas, para as mulheres se reserva o espaço das ações sociais, do zelo e do cuidado. Esses apontamentos nos direcionam para a próxima sessão da pesquisa, onde destacamos os conflitos que se originam dessa divisão laboral na torcida.

#### **4 - Conflitos e tensionamentos de gênero.**

Observando as dinâmicas desenvolvidas dentro da Mancha Azul, notei constantes tensionamentos e conflitos que ocorrem no dia-dia da agremiação. Homens e mulheres disputando simbolicamente seu espaço e reconhecimento diante daqueles que compartilham esse processo de sociabilidade. As disparidades de gênero entre os torcedores e as torcedoras se apresentam em diferentes níveis e reverberações. Um dos pontos que mais chamam atenção é a proibição das mulheres em participar de algumas atividades, como vimos anteriormente, as torcedoras apontam para essa proibição.

Uma atividade que é extremamente proibida a participação feminina são nos chamados “jogos de guerra” ou “caravanas em jogos de guerra”, que consiste basicamente em partidas contra times que têm torcidas rivais à Mancha Azul. Estas demandam um amplo risco aos torcedores, pois, geralmente são jogos fora de Maceió, contra clubes que possuem torcidas organizadas com histórico de rivalidade com a Mancha Azul ou uma aproximação com a torcida rival, a Comando Alvi-Rubro, que é um outro ponto gerador de conflito.

No mês de maio de 2022, pude acompanhar a Mancha Azul em um desses “jogos de guerra”, observei a movimentação desde a convocação nas redes sociais, bem como a viagem em si, pude viajar com a torcida e observar *in loco* a vivência dessa experiência. O jogo em questão era válido pelo

Campeonato Brasileiro da Série B (2 divisão), jogaram na cidade do Recife Náutico vs CSA, e a Mancha se preparou para esse jogo com 1 mês de antecedência. As redes sociais da torcida foram usadas para convocar os torcedores e provocar a torcida rival, induzindo uma grande invasão e dominação do território pernambucano pelos alagoanos. Vale ressaltar que a torcida organizada do Náutico (Fanático) possui um vínculo de amizade com a Comando-Alvi Rubro do CRB, e como já mencionado, torna o evento um potencializador de conflitos.

Nesse jogo, as mulheres do NF foram proibidas de viajar, segundo justificativas é uma regra da torcida, devido aos conflitos que poderiam acontecer.

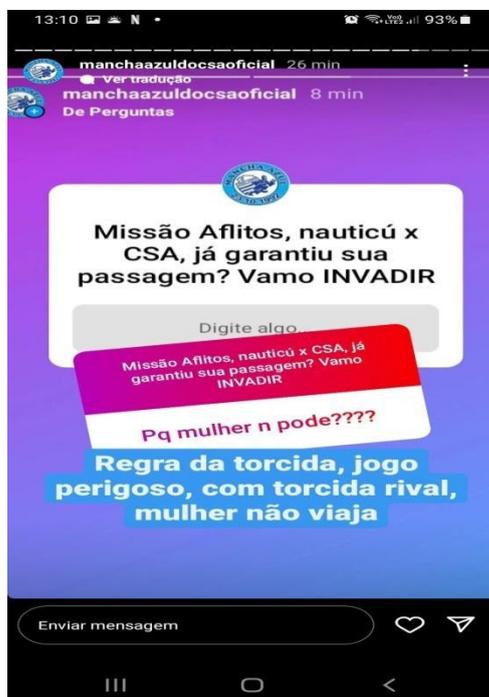


Foto: Postagem oficial no Instagram da Mancha Azul, reafirmando a proibição de mulheres na caravana para o jogo entre Nautico vs CSA. Fonte: Captura de tela Instagram @manchaazuldocsaoficial

Ao que parece não é uma regra normativa, nem descrita em algum estatuto da torcida, porém é algo instituído internamente entre todos os membros, por considerar a inferioridade feminina no campo de batalha. Aplica-se essas regras, que são seguidas pelas mulheres, até porque as passagens não são vendidas para elas, nem é permitido seu embarque nos ônibus. No dia

da viagem, foi constatado presencialmente que dos 6 ônibus alugados pela torcida para a caravana, nenhum deles tinha presença feminina.

Um fato chamou atenção ao chegarmos no estádio dos Aflitos em Recife, notei a presença de algumas mulheres do NF, duas interlocutoras dessa pesquisa estavam lá. Depois conversando com elas, relataram que sabiam da regra da torcida, e viajaram de carro por conta própria. A torcida só tem o poder de proibição quando dentro das suas instâncias, fora delas essa proibição não é válida e rompida pelas mulheres que se organizam e por conta própria viajam. Algumas mulheres da torcida, usam desses artifícios para se fazerem presentes nesses espaços, é uma ação calculada que é determinada pela ausência de uma regra legalizada, Certau (1998), fornece o conceito de tática, que pode ser relacionado com o que acabamos de apontar.

[..] chamo de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. (CERTAU, 1998, pg. 100).

Esses tensionamentos de gênero estão constantemente colocando em conflitos homens e mulheres, que buscam alternativas para se aproximarem ou se afastarem mais ainda. Nesse caso, o fato de algumas mulheres se organizarem entre si para viajar em um jogo de guerra é uma maneira de tentar equilibrar essa balança de poder disposta na torcida. Elas não infringiram nenhuma regra da instituição e conseguiram estar presentes naquele momento, assim como os homens da torcida.

Além das atividades, a convivência entre os sujeitos é um ponto onde observamos conflitos, sejam eles entre os homens, entre homens e mulheres e também conflitos entre mulheres. São essas sociabilidades que permeiam as atividades corriqueiras da torcida. Dentre as questões dispostas no roteiro das entrevistas individuais, foi perguntado como era a relação dos interlocutores com os outros(as) integrantes da torcida, obtivemos respostas diversas, desde uma convivência pacífica e harmônica, até algumas queixas de atritos entre eles. Vejamos:

G.B – A minha relação com o pessoal sempre foi a melhor possível, eu nunca fui um cara assim de ser fechado, eu sempre chego já dou bom dia, boa tarde, vou pegando na mão de todo mundo, sou bem tranquilo, procuro sempre conversar com todo mundo, assim eu não sou aquele cara de ser metido, eu não, falo com todo mundo, independente de quem seja, se for homem ou mulher pra mim não tem problema nenhum, o que importa é tá lá no dia dia ajudando e torcendo pelo CSA. Para mim o que vale é isso. Para mim não tem distinção nenhuma, todo mundo é igual.

A.P – Com meninas é mais complicado, que é aquele negócio de mulher... muita mulher junta sempre tem um atrito, sempre tem um problema, mas aí a gente tá trabalhando com as meninas justamente pra isso, pra mostrar pra elas que todo mundo é Mancha, que todo mundo é mulher, que todo mundo tem que tá unido em prol do time, da nossa torcida. Então a gente vai trabalhando isso aos poucos, a gente tá conseguindo chamar mais meninas para o nosso grupo, justamente por isso, pela forma como a gente tá trabalhando sem criar essa rivalidade feminina. E com os rapazes também, a gente... antigamente acho que é uma coisa de ... antigamente eu nem vou dizer questão de muitos anos atrás, mais a 3, 4 anos atrás as meninas eram mal vistas assim, você andar em torcida, ou dentro mesmo da torcida você já era mal vista. Então hoje a gente tá mostrando que ali a gente não tá só para embelezar a bancada ou para namorar com o pessoal que está dentro da torcida, a gente tá ali para fazer o nosso, o nosso papel para ajudar a torcida a crescer, para fazer a nossa parte pagando nosso sócio, ajudando na nossa sede, ajudando na nossa contenção, ajudando com o nosso material. Então assim, os rapazes já estão olhando de uma outra forma, e as meninas a gente tá tentando puxar para que elas enxerguem a torcida como a gente também tá enxergando hoje em dia, entendeu ?

N.P – Assim com as mulheres, eu acho assim tranquilo algumas, outras não né, sempre tem alguma rivalidade assim com outra, com aquela cara feia, "ah ah essa menina é metida" , mais com os homens também não tenho o que reclamar não, não tenho muito a falar não.

Um ponto que chama atenção nas falas apontadas acima, enquanto o integrante homem afirma não ter problemas com outros componentes, e ter uma relação cordial com todos. As mulheres entrevistadas demonstram em suas falas uma certa insatisfação com outras mulheres que fazem parte da torcida, demonstrando a existência de conflitos entre elas. Essas falas fornecem um elemento novo para a pesquisa, percebemos que as relações de poder, também se faz presente nas sociabilidades femininas. Esses conflitos não são exclusivos da Mancha Azul, em seu livro *Sóbrio, firmes e convictos: uma etnocartografia dos Straightedeges em São Paulo*, João Bittencourt (2015) chama atenção para a existência desses tensionamentos entre as mulheres *mosheiras* que frequentam os eventos de hardcore.

A partir dos depoimentos de algumas mosheiras, podemos notar que é insuficiente pensar as relações de poder que são construídas na performance *hardcore*, se limitando ao par homem/mulher, pois elas se espraiam e se expressam de diferentes maneiras durante os shows. Aqui, nos agenciamos com Michel Foucault (2002), compreendendo o poder como relações de força e de sentido que são travadas entre os indivíduos nas mais diferentes instâncias, não podendo ser objetivada através de uma relação específica. É justamente por considerarmos a capilaridade do poder que resolvemos privilegiar a dimensão micro (molar), nos perguntando sobre a possibilidade de emergência das estruturas de sentido. Ao invés de apresentarmos os sentidos como algo dado pela consciência de antemão, questionamos as bases que o sustentam. (BITTENCOURT, 2015, pg. 188).

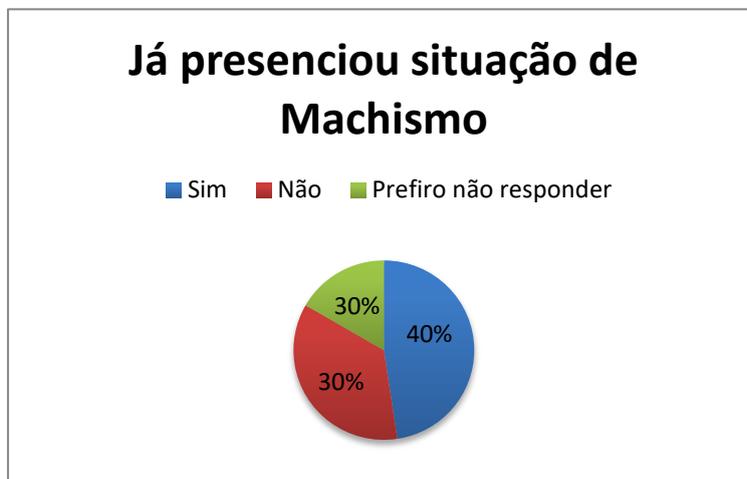
Essa dicotomia entre algumas mulheres da torcida, acaba reforçando alguns estereótipos dentro da própria instituição, um deles é de que as mulheres não tem compromisso e não se engajam como os homens. Percebemos nas falas femininas até aqui, que esta acusação não condiz com a vivência delas dentro da torcida, porém alguns homens tendem a se aproveitar desses conflitos para justificar a dominação masculina (Bourdieu) na torcida. As mulheres acabam sendo culpabilizadas pelos homens.

M.P – Eu acho que às vezes falta muito isso, falta àquela questão de, do querer fazer né, ou do fazer propriamente dito né, e assim, a gente tenta igualar né, umas atividades, eu acho que a nossa sede sempre é aberta a todo público, a todos nossos componentes, sócio, simpatizante a gente sempre deixou claro isso, e... toda sugestão, toda crítica ela é bem vinda né, sugestões que venham a somar pra gente é sempre bem vindo, e a gente... eu mesmo sinto falta disso na maioria das mulheres azulinas entendeu? Dessa questão de tomar uma iniciativa, de fazer uma parada diferente, entendeu? A gente tenta, é... fazer né, mas nem sempre só a gente a coisa caminha né.

Essa fala aponta para essa direção, a mulher não se engaja porque ela não quer. Segundo o interlocutor os espaços estão dispostos de maneira igualitária, porém, falta empenho e proatividade por parte das mulheres. Aqui vemos a figura feminina mais uma vez sendo colocada de maneira inferior aos homens (ORTNER, 1979). Mesmo em busca de reconhecimento e maior aceitação nos espaços simbólicos da torcida, a mulher integrante do NF tem que está sempre se reportando aos homens para exercer qualquer atividade, seja nas ações sociais como já vimos, a presença em viagens e até mesmo a confecção de material que será destinado ao seu consumo, tudo isso passa pelo aval masculino. Esse controle dos corpos femininos (BUTLER, 2017) na Mancha Azul, pode ser observado como uma maneira dos homens manterem o

desequilíbrio na balança de poder, e com isso reforçar essa hegemonia masculina (ALMEIDA, 1996), sempre reafirmando o espaço do torcedor organizado como território masculinizado, onde a presença feminina tem que ser podada, para que essa masculinidade não se sinta enfraquecida.

Esse sentimento de que elas estão ali para cuidar e zelar é absorvido por aquelas que estão frequentando assiduamente as dinâmicas da torcida. Ao serem questionadas se já presenciaram ou vivenciaram alguma situação de machismo, as respostas acabam tomando caminhos opostos. No questionário virtual e anônimo algumas se sentiram mais à vontade para relatar algumas experiências, enquanto que nas entrevistas individuais as respostas foram mais breves e objetivas. Podemos atribuir essa diferença nas respostas devido a presença do entrevistador. Nas entrevistas individuais (mesmo de maneira virtual) a presença de um homem cis tomando nota das suas respostas acabou inibindo as mesmas em relatar e se posicionar de maneira mais incisiva, o anonimato permitiu um apuramento melhor das respostas. Vejamos inicialmente as respostas objetivas e anônimas.



Fonte: Dados obtidos através de um questionário virtual, aplicado as mulheres que compõem o grupo oficial do Núcleo Feminino da Mancha Azul no Whatsapp.

Refletindo sobre os dados estatísticos, temos inicialmente dois pontos a analisar, o primeiro é que a maioria das mulheres que responderam a pesquisa já presenciaram alguma situação machista dentro da torcida, seja no estádio ou na sede, reforçando nosso argumento de que é um ambiente masculino e violento simbolicamente para as representações femininas. No gráfico 2 notamos o inverso, a maioria delas nunca vivenciou uma situação de machismo. Chama atenção também o fato de mesmo sendo um questionário anônimo, uma grande proporção optou por não responder, receosas talvez em se posicionar, temendo algum tipo de represália por parte dos homens da torcida. Dando continuidade aos dados coletados virtualmente de maneira anônima, algumas representantes se posicionaram com relação ao machismo presenciado e vivido na Mancha Azul.

Anônima - A falta de diálogo, não por nossa bandeira em jogos após problemas pessoais entre uma das frentes e um diretor. Sendo que isso não envolve a torcida, é algo pessoal e deveria ser resolvido "em casa".

Anônima – Eu sou a pessoa mais mal falada no meio deles, por ter opinião diferente, por não me calar e por ser uma das mulheres mais antigas da torcida eles acham que estou lá por conta do meu marido, porém eu tenho 14 anos de torcida é só sou casada a 5 e ouvi isso vindo de diretor.

Com relação às mulheres que optaram em se posicionar anonimamente, a questão da presença e da vivência do machismo vem a tona, onde elas apontam desde a falta do diálogo, onde os homens se recusaram a levar a bandeira que representa as mulheres do NF, até a diminuição da presença feminina. Uma mulher frequentar a torcida a mais de uma década não é motivo suficiente para ser respeitada, sua participação continua sendo balizada pela

relação que os homens atribuem a sua participação, estar casada com um membro da torcida, para os homens têm maior valor do que anos de dedicação e participação nas atividades da torcida.

Colocando os dados do questionário virtual em perspectiva com os dados coletados nas entrevistas individuais, notamos assimetrias relacionadas aos conflitos entre homens e mulheres. Como já foi pontuado no início do tópico, a minha presença enquanto homem nas entrevistas individuais pode ter causado uma inibição nas mulheres em responder essa questão, de alguma maneira é um tema que remete a individualidade de cada uma delas. Ao questionar se elas já tiveram/presenciaram alguma relação de conflitos com os homens da torcida, obtivemos as seguintes respostas.

A.P – Não, até hoje não. Pelo contrário, eu me sinto como a mãe deles. Porque tudo que eu falo eles acatam, as vezes eu brigo, não brigar assim de discutir nada, eu vejo que tá acontecendo alguma coisa errada, eu vou lá, falo, reclamo, e eles “é você tá certa A.O”, me escuta sabe, acho que é mais como uma mãe assim.

A.P – que eu saiba é mais questão de coisa de casal, casal de torcida mesmo, que às vezes o cara não entende a parte da mulher ou a mulher não entende o que o cara tá fazendo , e sempre tem a discussão, mas assim é sempre mais atrito de casal mesmo. Assim, entre diretoria e o núcleo, entre diretores e outras mulheres ou o pessoal dentro da torcida mesmo, não.

N.P – Teve a questão do outro núcleo né, o que foi punido né, teve essa questão e depois disso a gente evita o máximo de discussões né, tem as ideias que não concordam, mas a gente vai lá marca uma reunião e a gente senta para conversar, a gente busca o máximo não ter nenhuma briga.

Quando uma das mulheres se coloca como “mãe” dos rapazes, isso reflete a maneira como a dominação masculina interfere na própria percepção feminina de si mesma. Por mais que essas mulheres busquem seu lugar dentro da Mancha Azul, a disposição das dinâmicas e das estruturas de poder que permeiam a torcida, estarão sempre a desequilibrar a “balança”, sempre que possível inferiorizando a presença feminina, bem como as atividades que as mesmas procuram desempenhar. Quando a mesma relata algum tipo de conflito, deixa bem claro que é relacionado aos “casais da torcida”, deslocando para a vida pessoal e não para as relações de poder dispostas naquele meio. A fala da interlocutora N.P aponta para um conflito anterior, relacionado às

mulheres que eram do NF anterior a ela, e que foram expulsas por terem desobedecido uma ordem da diretoria geral. Ainda em sua fala, a mesma expõe que por saber desse histórico elas preferem “evitar discussões”, não contrariando os desígnios de masculinidade impostos na Mancha, mais uma vez os tensionamentos estão permeando essas relações, por mais silenciosas e simbólicas que possam parecer, as relações entre homens e mulheres na Mancha Azul são atravessadas por conflitos de gênero, que em alguns casos acarretam silenciamento das mulheres, porém em outros as punições giram em torno de expulsões e suspensões, como veremos a seguir no episódio de suspensão do Núcleo Feminino e expulsão de algumas componentes que tentaram reafirmar a sua posição diante dessa masculinidade hegemônica.

O episódio que originou interesse por essa pesquisa, foi a suspensão do Núcleo Feminino da Mancha Azul, ocorrida no mês de novembro de 2019, e que gerou grande repercussão no mundo das torcidas organizadas, bem como fora delas, tomou espaço em reportagens e sites de notícias. Tanto em Maceió quanto fora, os indivíduos usaram as rede sociais para manifestar apoio ou descontentamento com as medidas adotadas pela torcida. Procurei com isso, entender melhor esse fato, questionando os interlocutores o que eles achavam do ocorrido, e qual a opinião deles quanto às punições que foram implementadas para as mulheres envolvidas no caso.

Antes de adentrar aos relatos dos entrevistados(as), é importante rememorar o fato. No ano de 2019 ocorreu em Maceió uma reunião para discutir a presença feminina nas arquibancadas, todo evento foi organizado pelo Movimento Feminino de Arquibancada (MFA), é um movimento nacional, criado no dia 13 de abril de 2019, que reúne mulheres de diversas torcidas nas 5 regiões brasileiras, o intuito do movimento é justamente discutir questões pertinentes ao universo feminino no estádios brasileiros.

### ***Carta de apresentação do MFA***

***MOVIMENTO FEMININO DE ARQUIBANCADA***

*Criado no dia 13 de Abril de 2019 por 5 regiões e 27 unidades federativas, surge o Movimento Feminino de Arquibancada. Presentes estavam suas representantes regionais do Nordeste, Norte, Centro Oeste, Sudeste e Sul; Presentes estavam suas componentes e associadas; Todas sendo torcedoras que se encontram presentes no dia a dia das arquibancadas.*

*O objetivo da criação é consolidar o espaço da mulher em todo o âmbito esportivo; assegurar o respeito e a segurança enquanto estiver em eventos, jogos e atividades recreativas envolvendo o Movimento e qualquer outra instituição voltada para o esporte, principalmente o futebol; combater o machismo e sempre buscar fortalecer a presença feminina nos estádios.*

*O Movimento abrange torcedoras comuns, torcedoras Organizadas, torcedoras presentes em dirigências, profissionais do esporte e qualquer mulher que caiba no núcleo esportivo. O lema é “rivais no campo, irmãs na luta”, buscando sempre ofuscar e exterminar qualquer tipo de manifestação de machismo (gestos, palavras, assédios, opressões..) presentes.*

*Fugindo da normatização, o fundamental é a luta contra o machismo e a extrema rivalização que o futebol tomou como cultura popular. Assim seguimos.*

*“Quando Mulheres avançam, ninguém nos faz retroceder!”*

Fonte: <https://www.facebook.com/mfanacional/photos/a.794462954271370/795404164177249/>

O MFA surge para representar essa luta feminina por mais espaços nas arquibancadas brasileiras. Um dos primeiros atos do movimento foi organizar eventos estaduais, com objetivo de reunir e ouvir as mulheres das mais diferentes torcidas e vertentes. No mês de Junho do mesmo ano, ocorreu em Maceió a primeira reunião envolvendo apenas mulheres integrantes de torcidas organizadas da capital, rivais, sentaram lado a lado para discutir questões em comum que atingem diretamente os dois lados.



Foto: 1 Reunião do Movimento Feminino de Arquibancada em Alagoas. Fonte:

<https://www.facebook.com/mfanacional/photos/pb.100063637295913.-2207520000../833177607066571/?type=3>

A reunião delimitou um marco na história das TOs em Maceió, pois, nunca um evento desse porte havia sido realizado na cidade, as mulheres presentes nesse evento, demonstraram desejo por mudança. Como já mencionado, a reunião acabou ganhando repercussão negativa, devido a nota emitida pela diretoria da Mancha Azul, onde apontavam sua insatisfação diante da fotografia que foi retirada. Os diretores da época, acharam inadmissível uma foto junto com as torcedoras rivais, e em uma decisão unilateral, tomada apenas por homens, resolveram expulsar as integrantes do Núcleo Feminino presentes na foto, bem como suspender temporariamente todas as atividades do NF.



Grêmio Recreativo Esportivo e Cultural Torcida Organizada

**MANCHA AZUL**

CNPJ.: 00.816.863/0001-31

Maceió, 17 de junho

O G.R.E.C.T.O. MANCHA AZUL vem por meio desta publicação informar a suspensão por tempo indeterminado de todo o Núcleo Feminino de nossa torcida, o que acarreta na proibição de suas atividades em organização de eventos, ações ou qualquer que seja a representatividade em nome de nossa entidade, o motivo da suspensão é a total falta de respeito e ideologia perante a nossa torcida diante do último fato ocorrido em um evento em nome de um determinado movimento que luta por causas paralelas ao que realmente importa para nossa entidade, deixamos claro que não somos contrários a causa do Movimento Arquibancada Feminina, porém está definitivamente proibido assuntos paralelos dentro de nossa torcida, assuntos esses que em nossa avaliação não somam em nada para a nossa entidade e ainda nos expõe a situações que não vamos permitir que se repita.

Desse modo, a partir dessa publicação todas que compõe o NÚCLEO FEMININO, estão suspensas e impedidas de realizarem o que quer que seja em nome do G.R.E.C.T.O. MANCHA AZUL, além de estarem proibidas de usar o nome de nossa entidade em ações futuras para assuntos paralelos que não sejam sobre a MANCHA, o CSA ou assuntos diretamente ligados ao Movimento de Torcida Organizada, nossa bandeira e causa a se defender e se debater são essas e mais nenhuma.

Esperamos ter sido o mais claro possível diante dos fatos, desde já contamos com a compreensão de todos que compõem nossa entidade, a caminhada segue forte, IDEOLOGIA, FORÇA E IRMANDADE, esses são os nossos lemas e por eles sempre lutaremos e defenderemos, SOMOS A MANCHA.

Att. À Diretoria

Sede: Rua Silvério Jorge, nº 588 - Centro - Cep.: 57020-710 - Maceió-AL

Fone: 82 98726-9328

Site: [www.manchaazul.com.br](http://www.manchaazul.com.br) - E-mail: [contato@manchaazul.com.br](mailto:contato@manchaazul.com.br)

Foto: Nota Oficial sobre a suspensão do Núcleo Feminino da Mancha

Azul.Fonte:[https://www.facebook.com/manchaazuldocsaooficial/photos/a.142408539163790/280](https://www.facebook.com/manchaazuldocsaooficial/photos/a.142408539163790/2807906899280594)

[7906899280594](https://www.facebook.com/manchaazuldocsaooficial/photos/a.142408539163790/2807906899280594)

Hoje o NF conseguiu o direito de retornar às suas atividades dentro da Mancha, composto por outras mulheres, elas organizam suas dinâmicas de maneira diferente, exigindo seus espaço e reivindicando maior participação nas atividades da torcida. Porém o ocorrido que gerou a suspensão das atividades é um assunto delicado tanto para homens, quanto para mulheres. Apontarei as falas dos interlocutores de maneira separada, primeiro vejamos a opinião das mulheres que estão atualmente no núcleo.

Entrevistador – Em 2019, ocorreu um episódio que ganhou grande repercussão nas redes sociais, que foi a suspensão do Núcleo Feminino. Você acompanhou esse processo? E qual sua opinião sobre todo esse episódio?

A.P – Eu não fazia parte do Núcleo feminino ainda, do grupo ativo, mas eu já fazia parte da Mancha em si. Mas aí eu achei que faltou um pouquinho de conversa, tipo foi feito uma coisa que pra gente é considerado errado, pra mim também é considerado errado, que é a questão da foto do lado dos rivais, pra mim é errado, não tem explicação, mas aí eu acho que faltou um pouquinho de conversa com as meninas que estavam na foto, faltou você chegar com as meninas e explicar, muitas meninas ali eram novas, então assim às vezes não tem uma vivência da torcida, não sabiam normalmente o que poderia acontecer, foram só no fogo eu acho do momento, no calor do momento, eu acho que faltou uma comunicação, uma conversa, chamar as meninas para ter uma reunião, conversar, mostra o que foi que aconteceu, e depois vê o que seria tomado, mais ai chegar a suspender o núcleo, eu acho que foi um pouquinho pesado. (...) eu não fui a favor da suspensão do Núcleo não, não gostei muito, mas infelizmente é a hierarquia, e a gente que vive na torcida sabe que tem a hierarquia, então o que foi decidido infelizmente a gente acatou, mas aí entrou em polêmica, teve discussão, a gente fez reuniões, discutiu e tal, mas aí foi uma coisa que passou 1 ano pra ser feito novamente, ser ativado novamente o núcleo feminino, ai nesse 1 ano foi que eu decidi entrar no grupo mesmo, porque aí eu percebi que tanto faltava comunicação das meninas mesmo assim de querer lutar pelo que elas achavam que era certo, quanto da diretoria desde escutar as meninas, ai depois que eu entrei, até hoje não teve nenhum episódio assim que fosse tão grave quanto aquele. Nenhum na verdade.

Nota-se que a entrevistada não percebe a hierarquia como algo que garante privilégios aos homens da torcida. Ela atribui tal atitude a falta de diálogo dos homens para com as mulheres, porém ao mesmo tempo, acaba reforçando o argumento usado por homens da torcida, onde apontam que o erro está em ter feito o registro com as torcedoras rivais. Desse modo, ela acaba naturalizando essa violência simbólica causada pelos homens às mulheres que participaram do evento. Essa naturalização pode se originar no receio em sofrer as represálias que outras mulheres sofreram ao contestar o *status quo* da torcida. Com relação a fala masculina, um dos diretores da Mancha, aponta uma opinião contrária à feminina.

M.P – Cara, eu acompanhei esse processo, inclusive quando eu recebi a nota, eu recebi em um grupo de psicólogos né, e dentro desse grupo de psicólogos o pessoal sabia que eu fazia parte da torcida, e ai ficaram horrorizados e tal, aí eu fui ler o conteúdo da nota né, aí cheguei no presidente e falei “cara que nota é essa” e tal, tipo não precisava ser dessa forma entendeu? Tipo, eu acho que foi muito infeliz a pessoa que fez a nota, e o presidente falou pra mim a seguinte questão “ Pó..Infelizmente, é... tem coisas que às vezes foge

né, as vezes foge do meu controle, foi feita essa nota e foi postada.” Entendeu? Foi feita essa nota e foi postada. (...) Cara, com relação a reunião é... reunião normal, assim como acontece com a gente, participar de algum congresso de torcida organizada, os caras vão tá lá né, e aí eu vou ter que está do lado dos caras, não é hipocrisia né, infelizmente eu vou te que tá lá levantando a minha bandeira, se os caras tão lá levantando a deles, eu vou tá lá levantando a minha, e eu vi essa questão das meninas dessa forma, as meninas estavam lá não por amizade né, não por serem simpáticas a elas né, as rivais, mais por uma causa nossa né, estavam lá levantando a nossa bandeira, infelizmente foi um erro que aconteceu né, de uma diretoria passada, eu não to aqui para julgar né, porém te afirmo que na nossa diretoria, na diretoria que eu faço parte jamais sairia uma nota dessa magnitude entendeu? Até pela forma como foi, os termos usados, como ela foi postada, entendeu? E infelizmente erros acontecem né cara, erros acontecem, eu não vou julgar, mais é como eu to dizendo a você, a minha visão, a minha opinião eu vejo dessa forma, as meninas estavam ali não por serem simpáticas ao outro lado, mais sim levantando a bandeira da nossa causa, representando a nossa torcida, eu vejo dessa forma.

O relato desse integrante, que atualmente ocupa um cargo de diretor na instituição, diverge com a nota oficial da torcida e com a opinião feminina apontada anteriormente, para ele a Mancha errou em redigir aquela nota, bem como suspender e punir as mulheres que integravam o núcleo feminino naquela época. Para ele, reuniões dessa natureza são comuns no mundo das organizadas, bem como a foto com todos os participantes reunidos, é um protocolo que comumente é seguido. O fato de ser uma primeira reunião realizada e protagonizada por mulheres, impulsionou a insatisfação masculina, pois, estavam acostumados com reuniões dominadas e protagonizadas por eles. Quando as mulheres invertem a lógica na relação de poder, são acusadas e diminuídas, deslegitimando suas pautas e reivindicações.

Os dados demonstram as disputas de poder dentro das atividades cotidianas da torcida, e de como as mulheres se organizam para se impor e reivindicar seu espaço. A diretoria da torcida e as “frentes” do núcleo feminino estão em constante disputas. Veremos na próxima sessão como ocorre a participação das mulheres em espaços deliberativos da Mancha Azul, e de como os diretores homens se relacionam com os pedidos e demandas femininas.

## **5 - Participação das mulheres em espaços deliberativos da torcida.**

Os espaços deliberativos da Mancha Azul são marcados por um forte predomínio masculino, e uma divisão hierárquica que privilegia essa condição, colocando os homens sempre acima das mulheres, e a presença feminina como subalterna àqueles que ocupam postos de poder na torcida. Assim como qualquer instituição registrada em cartório, a Mancha é regida por um estatuto, que contém as diretrizes organizacionais, os direitos e deveres daqueles que compõem a mesma. Institucionalmente uma diretoria toma as rédeas desse processo, dividida entre presidente, vice-presidente, diretores e colaboradores. Segundo constatei em conversa com um diretor, atualmente a torcida possui 12 diretores, divididos em 11 cargos, todos são homens.

### **Organograma diretoria 2021/2022 Mancha Azul.**

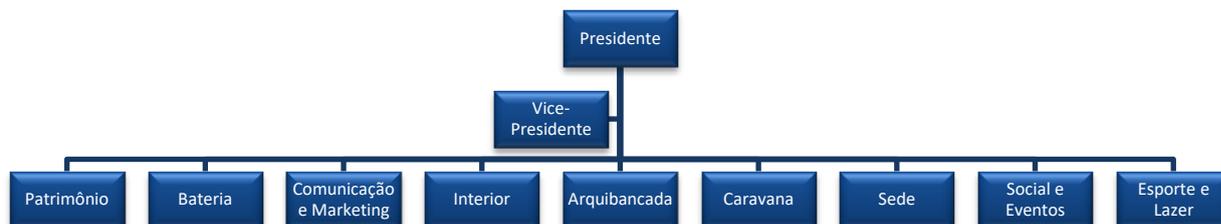


Foto:Organograma sobre os cargos oficiais da Torcida Mancha Azul

Fonte:<https://www.facebook.com/manchaazuldocsaoficial/photos/a.653453311392641/4986500051421257/>

Podemos observar, que, administrativamente, a torcida possui subdivisões em setores diferentes, onde cada diretor é responsável por desenvolver as atividades que lhes são atribuídas, ficando a cargo do presidente e do vice-presidente fiscalizar os demais diretores. Além do cargo executivo da Mancha, não se nota hierarquia entre os diretores, todos estão dispostos de maneira igualitária e dispõem de certa autonomia para trabalhar na torcida. Um dos diretores destacou quais são as atividades de sua incumbência na torcida.

M.P – Então, hoje na Mancha Azul eu sou diretor social e de eventos né, social é as ações sociais né, o trabalho social em si da torcida, todo passa por mim, tudo é...entendimento meu, assim algumas ideias , é.. tem ideias também dos nossos bondes, dos nossos bairros, e o pessoal chega é... passa as ideias, a gente cria a logística e acaba dando suporte (ligação no celular interrompeu esse diálogo)... Então como eu tava falando, o pessoal trás mais as ideias, e a gente meio que lapida e põe em prática né. E os eventos, como eu venho nessa trajetória musical, também já trabalhei com eventos, como organizador de shows, aí eu fiquei com a parte de eventos também né, com essa parte de eventos né, organização é... da festa e tal, e é isso, todos os eventos.

Nesse primeiro momento não percebemos a presença feminina nos espaços de decisões da torcida, elas não estão presentes como diretoras. A

elas fica reservado um cargo específico, de lideranças do núcleo feminino. Percebemos que o NF acaba sendo uma pequena instituição dentro da instituição maior que é a Mancha Azul, ele possui suas diretoras, ou “frentes” como elas se intitulam, porém, essas “frentes” não participam das decisões gerais da torcida, sendo acionadas apenas quando elas reivindicam ou quando é um assunto ligado ao interesse feminino. Aqui podemos identificar uma relação de poder bastante consolidada e suas hierarquias dentro da instituição. Vejamos como essas hierarquias estão dispostas.

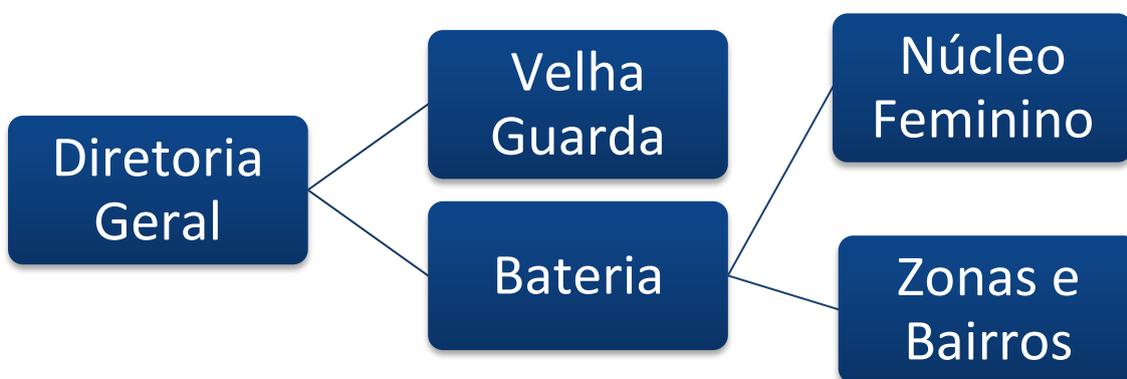


Foto: Disposição Hierárquica Institucional da Mancha Azul.

Essas são as relações de poder observadas na administração da torcida. Percebemos que o NF é o último nesse quesito, sendo o setor que constantemente tem que está se reportando aos homens da torcida, em qualquer atividade que venham a desempenhar. Durante as entrevistas foram observadas duas situações que refletem essa questão de subordinação feminina, e de como, mesmo em estado servil, as mulheres do NF procuram maneiras de serem ouvidas e reivindicar mudanças em questões que estão intimamente ligadas as suas demandas.

O primeiro ponto observado, diz respeito às mudanças no lema e na imagem visual do Núcleo Feminino. Tanto o lema quanto o mascote que estampam os materiais do NF, foram determinados por homens da torcida, em gestões passadas, e que por algum tempo causou insatisfação em algumas representantes. Durante o retorno às suas atividades, as “frentes” do NF resolveram entrar em ação e modificar o lema. Uma demanda observada por elas, discutida e votada também pelas mulheres que compõem o grupo ativo.

Entrevistador – Recentemente eu vi que o lema do Núcleo Feminino mudou, a mudança do lema partiu de vocês do Núcleo ? Como se deu esse processo?

A.P – Na verdade era uma coisa que me incomodava, fui eu que fiz toda aquela mudança, dei o pontapé para realizar aquela mudança, era uma coisa que me incomodava muito, a questão de vê em outras torcidas, até rivais mesmo, as meninas terem um lema, a torcida Mancha tem um lema que é IFI, e a gente nunca teve, o “é show é o que?” era o que? O que significa show? Tipo era uma coisa vazia. Ai foi ai que a gente tentou, tentou, fez reunião, e o pessoal sempre muito contra a mudança, mais ai acabou que acatou, que a gente explicou como ia acontecer, qual seria o nosso lema, uma coisa que foi votado por todas meninas, então assim, eu dei a ideia, e as meninas gostaram, acataram, e eu peguei a formulação da ideia e passei para a diretoria, foi difícil, mas ai no final todo mundo entendeu, todo mundo gostou.

A Mancha Azul possui desde a sua fundação o lema “Ideologia, Força e Irmandade” (IFI), esse lema vem estampado no escudo, nas bandeiras e nas vestimentas produzidas. O Núcleo Feminino possuía o lema “Núcleo Feminino é show”, onde “show” remete a espetáculo, o que segundo a jovem A.P, era considerado algo vazio. Notamos que as mulheres tomaram para si o protagonismo dessa mudança, porém mais uma vez precisaram da aprovação masculina. O novo lema passou a ser “Ideologia, determinação e poder.”

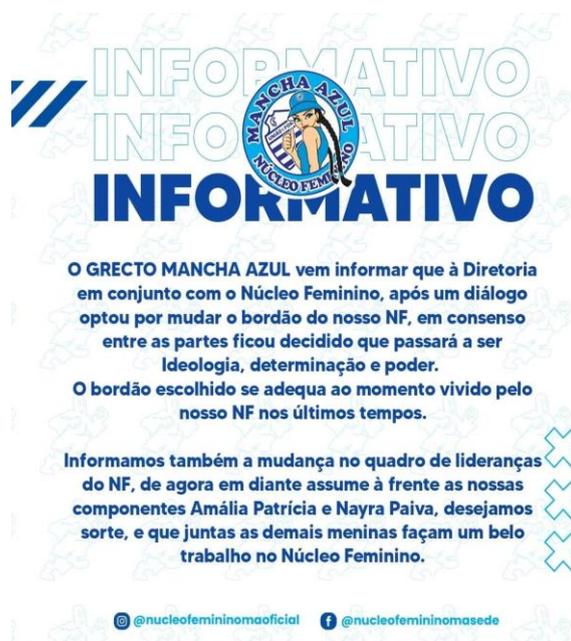


Foto: Informativo do Núcleo Feminino da Mancha Azul, sobre a mudança do seu lemaFonte:<https://www.facebook.com/nucleofemininomaoficial/photos/pb.100056363425483.-2207520000../2784813338477338/?type=3>

Um segundo ponto que merece destaque, tem relação mais uma vez com o Movimento Feminino de Arquibancada (MFA). Em janeiro de 2022 foi realizado mais um encontro das torcedoras, dessa vez além de uma reunião, um Encontro Estadual das Mulheres de Arquibancadas de Alagoas, contando com a participação de palestrantes de vários lugares e setores ligados ao futebol. Por ter a inscrição indeferida, não pude comparecer ao evento. Porém questionei a uma das líderes do NF se elas foram convidadas e como procederam durante a reunião.

A.P – A gente foi convidada, recebeu a carta convite, e a gente já enviou os nomes, e a gente vai tá presente só que aí as meninas mesmo do grupo já falaram que não querem fotos. E eu acho uma coisa muito hipócrita, a gente briga o ano todo, a gente se xinga o ano todo, pra chegar no começo de janeiro, ir lá e tirar uma foto, eu acho uma coisa assim fora do normal, o debate é valido, mais esse negócio de foto eu não sou muito, não acho muito legal não. (...)Tudo que é externo da torcida, tem que chegar para ser debatido, para ser pedido autorização, pode ser uma festa de aliado ou um tipo de reunião assim. Então a gente mandou a carta convite para a diretoria, para a presidência, e eles falaram que tudo certo. Até aí eles não falaram nada de foto nem nada, a gente mesmo que debateu no grupo do NF, que não queria foto, aí pronto. É uma coisa que realmente a gente não gosta, hoje das meninas que estavam na foto eu acho que não tem mais nenhuma no NF mesmo, ativo, grupo do whatsapp no caso eu falo, não tem mais nenhuma menina daquela, mas aí as que estão hoje elas já entendem mais aquela questão de hierarquia de ideologia, e entendem também como eu falei, que é uma coisa de

hipocrisia, você falar, xingar, brigar o ano todo com as rivais, e quando for no final do ano você tirar uma foto, então todas pensam daquele mesmo modo, cada uma com um jeitinho de pensar diferente, mais no final o foco é todo esse assim que é muita hipocrisia.

A própria interlocutora durante a entrevista, que foi realizada antes do evento, já antecipa que as mulheres da Mancha Azul estariam presentes, porém, elas mesmas não querem tirar fotos junto com as rivais, com medo de represálias e suspensões, como ocorreu no passado, agora elas adotam um discurso mais cauteloso, bastante alinhado ao que a diretoria masculina prega. Outra questão que vem à tona, e já foi apontado, é de como a relação de poder sempre favorece os homens, é deles a decisão final, nesse caso, foi pontuado que mesmo as mulheres decidindo participar, cabe a diretoria geral, ou seja, aos homens a palavra final, se elas pode ou não representar a torcida nesse ou em qualquer outro evento. Acompanhando as redes sociais, o evento reuniu uma grande quantidade de mulheres, dos mais diferentes ramos do futebol, e não teve foto com todas as torcidas reunidas no final.



Foto: Imagem oficial de divulgação do Priemiro Encontro estadual do MFA-

ALFonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=309760674488507&set=pb.100063637295913.-2207520000.&type=3>

Esses dois exemplos, reforçam o domínio dos homens na torcida, desde as atividades corriqueiras, até os espaços deliberativos. As principais decisões da Mancha Azul partem deles ou precisam do seu aval para serem validadas e possuir credibilidade perante toda a instituição. Também nos fornece elementos que apontam para uma movimentação maior por parte das mulheres, que percebendo as engrenagens de poder que silenciavam as suas companheiras, agora elas procuram ter voz ativa, reivindicando melhorias e mais autonomia dentro da torcida. Na última sessão deste capítulo, discutiremos se a Mancha Azul caminha para uma mudança com relação às dicotomias de gênero ou se a manutenção do *status quo* é o caminho ainda a ser seguido.

## **6- Mudança ou manutenção do status quo na Mancha Azul?**

As engrenagens que regem as dinâmicas da torcida nos direcionam para um ambiente onde as masculinidades e virilidades são constantemente reforçadas, e que a participação feminina se restringe às atividades de cunho assistencialista, do cuidado materno e familiar. Porém, pautas de protagonismo femininos começam a tomar forma dentro da Mancha Azul. As mulheres tentam se organizar e reivindicar seu espaço, tentando romper com as hierarquias produzidas a partir da relação entre homens e mulheres.

Não é atoa que esse assunto está sendo abordado no final, depois de entendermos um pouco das relações dos homens e das mulheres nas dinâmicas da Mancha Azul. Agora em perspectiva queremos perceber se esses indivíduos observam algum processo de mudança nessas relações, se estão dispostos a mudar e se a mudança ocorreu, qual foi seu papel em meio a todo esse processo.

Já vimos as diferenças nas atividades dentro da torcida, bem como os conflitos, tensionamentos e as hierarquias que estão dispostas. Mesmo com

todos esses fatores já mensurados em nossa pesquisa, as mulheres continuam participando da torcida, se engajando, da maneira como lhes é permitido, e se organizando internamente. Ao questionar as interlocutoras se elas observam alguma mudança nos rumos da torcida, com relação a maior participação feminina, os dados apontam o seguinte:

A.P – Depois do problema que a gente teve, como eu falei de 2019, eles focaram muito em ouvir o que a gente tem para dizer, em ouvir as outras mulheres, então assim, antigamente a gente via muita briga entre as mulheres mesmo dentro da torcida, mulher com mulher, então assim, eles fazem o possível para que não tenha esse tipo de briga, é... tão sempre fazendo... sempre conversando para que a gente evite esse tipo de briga, sempre que vê um rumor de briga a gente tá lá para conversar e tal. As questões de ações sociais também estão muito focadas na parte das mulheres, em ter mulheres palestrantes dentro da nossa torcida, em setembro agora a gente teve duas psicólogas coisa que nunca tinha acontecido, em outubro rosa a gente também faz ação social, já puxando para as mulheres, então é uma coisa que já aprenderam e eles estão melhorando a cada dia, não vão melhorar da noite para o dia, mais ai ta aprendendo assim, aprendeu com o erro ai tá naquele balanço sempre tentando evoluir, que era uma coisa que não tinha... em setembro nunca teve nenhum tipo de psicólogo, no caso a gente tem um psicólogo que é o Polho mesmo, que falou com você, que era ele quem dava as palestras, então assim esse ano foi completamente diferente, a gente solicitou mulheres para conversar com mulheres, a gente tem um plano agora para o ano que vem de fazer festa só para as mulheres dentro da torcida, de chamar novamente as psicólogas para conversar com as mulheres, porque muitas são mães, são sobrecarregadas, então assim, focar mesmo nas mulheres, principalmente nas mulheres da nossa torcida que tá ali do nosso lado e a gente não sabe o que ela tá passando, tá sentindo, ai fica mais dentro da nossa torcida mesmo, para depois a gente levar para mulheres de fora da torcida.

N.P - Eu vejo a torcida bem unida, porque eu já convivi assim, muita briga de integrantes assim, e não vejo mais isso né, eu acho muito bom. Não tem mais brigas e desavenças como tinha antes.

Mais uma vez, observamos a questão da rivalidade feminina vindo à tona, para elas, a torcida está mudando, pois um dos fatores diz respeito ao apaziguamento das disputas femininas, e como lideranças, uma das suas atribuições é manter a ordem dentro do NF. Segundo Naomi Wolf (2020), o que alimenta o mito da beleza é a culpa que as mulheres atribuem umas às outras, reforçando essa disputa feminina. “A rivalidade, o ressentimento e a hostilidade provocados pelo mito da beleza são profundos.” (WOLF, 2020, pg.407.) A autora, faz relação com questões estéticas, porém, não sabemos ao certo o que provoca essa dicotomia entre as mulheres da Mancha Azul. O mito da

beleza vai além das questões estéticas, pode ser relacionado com outras variáveis que permeiam o universo feminino, controlando seus corpos e atribuindo valores às mulheres.

Essa comparação constante no qual o valor de uma mulher flutua por meio da presença de uma outra, divide e conquista. Ela força as mulheres a uma crítica penetrando das “escolhas” que outras mulheres fazem com relação à aparência. Só que esse sistema que lança as mulheres umas contra as outras não é inevitável. (WOLF, 2020, pg. 408).

Mesmo apontando os problemas, as mulheres “frentes” do Núcleo Feminino observam um processo de mudança dentro da torcida, como uma maior escuta das suas demandas e reivindicações. Elas apontam que hoje possuem maior espaço para debater e conversar harmoniosamente com os homens, por mais que não tenham atingido uma equidade de gênero, tendo em vista que os conflitos continuam a existir. Elas estão um passo adiante das gerações anteriores de mulheres que passaram pela torcida e não obtiveram esse diálogo. Como aponta a jovem *A.P.*

*A.P.* – A gente tá conquistando o espaço agora, na verdade como eu disse a você, depois de 2019 foi que a gente começou a ter uma voz ativa, ter aquele contato mais com a diretoria, porque até então, antes de 2019, tinha um grupo, era um grupo para fazer ação social e apenas isso. E depois de 2019, depois do erro, acho que a diretoria aprendeu com o erro, e a gente tem a nossa voz agora, a gente pode dizer o que incomoda, o que acha legal, ou a gente pode escolher as coisas, mais antes a gente não tinha essa voz, a gente não tinha.

O espaço está sendo conquistado por essa nova gestão de mulheres que compõem o Núcleo Feminino da Mancha, como ela mesmo aponta, “ *a gente tem a nossa voz agora*”, diante de um ambiente extremamente masculinizado, ela considera ser um avanço para uma maior valorização feminina. Sabemos que a igualdade reivindicada, não é neutra, ela é balizada de acordo com as características masculinas (ALMEIDA, 2014, pg. 64). É preciso que essa valoração seja revertida para as mulheres, que suas dinâmicas possam ser universais e tão relevantes quanto as dos homens.

Ou seja, não basta exigir o acesso das mulheres às atividades próprias dos homens. É necessário também definir os critérios de valoração que fazem com que algumas atividades (as deles) sejam

consideradas mais importantes e mais dignas do que outras (as delas) e que fazem com que algumas formas de comportamento (as deles) sejam vistas como universalizáveis, enquanto outras (as delas) apareçam como inevitavelmente ligadas a uma posição social particular. ( ALMEIDA, 2014, pg. 65).

Com isso percebemos que, por mais que elas se sintam contempladas com as pautas pensadas e levadas por elas, ainda assim tudo isso só adquire valor quando passa pelo aval masculino, são eles que no final decidem as diretrizes de tudo que está disposto dentro da torcida Mancha Azul.

Portanto, esse capítulo, teve como objetivo observar os dados que foram adquiridos durante todo o trabalho de campo, ao longo desses 2 anos de pesquisa. Com isso podemos compreender melhor as relação entre homens e mulheres na vivência da torcida Mancha Azul, de como os conflitos estão permeando as ações dos indivíduos e de como as mulheres acionam estratégias e recursos para garantir uma maior representatividade na torcida.

Além das sociabilidades que costumamos enxergar pessoalmente nas atividades da torcida, um outro tipo de sociabilidade chama atenção, a sociabilidade virtual. As redes sociais virtuais ganharam espaço no meio das torcidas organizadas, é através delas que os integrantes se comunicam, reivindicam e planejam algumas atividades que serão desenvolvidas no mundo material. No próximo capítulo analisaremos as redes sociais oficiais da Mancha Azul, bem como do Núcleo Feminino, em busca de diferenciações e conflitos de gênero que possam reverberar-se no mundo virtual.

### **Capítulo 3- Observações do espaço virtual da Mancha Azul**

#### **1- Análise sociológica da presença da Mancha Azul no ciberespaço.**

O objetivo neste último momento da pesquisa, é traçar alguns apontamentos com relação ao uso das redes sociais digitais oficiais da Mancha, buscando compreender como as mesmas funcionam. Pretendemos, delimitar o teor das postagens, bem como mapear se existem discussões e problematizações a respeito dos conflitos de gênero, através de comentários. Meu desdobramento investigativo neste momento da pesquisa sugere identificar como essa sociabilidade digital fornece pressupostos para fortalecer a luta das mulheres da torcida, por meio de reivindicações por maior reconhecimento e mais espaço dentro da instituição.

Atualmente existem muitas redes sociais ativas em todo o mundo, umas mais fluidas que as outras, algumas com disponibilidade maior para vídeos, outras para fotos, e outras favorecem mais o debate on-line. Dentre essa variedade de redes, optei por analisar o Facebook e Instagram, que possuem dinâmicas diferentes, e fornecem elementos variados para nossa análise.

Os perfis escolhidos foram o “Mancha Azul-Oficial” e o “Núcleo Feminino Oficial”. Ambos os perfis são administrados pela diretoria executiva da torcida, que fica responsável pelas postagens oficiais, anúncio de eventos, venda de material, notas e comunicados. Como a Mancha não possui um site oficial, fica a cargo dessas redes a comunicação com os seus componentes e simpatizantes no mundo virtual. Antes de entrarmos nos dados que foram recolhidos nos dois perfis, precisamos entender melhor a influência da internet na interação dos indivíduos da sociedade contemporânea, e de como o advento das redes sociais transformaram o olhar da pesquisa antropológica, colocando o mundo virtual em evidência. Para isso, analisei essas questões à luz da teoria do sociólogo espanhol Manuel Castells, um dos primeiros teóricos a contribuir sobre o assunto.

#### **2- A sociedade em rede e as sociabilidades digitais.**

O advento da globalização e a intensificação das trocas comunicacionais mediada pelas novas tecnologias, cada vez mais tem integrado indivíduos em

todo mundo, conectados muitas vezes a milhares de quilômetros. Essas relações têm moldado a comunicação, criando novas tendências e transformando culturas, aproximando pessoas, modificando as relações sociais e sendo moldadas também por elas.

Além disso, um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldado por elas. (CASTELLS, 2002, pg. 40).

O autor chama atenção para essa integração gerada pela produção de computadores em larga escala e pelas interações mediadas no ciberespaço. Quando observamos as dinâmicas interacionais no ciberespaço contemporâneo, notamos nitidamente essa mudança, as redes sociais digitais moldam e interferem diretamente na vida dos indivíduos e nas relações sociais em nossa sociedade. Seja para trabalho, estudo ou lazer, estar conectado, entender a linguagem da internet, é se manter em evidência em uma sociedade cada dia mais interativa. A busca por uma identidade, coletiva ou individual, nesse mundo globalizado, torna-se fonte básica de significado social (CASTELLS, 2002). Essa busca por identidade e a grande influência dessa rede globalizada, coloca em dicotomia a dualidade entre *Rede e ser*, fundamentado e estruturando a sociedade.

Enquanto isso, as redes globais de intercâmbios instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com a sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede, em um fluxo contínuo de decisões estratégicas. Segue-se uma divisão fundamental entre o instrumentalismo universal e abstrato e as identidades particularistas historicamente enraizadas. Nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o ser. (CASTELLS, 2002, pg 41).

Essas são consequências das transformações sociais que foram moldadas com o avanço tecnológico, as redes de sociabilidade que antes eram restritas aos encontros presenciais, agora ganham uma nova configuração. A internet revolucionou algumas dinâmicas de sociabilidades na nossa

sociedade. Agora, com as configurações de uma comunicação mais fluida, rápida e contínua, assistimos a produção de redes de sociabilidade no ciberespaço, principalmente através das redes sociais. Essas redes foram sendo construídas, sem a necessidade da presença física, assim, busca por identidades se intensificou (CASTELLS, 2002), nesse processo.

Os primeiros passos históricos das sociedades informacionais parecem caracterizá-las pela preeminência da identidade como seu princípio organizacional. Por identidade, entendo o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais. (CASTELLS, 2002, pg. 57).

Atualmente manter-se conectado tornou-se imprescindível, é bem comum caminhar nas ruas, ir ao shopping center, na escola, na universidade e encontrar indivíduos conectados exercendo as mais diferentes atividades, encurtando laços ou simplesmente executando ações que facilitem as atividades corriqueiras. A internet não é mais uma novidade, hoje é parte fundamental da vivência em sociedade no século XXI, e esse mecanismo é utilizado segundo Castells (2002) para expandir e intensificar inúmeros laços fracos que geram uma camada fundamental de interação social, para aqueles que vivem conectados a esse mundo de redes digitais. Essas comunidades virtuais podem não conter as mesmas dinâmicas de comunidades presenciais, porém são tão reais quanto.

São comunidades, porém não são comunidades físicas, e não seguem os mesmos modelos de comunicação e interação das comunidades físicas. Porém não são “irreais”, funcionam em outro plano da realidade. São redes sociais interpessoais, em sua maioria baseadas em laços fracos, diversificadíssimas e especializadas mas, também capazes de gerar reciprocidade e apoio por intermédio da dinâmica de interação sustentada. (CASTELLS, 2002, pg. 445).

Com isso podemos começar a traçar alguns apontamentos com relação às redes sociais da Mancha Azul, comunidades que criam ou reforçam sociabilidades para os indivíduos que participam das suas dinâmicas.

As torcidas organizadas utilizam as redes sociais como um mecanismo de informação e divulgação das suas atividades, levando em conta que são

portais independentes. Na maioria das vezes, a repercussão que as torcidas geram e ganham dos grandes meios de comunicação de massa, é sempre ancorada em aspectos depreciativos, marginalizando suas condutas e a de seus integrantes.

Além de ser um meio de comunicação da torcida para com os seus componentes, as redes acabaram se tornando um ponto de encontro fora dos espaços físicos já conhecidos, é na rede social que é estendida a participação dos integrantes nos assuntos decorrentes da instituição. A torcida, encontrou na internet, na fluidez e no grande alcance dela, um aliado para se manter em evidência.

Com o desenvolvimento da web, as redes sociais digitais ganham notoriedade, proporcionando novas experiências de sociabilidades diferente daquelas vistas no mundo material, agora uma sociabilidade virtual, que de certa forma não está separada deste meio, como já vimos, em muitos casos, as relações virtuais mantêm as dinâmicas do mundo social material.

Uma das principais marcas das redes sociais digitais está relacionada ao modo como suas ferramentas permitem a visibilidade, bem como a articulação de laços sociais entre os seus utilizadores a partir das informações produzidas, consumidas e compartilhadas em seus ambientes. Contribuem não apenas com a criação de novas relações, como favorecem a manutenção de sociabilidades construídas no espaço material. (NUNES, 2014, p.149).

As redes sociais oficiais da Mancha Azul foram elencadas como a última parte desta pesquisa, justamente para que possamos perceber como as relações entre homens e mulheres jovens da torcida, vistas no mundo material, podem se reverberar no mundo virtual.

Para fazer uma análise de como essas redes estão organizadas, e de como alguns discursos são produzidos no espaço virtual, fiz uso da etnografia online, um procedimento metodológico que vem ganhando corpo desde o surgimento das primeiras redes digitais. Ainda hoje existe uma dicotomia nos estudos antropológicos, sobre se esse tipo de etnografia é válida. Todo método que venha a agregar valor aos estudos de observação são válidos, ou seja, a etnografia virtual não desapropria a tradicional, pelo contrário, ela reatualiza a sua possibilidade de acionamento de dados, como afirmam (ALVEZ, 2017) e

(FERRAZ, 2017):

A extensão do método para as práticas em rede não corrompe a Antropologia, ela reatualiza a etnografia pela possibilidade do encontro com uma série de dados, os quais isolados, podem parecer insignificantes, mas que juntos, conforme Mauss inspira a pensar, seguem a *representação da concentração de uma série de princípios e valores*. (2017, p.6)

Dito isso, iremos conceituar brevemente a etnografia virtual, e mostrar como ela vêm sendo utilizada, principalmente nas pesquisas sócio-antropológicas, que observam nessa metodologia uma chave importante para compreendermos as novas dinâmicas de sociabilidade que surgem no século XXI.

### **3- A etnografia virtual na pesquisa**

Dentre as técnicas usadas nessa pesquisa, a etnografia virtual é aquela que compõe a mais recente aplicação nas Ciências Sociais, pois, surgiu com a expansão da internet e do mundo virtual. Estar inserido virtualmente tornou-se fundamental para vivência em sociedade. Muitos indivíduos gastam horas do dia, destinados a esse mundo, que proporciona dentre outras coisas, oportunidades de entretenimento. Pretendo destacar nessa sessão, alguns apontamentos pertinentes a etnografia virtual, seus conceitos, como operacionalizá-la, e a relação dessa técnica para o desenvolvimento da pesquisa.

O fazer etnográfico aponta algumas direções na qual devemos seguir, a fim de conseguirmos dar conta dessa metodologia. Assim que surgiram as primeiras etnografias virtuais, algumas questões vieram a discussão, especialmente, se essa técnica representava de fato o fazer etnográfico, tendo em vista que não colocava frente a frente pesquisador e pesquisado. Antropólogos(as) tradicionais apontam que esse é um dos pressupostos para considerarmos esse método. Porém, apesar de realmente não colocar os participantes em presença física, a etnografia virtual também é dotada de sentidos, e permite uma imersão naquilo que se pretende estudar e apontar.

A fim de fazer isso, temos que nos afastar de pensar o “estar lá”, que caracteriza a etnografia, como algo que requer uma forma localizada de presença (BEAULIEU 2010), de modo a focalizar mais claramente os aspectos experimentais da metodologia, em que “experiência” pode ser desenvolvida de múltiplas maneiras, incluindo, dentro de suas atribuições, várias formas mediadas de experiência. Um etnógrafo, mesmo na era da internet, continua a desenvolver uma forma distinta de conhecimento através do estar, fazer, aprender e praticar e por uma associação próxima com aqueles que fazem o mesmo no decorrer de suas vidas cotidianas. Em um mundo repleto de mídias, a associação próxima pode vir a significar proximidade por meio de interações mediadas e a etnografia precisa estar pronta para se adaptar a essa forma de proximidade tanto quanto à proximidade física – mas sem perder de vista os princípios originais que motivam o engajamento etnográfico e que fazem da etnografia uma forma de conhecimento distinta e perspicaz. (HINE, 2020, pg. 4)

Hine (2020), uma das precursoras da análise antropológica em redes digitais, aponta para essa experiência, o que esse olhar etnográfico trará para as pesquisas, a adaptação também faz parte, saber moldar as informações disponíveis no campo de pesquisa, a fim de extrair resultados satisfatórios. Com isso, se as redes sociais estão ocupando a vivência dos indivíduos da nossa sociedade, devemos nos debruçar sobre as consequências desse uso nas relações sociais.

É premissa do pesquisador, identificar as metodologias e técnicas que usará na sua pesquisa, muitas vezes é preciso adaptar seus usos em decorrência de situações que aparecerão no campo de pesquisa (HINE, 2020), a internet fornece alguns elementos que proporcionam soluções rápidas para remodelação do que se está estudando, não podemos perder de vista que, se adaptar não faz referência a fragilizar os dados, pelo contrário, abordar novas metodologias, são decisões que visam justamente o condensamento dos dados de uma maneira mais satisfatória, daquela que foi objetivada inicialmente.

Relacionando essa passagem com a pesquisa que desenvolvi com jovens homens e mulheres da Mancha Azul, a etnografia virtual surge também como uma forma de apontar um outro modo de sociabilidade vivida por esses jovens, como também foi uma adaptação às consequências geradas pela pandemia de Covid-19, que perdurou por todo o período desta pesquisa. Foi

preciso moldar as metodologias e os objetivos, para que os dados não fosse comprometidos e a pesquisa seguiu sem grandes prejuízos.

A etnografia é, desse modo, um método muito adaptável, na medida em que parte da premissa de que não será imediatamente aparente quais são as dimensões relevantes da contextualização e, então, a pergunta de pesquisa completa não pode ser antecipada previamente, assim como o campo apropriado no qual estudar esta questão não pode ser totalmente definido a princípio. (HINE, 2020, pág. 8).

O mundo virtual não pode ser visto como algo irreal, que está desconexo do mundo material, pelo contrário, hoje em dia, esses dois “mundos” se completam, no que diz respeito às sociabilidades. A internet segundo Hine (2020), se apresenta como um lugar cultural, dela podem surgir ou fortalecer conhecimentos ou elementos culturais, que visem a integração dos indivíduos fora do mundo virtual.

A autora divide o uso da internet em dois modelos, a internet incorporada e a internet corporificada. Me aproprio desse segundo conceito, pois traz apontamentos que condizem com o observado diante do objeto de pesquisa. Onde a internet se apresenta não como algo ciberespacial que transcende a experiência, ela se torna parte de nós, onde as construções virtuais não se separam dos corpos físicos (HINE, 2020). Importante perceber que a internet nesse caso não é algo a parte, um outro mundo, como já mencionamos, aqui ela pode ser vista como uma extensão de maneiras diferentes de se expor no mundo, Hine (2020) aponta que estar online em alguns casos pode ser uma continuidade de modos de viver quando se está offline. O indivíduo que usa a internet pode ser considerado como um usuário corporificado.

Portanto, mesmo que às vezes possa ser imersivo, o mundo online não necessariamente substitui ou repõe a experiência corporal. O usuário da internet é um usuário corporificado. Corpos, entretanto, não existem simplesmente no mundo de uma forma singular, mas são trazidos à existência de uma forma complexa e múltipla (TURNER 1991). Portanto, não é suficiente dizer simplesmente que alguém está aqui ou ali, corporificado ou não, online ou offline. Tanto online quanto offline são modos complexos de ser, que muitas vezes precisam ser desagregados (não agrupados como se todas as experiências online ou offline fossem de alguma forma as mesmas), a fim de diferenciar o que cada um pode significar para pessoas em

circunstâncias específicas e como cada um pode se relacionar com um corpo físico. (HINE, 2020, pg. 25).

Notamos que a internet pode ser utilizada de diversas maneiras pelos seus usuários, possibilitando uma pluralidade na questão da corporificação, os indivíduos de maneiras diferentes, atribuem e dão sentidos aos serviços que acessam, nas mais diferentes redes sociais. Procurar perceber como essas redes são acessadas e quais conteúdos estão disponíveis, é um dos pontos da pesquisa. Quais conteúdos estão sendo abordados nas redes sociais da Mancha Azul? Como esses conteúdos são conduzidos? Suas publicações engajam debates entre seus componentes, como podemos perceber as diferenças de gênero que se reverberam no mundo virtual?

Pretendemos responder a esses questionamentos através da etnografia feita na internet, nas redes sociais da Mancha Azul, possibilitando uma análise dessas corporificações. Uma entre muitas experiências que podemos observar na internet (HINE, 2020).

Esse tipo de etnografia proporciona elementos de identificação e legitimação no campo de estudos das Ciências Sociais, mais especificamente como uma ferramenta da Antropologia e Sociologia. Estudar as redes sociais, permite enxergar as representações e ações que esses indivíduos colocam na rede, cada dia com mais frequência. A rede social dá voz aos atores que participam dela, agrupam pensamentos iguais e repelem pensamentos diferentes. Estar inserido nesse meio dá margem ao entendimento do que se é visto e pensado dentro e fora da rede. Muitas vezes opiniões que não são reveladas no mundo material, ganham força e palanque no mundo virtual das redes sociais.

As defesas de ideias radicais ou fundamentalistas, em publicações em redes sociais, tornam-se fragmentos das representações digitais da sociedade contemporânea, as quais dão amplitude a todas as vozes de todos grupos e comunidades, incluindo aqueles que não aceitam o outro em virtude de valores sociais baseados em nacionalidade, raça, classe e gênero. O que justifica, segundo Latour, o fracasso do projeto de liberdade, igualdade e fraternidade, da modernidade diante das atuais crises das democracias do mundo. Tal acontecimento é digitalmente refletido e pode ser analisado e comprovado na ação dos atores sociais/digitais e suas representações e registros publicados em rede. Por isso, a

observação sobre tais demandas em redes sociais pode legitimar a extensão da etnografia tradicional ao campo online das relações sociais, representativas dos fatos sociais. (ALVEZ, 2017, FERRAZ 2017, p.7).

Os atores, sejam eles sociais ou digitais, refletem as mudanças da sociedade moderna, trazem para dentro das redes suas vivências, experiências e opiniões sobre os mais variados assuntos. Homens e mulheres jovens que fazem parte da Mancha Azul refletem esse momento, são eles os que mais usam as novas tecnologias e as redes. Atualmente quase tudo é postado e comentado, com isso a rede social da torcida e os mais diferentes perfis do segmento proporcionam a esses indivíduos momentos de sociabilidade. Muitas vezes a sociabilidade que é vista na sede ou nos jogos, é reflexo dessa interação virtual, muitas amizades são feitas inicialmente via facebook, para depois se materializar em um encontro pessoal.

Essa possibilidade de reelaboração das dinâmicas na rede social é um ponto importante para pensar os atores que fazem parte desse processo, muitas vezes opiniões ou posturas que são inaceitáveis ou coagidas no ambiente da torcida, acabam por se materializar no espaço virtual, e encontrando pares para dividi-la na rede. O Facebook nos proporciona uma ampla análise desses discursos, pois dispõem de uma ampla rede de dados, grupos dos mais variados, páginas, perfis, comentando e divulgando seus pensamentos e suas ideias.

#### **4- A Mancha Azul-CSA no mundo virtual**

Vimos anteriormente como a internet modificou e vem modificando as dinâmicas de sociabilidades na sociedade do século XXI. Uma infinidade de possibilidades se apresentam, possibilitando uma pluralidade de conteúdos para aqueles que acessam. É normal que as instituições criem perfis no mundo virtual, cuja função é aproximar seus colaboradores e cooptar novos.

A Mancha Azul não ficou de fora dessa revolução tecnológica, desde o surgimento dos primeiros fotologs, até os dias de hoje, a torcida está atuante no mundo virtual há muito tempo. Já teve domínio de um site oficial, onde as principais notícias da torcida eram postadas, porém hoje em dia esse site

encontra-se fora do ar. A rede social faz o papel agora de informar os componentes e mobilizá-los virtualmente.

A torcida conta com canais oficiais no Facebook, Instagram, Twitter e Youtube. Desses citados, os dois primeiros são os mais utilizados e movimentados por integrantes da torcida. Existem também grupos oficiais no Whatsapp, porém não conseguimos ter acesso nem mapear a quantidade desses grupos, pois eles se ramificam entre grupos apenas de associados da torcida, grupo de diretores, de bairros, bondes, aliados e etc... Vejamos os números de seguidores em cada rede social da torcida:



Foto: Página inicial da Mancha Azul no Facebook. Fonte:

<https://www.facebook.com/manchaazuldocsaoficial>



Foto: Página oficial da Mancha Azul no Instagram. Fonte:

<https://www.instagram.com/manchaazuldocsaoficial/>



Foto: Página oficial da Mancha Azul no Youtube. Fonte:

<https://www.youtube.com/c/TVMANCHAOficial>



## Mancha Azul CSA - OFICIAL

@ManchaAzulCSAO1

Notícias sobre caravanas, projetos sociais, bastidores do clube, ao vivo dos jogos e cobertura total da torcida e clube, você só encontra aqui. Desde 1992.

📅 Entrou em março de 2019

2 Seguindo 233 Seguidores

Foto: Página Oficial da Mancha Azul no Twitter. Fonte:

<https://twitter.com/ManchaAzulCSAO1>

Os números da torcida no mundo virtual chegam a impressionar, somados chegariam a mais de 200 mil seguidores, que teriam acesso aos conteúdos postados. O perfil no facebook por possuir mais tempo, tem expressivos 99 mil seguidores. Já no Instagram a marca quase se iguala a da outra rede social. 80 mil pessoas seguem o perfil. O Youtube consta apenas com 8 mil inscritos, onde a torcida não exhibe conteúdo novo há mais de 3 anos, a mesma coisa do perfil no Twitter que consta com apenas 233 seguidores, e não é movimentado também há 3 anos. O Twitter se apresenta como a menos expressiva rede social da torcida, pelo fato de não possuir uma interatividade tão intensa, e o uso de vídeos e imagens não ser tão utilizado, esses fatos acabam afastando as atenções dos integrantes da Mancha Azul.

Trago esses dados, com o objetivo apenas de situar e mapear os locais onde a torcida está inserida. Sabemos que cada rede social tem suas especificidades, seu público e a maneira de se portar virtualmente. Enquanto o Twitter se apresenta como um local mais fluido, que as informações e discussões são mais rápidas e efêmeras, no Instagram e Facebook percebemos uma outra dinâmica, que nos permite transitar pelas postagens, observando seus conteúdos, os debates e a interação dos indivíduos .

Concomitante aos perfis oficiais da torcida, existem os perfis oficiais do Núcleo Feminino. No capítulo 2, quando apontamos as assimetrias nas atividades entre homens e mulheres da torcida, pontuamos que hierarquicamente o NF tem o seu lugar na organização da torcida, bem como possui lideranças e reuniões próprias. Seguida essa lógica, elas possuem perfis à parte, que representam em algum modo as suas singularidades. Lembramos que, por mais que sejam perfis diferentes, ainda assim são canais oficiais da Mancha Azul, e toda postagem passa pelo aval da direção geral, os homens da torcida. Vejamos os números nos perfis do Núcleo Feminino.



Foto: Página Oficial do Núcleo Feminino da Mancha Azul no Facebook. Fonte:

<https://www.facebook.com/nucleofemininomaoficial>



Foto: Página Oficial do Núcleo Feminino da Mancha Azul no Instagram. Fonte:

<https://www.instagram.com/nucleofemininoma/>

Os perfis destinados ao Núcleo Feminino possuem bem menos abrangência que o da torcida como um geral, se fizermos um comparativo quantitativo, a soma dos seguidores nas duas plataformas do NF gira em torno de 11 mil, número que não equivale a 10% da soma dos perfis da Mancha Azul. Não foi encontrado perfil destinado ao Núcleo no Youtube nem no Twitter, o canal das mulheres se destina exclusivamente a esses dois perfis apontados acima, e o grupo oficial no whatsapp.

Apesar de não ter tido acesso ao grupo, nos diálogos que obtive com as mulheres líderes, foi relatado que o grupo era exclusivo para as mulheres que estavam ativas na torcida, bem como aquelas que pagavam um tipo de mensalidade para se manter ativa. Quantitativamente esse grupo, segundo relatado por elas, condensa em torno de 20/25 mulheres, esses números não correspondem as mulheres que participam da Mancha e do Núcleo como um todo, segundo relatado, representa as mulheres que estão ativas, ajudando, desenvolvendo e organizando ações pela torcida e o NF.

A.P – O núcleo são todas as meninas né, mais assim a gente tem um grupo oficial que são aquelas meninas que fazem as ações, que participam de reuniões, esse grupo tem em torno de 25 meninas, só que ai tem as festas, tem a sede em si, tem as meninas que não participam do grupo, mais que frequentam a torcida diariamente, e a gente pode botar em torno assim, de umas 150 a 200 meninas hoje, ativas na torcida. É porque sempre tem as simpatizantes, as que vão

de vez em quando, mas aí a gente não calcula essas, calcula as que são ativas mesmo, tem umas que pagam o sócio e não são do núcleo, outras que tão sempre na sede dão uma força e outra, mas não participam do núcleo, do grupo, entendeu ?

N.P – Assim do nosso núcleo ativo né, porque tem o nosso núcleo ativo e tem as meninas que não participam do núcleo da torcida (...) hoje o ativo são 17 eu acho, o ativo que está nas ações, que está nessa questão com a diretoria, dos nossos materiais, é esse o ativo.

Não sendo o foco deste capítulo, importante apontar a existência desse grupo no whatsapp, onde as mulheres “ativas”, como elas denominam, traçam estratégias sobre os mais diferentes assuntos relacionados ao seu convívio e suas atividades.

Assim, conseguimos entender como a Mancha Azul se dispõe no mundo virtual, em quais redes sociais ela é mais ativa, bem como destacar a quantidade de seguidores que recebem seus conteúdos, etc.. Agora passaremos para o teor das postagens, frequência, quantidade, e as diferenças que se apresentam no perfil Mancha Azul CSA oficial e no Núcleo Feminino.

Inicialmente o que chama atenção nas redes sociais da Mancha Azul, são os seus números, como já demonstrado neste capítulo, somadas as redes sociais Mancha Azul Oficial e Núcleo Feminino, a torcida atinge a marca de 200 mil seguidores, indivíduos de diversas regiões do Brasil, que recebem semanalmente os conteúdos postados por essa torcida. O teor das postagens é bastante diverso, em sua maioria são informações para os jogos, apontando local, horário e convocando os integrantes a comparecerem ao estádio ou acompanharem de suas casas. Também constam postagens sobre ações sociais desenvolvidas pela torcida, divulgação e venda de materiais, como camisas, bonés, bermudas entre outros artigos. A torcida se engaja em algumas causas no mundo virtual, pautas como racismo e o dia internacional da mulher preenchem o conteúdo das postagens, apontando ao que parece um olhar e direcionamento diferenciado da torcida, no que diz respeito a pautas mais gerais. As postagens feitas no perfil do Núcleo Feminino, em sua maioria, seguem o teor das postagens do perfil oficial da torcida, inclusive algumas imagens e textos são os mesmos. Para além disso, postagens de cunho exclusivamente feminino podem ser vistos no perfil dedicado às mulheres,

ações realizadas por elas, bem como informativos e artigos que visam apenas o público feminino. Ao observar essas redes sociais, desenvolvi um quadro detalhado da quantidade de postagens e seus conteúdos, durante o período de Janeiro de 2021 até Julho de 2022.

#### **Quantitativo de Postagens “Mancha Azul do CSA oficial”<sup>16</sup>**

Conteúdo da Postagem	Quantidade	Porcentagem
Venda de Material	80	14%
Ação Social	65	11%
Chamada para jogos	167	30%
Nota Oficial	28	5%
Conteúdos do N.F	7	1%
Pautas sociais	7	1%
Caravanas	15	3%
Outros	196	35%
Total	570	100%

#### **Quantitativo de Postagens “Núcleo Feminino Mancha Azul”<sup>17</sup>**

Conteúdo da Postagem	Quantidade	Porcentagem
Venda de Material	35	19%
Ação Social	14	7%

<sup>16</sup> Quadro desenvolvido por João Victor Mendes, autor do trabalho.

<sup>17</sup> Quadro desenvolvido por João Victor Mendes, autor do trabalho.

Chamada para jogos	69	37%
Nota Oficial	6	3%
Conteúdos do N.F	25	13%
Pautas sociais	7	4%
Caravanas	1	1%
Outros	29	16%
Total	185	100%

Ao todo, analisei 755 postagens nos dois perfis da rede social. Como as postagens são replicadas do Instagram para o Facebook, essa análise quantitativa compreende as duas redes sociais. A maioria das postagens se encontram no perfil Mancha Azul oficial, compreendendo quase que o triplo de postagens vistas no perfil do Núcleo Feminino.

Conteúdos referentes às chamadas para os jogos, se destacam, e são postados com mais frequência. Levando em conta o calendário futebolístico o CSA, no período analisado, estava participando de 4 competições do futebol brasileiro (Campeonato Alagoano, Copa do Brasil, Copa do Nordeste e Campeonato Brasileiro da série B), um calendário cheio, onde a cada partida é postado um conteúdo informativo sobre horário, local da partida e etc. A venda de materiais da torcida, também aparece com recorrência, é através das redes sociais que os integrantes e simpatizantes tomam conhecimento dos modelos disponíveis para venda, valores, tamanhos e disponibilidade. Nesse ponto a rede social é um importante mecanismo para a torcida também com relação ao lucro, pois é a venda desses produtos que mantêm a subsistência da agremiação, portanto é visto como natural a grande disseminação desses materiais virtualmente. Essas duas variáveis juntas, somam mais da metade do tipo de conteúdo disponibilizado pela Mancha Azul no mundo virtual.



Foto1: Imagem de convocação para o jogo CSA vs Bahia, válido pelo Campeonato Brasileiro da Série B.

Fonte: <https://www.facebook.com/manchaazuldocsaoficial/photos/a.1923184587752834/7336661383071767>

Foto2: Imagem de divulgação da venda de materiais da torcida Mancha Azul.

Fonte: <https://www.facebook.com/manchaazuldocsaoficial/photos/a.1923184587752834/7619187664819136>

Além dessas variáveis que destaquei, é ponto importante para a pesquisa, observar a disposição quantitativa das postagens que fazem alusão ao Núcleo Feminino. Na página oficial da Mancha Azul, notei 7 postagens que destacam as mulheres da torcida, o que corresponde a 1% do conteúdo postado no período de análise, bem pouco, se compararmos a quantidade de postagens na rede social. Esse número demonstra que as assimetrias encontradas no mundo offline, se materializam no online, as mulheres da torcida e as atividades desempenhadas por elas ganham pouca notoriedade virtualmente. Comparando a variável “nota oficial”, vemos que a Mancha Azul

lança mais notas oficiais do que conteúdo exclusivo para as mulheres que integram a torcida.

A variável “Outros”, diz respeito a postagens que aparecem com menos frequência, como apoios políticos, agradecimentos a torcidas aliadas<sup>18</sup>, divulgação de festas, mensagens de pêsames etc. Além dos conteúdos ligados diretamente a torcida e ao universo do futebol, algumas postagens são observadas de maneira pontual, ligadas a pautas sociais que se reverberam na sociedade como um todo e atingem o futebol, por exemplo, conteúdos no dia da Consciência Negra, Setembro Amarelo, Novembro Azul, no período crítico da pandemia, postagens com o intuito de conscientizar a população sobre a importância da máscara e da vacinação. Esses dados apontam para um novo olhar da torcida, não mais se restringindo às questões que lhe afetam no dia-dia, agora envolvida em debates que permeiam a sociedade como um todo.



<sup>18</sup> Torcidas aliadas- São torcidas que mantêm uma relação de amizade com a Mancha Azul, podem ser de outros clubes de futebol, como do mesmo clube.

Foto: Publicação da Mancha Azul sobre proteção contra a covid-19 no período de pandemiaFonte: <https://www.facebook.com/manchaazuldocsaoficial/photos/a.142408539163790/5394848693919722>

As mulheres da torcida ganham espaço em postagens na página oficial quando relacionadas às ações sociais que realizam, reforçando o que já havia sinalizado no capítulo anterior, que a mulher na torcida é vista prioritariamente nas atividades de cunho assistencialista, do cuidado, da caridade, e isso se reverbera no mundo virtual, quando aparecem recorrentemente associadas a esse tipo de postagem. Sem espaço no perfil oficial da torcida, as mulheres compartilham publicações sobre as suas atividades em um perfil destinado para o Núcleo Feminino, aqui a hierarquia da torcida reforça a posição de poder dos homens sobre as mulheres. Esse perfil oficial, conta com bem menos seguidores que o oficial da torcida, e com uma frequência menor de postagens. Porém, a maioria das publicações é sobre as mulheres, suas ações e artes visuais específicas para elas.

No perfil Núcleo Feminino Mancha Azul, a disposição das postagens segue um padrão do oficial da Mancha Azul, porém com algumas especificidades. Notei que durante o ano de 2021, as postagens destinadas a informar sobre os jogos, eram as mesmas nos dois perfis, porém, no decorrer do ano de 2022, as imagens começaram a se diferenciar, agora abordando desenhos de mulheres, ao invés de homens, assim como a personagem oficial do Núcleo, que sofre algumas alterações, e ganha a presença de outras personagens, com o intuito de demonstrar a representatividade feminina. Para olhos despercebidos, pode se tratar de simples desenhos, porém inseridos no campo, essa é uma conquista feminina, que agora pode votar e escolher a imagem visual que as representa.



Foto: Chamada para o clássico CSA vs CRB, para as mulheres do Núcleo Feminino da ManchaAzul

Fonte: <https://www.facebook.com/nucleofemininomaoficial/photos/pb.100056363425483.-2207520000../2881123252179679/?type=3>

É possível perceber que a lógica hierárquica (patriarcal) da torcida, bem como as dinâmicas de gênero que se dispõem através desses arranjos também se reverberam nos espaços digitais onde a Mancha Azul é pauta. O Núcleo Feminino, especificamente nas redes sociais mas também como um reflexo das práticas materiais, representa uma espécie de setor, de repartição da torcida, mas que organicamente não dispõe de uma autonomia no gerenciamento das próprias questões. A diretoria de marketing da torcida (formada por homens), inclusive, tem livre acesso e poder de edição nos perfis do Núcleo Feminino. Como explicitado anteriormente, a maioria das publicações no Facebook e Instagram do Núcleo Feminino seguem um padrão de acordo com o perfil oficial da torcida, replicando publicações que já foram postadas no canal com mais seguidores; a ideia de “perfil oficial” inclusive também pode ser um demarcador da hierarquia na torcida, onde outros perfis que venham a surgir (como o do Núcleo Feminino, por exemplo) assumam caráter de alternativo, não-oficial, secundário.

Quando decidi utilizar as redes sociais da Mancha Azul como lugares de investigação sociológica, imaginei extrair desses espaços debates e discussões interessantes entre os torcedores e as torcedoras organizados, simpatizantes da torcida e demais seguidores do perfil. Pude perceber que o que aguça discussões acaloradas entre os seguidores dos perfis, sobretudo do perfil oficial da Mancha Azul, são publicações de teor mais particular e pontual da torcida, como queixas com a direção do clube e a situação do time em geral, e coincidentemente, publicações cujo enfoque são dinâmicas de gênero da torcida. A publicação que anunciou a suspensão do Núcleo Feminino teve uma repercussão bastante acima do normal nos perfis da torcida, onde dezenas de comentários de cunho sexista em tom de punir e recriminar as mulheres do Núcleo Feminino se acumularam na publicação.

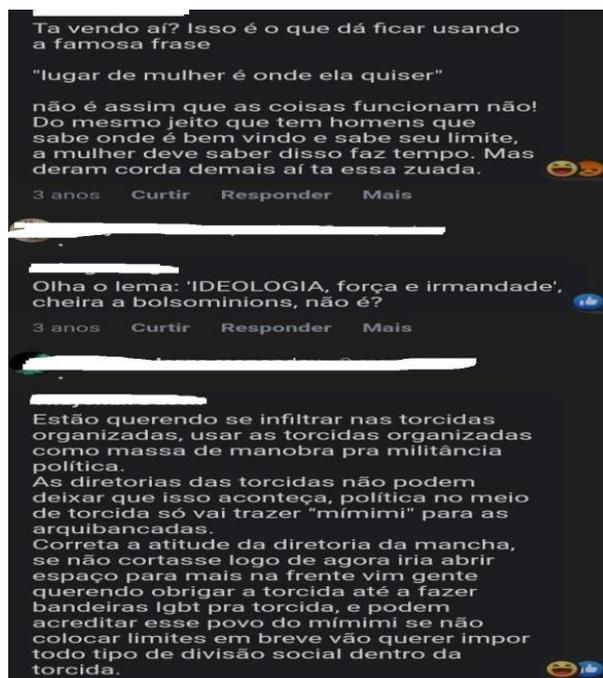


Foto: Captura de tela, dos comentários da página oficial da Mancha Azul no Facebook.

Mais recentemente outra publicação ganhou bastante notoriedade no perfil oficial da Mancha Azul. Uma nota oficial postada em 19 de julho de 2022 que contou com três mil e oito curtidas e 246 comentários anunciando a liberação das integrantes do Núcleo Feminino e demais mulheres torcedoras em viagens e caravanas oficiais da torcida. Como a própria nota afirma,

historicamente a Mancha Azul nunca permitiu que mulheres viajassem aos jogos em outras cidades ou estados, principalmente jogos contra times de torcidas rivais (os chamados “jogos de guerra”). A decisão ocorreu em uma reunião com a diretoria. Devido à proximidade deste acontecimento com o curso final da minha pesquisa (aconteceu em 19 de julho, quando já tinha finalizado as fases de campo, tratamento de dados e já estava em processo de escrita) só pude abordá-lo no âmbito das redes sociais.

A repercussão, como dito no parágrafo anterior, atingiu dezenas de comentários de seguidoras e seguidores que se posicionaram a respeito da dissolução da antiga regra. Dentre comentários sexistas questionando a decisão da diretoria e ironizando a concessão de “direitos iguais”, várias mulheres também se posicionaram de modo a reafirmar seus lugares enquanto torcedoras e o direito adquirido de viajar:

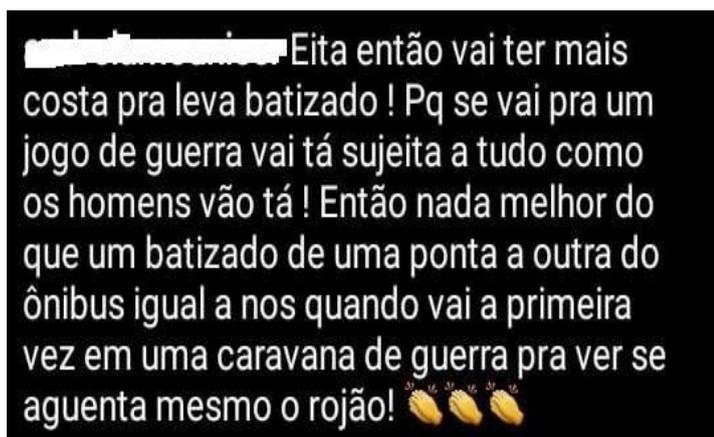
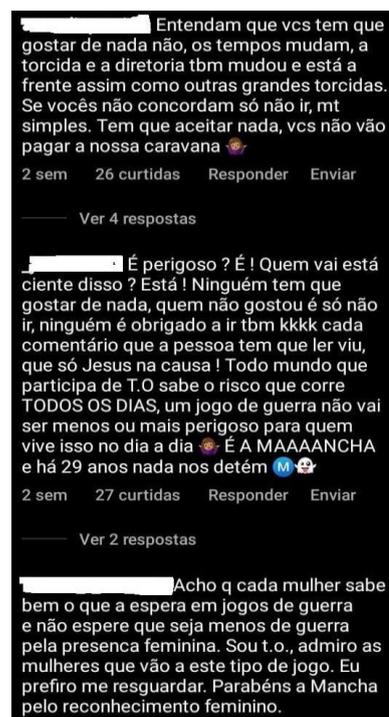


Foto: Captura de tela, dos comentários da página oficial da Mancha Azul no Facebook.



É importante salientar que não tive como identificar quais dos perfis que comentaram nas publicações eram de fato de torcedores e/ou torcedoras organizadas, mas certamente são perfis que interagem (e interagiram) em alguma medida com o perfil da Mancha Azul. As redes sociais dispõem de modos diferentes de sociabilidade, mas estes também reproduzem problemáticas existentes fora das redes sociais, como estas tensões de gênero

expostas nas capturas de tela acima. As hierarquias e tensionamentos presentes na torcida e nas relações que a partir dela se delineiam também se corporificam nos espaços virtuais. Como disse anteriormente, a hierarquia da torcida estrutura o Núcleo Feminino enquanto um setor da Mancha Azul que dispõe de atividades pré-determinadas e que responde à diretoria de um modo geral.

As conexões entre o on-line e o off-line (HINE, 2020) ficam em evidência a partir da reverberação dessas assimetrias de gênero nos espaços virtuais da torcida, que se formulam a partir das vivências cotidianas corporificadas pelo grupo. A internet é compreendida como um lugar cultural onde essas experiências se expressam, e pode ser considerada enquanto uma internet corporificada justamente porque se formula a partir de interações entre seus usuários que dão sentido ao uso da internet a partir daquilo que vivenciam e consideram em outras esferas da vida social. Não é incomum encontrar a continuidade das relações hierárquicas e desiguais da Mancha Azul nas páginas virtuais da torcida porque é assim que elas se estruturam fora dos ambientes digitais também.

As relações entre as torcedoras e torcedores da Mancha Azul são atravessadas por tensionamentos que acabam por posicioná-los em lugares diferentes que, em virtude do patriarcado e das desigualdades de gênero, estruturalmente oprimem e invisibilizam as mulheres. A percepção das torcedoras da Mancha Azul com essas assimetrias de gênero que elas vivenciam no cotidiano da torcida, entretanto, parte de diferentes causas e assumem também diferentes respostas, que inclusive podem destoar de um propósito combativo politicamente situado em discussões feministas, sendo necessário colocar em evidência que nem sempre um agrupamento de mulheres é necessariamente demarcador da existência de uma coletividade feminista, de um grupo feminista. Mas, no caso do Núcleo Feminino, apesar de distantes de uma compreensão feminista de coletividade, de grupo, as mulheres destacam posicionamentos firmes e bem visíveis que apontam para uma possível emancipação e até mesmo empoderamento do grupo.

Organicamente, o Núcleo Feminino dispõe de rotinas, práticas, discussões e dinâmicas que não só as diferenciam da diretoria da Mancha ou de outros setores e subgrupos da torcida, como também as caracterizam enquanto parte integrante e fundamental para o funcionamento da torcida. Penso o Núcleo Feminino não apenas como uma subdivisão da torcida, mas como um grupo elementar e necessário. A Mancha Azul não exerceria suas atividades de maneira completa se o NF não existisse. Se, hipoteticamente, a suspensão do Núcleo Feminino vigorasse enquanto uma sentença irrevogável, muito provavelmente as ações, festas, reuniões, jogos e demais atividades da torcida mudariam de figuração; novas responsabilidades recairiam sobre outros setores ou componentes da torcida, os cuidados com a sede passariam a figurar uma atividade disposta em outra lógica, portanto se o Núcleo Feminino não funcionasse organicamente na Mancha Azul, representando tal como representa uma importante parcela da torcida, a Mancha Azul não existiria nos moldes como a observei.

Observando em particular a publicação da nota oficial mais recente que concedia permissão às mulheres a viajarem em caravanas, destacando em especial os comentários feitos por perfis de mulheres, que considero como um cenário distante pensar na extinção e repressão do Núcleo Feminino. É justamente por ser uma torcida contemporânea e ligada aos aparatos da contemporaneidade, como o Facebook, a comunicação em rede, o compartilhamento e acesso em massa, que a possibilidade de extinção do Núcleo Feminino não se sustentaria como uma regra definitiva: as mulheres muito provavelmente questionariam, reivindicariam, brigariam nos comentários deixando suas opiniões e posicionamentos em evidência; talvez até se articulariam em novas torcidas ou formariam novos agrupamentos de torcedoras, neste último caso vale citar a torcida Empoderazul do CSA, que surgiu após o caso da suspensão do Núcleo Feminino da Mancha Azul formada unicamente por mulheres onde algumas dela, inclusive, vieram do NF da Mancha.

Destaco neste último parágrafo que o Núcleo Feminino, apesar de se situar em uma posição secundária com relação aos homens da Mancha Azul, dispõe sim de bastante relevância dentro da torcida, bem como existem

referências emancipatórias e autônomas entre as mulheres torcedoras, apesar de não haver evidentemente nenhum conflito político mobilizado por interesses feministas. As torcedoras organizadas no Núcleo Feminino estão envolvidas nessa lógica e a reconhecem em suas práticas no dia-a-dia da torcida, e é a partir deste reconhecimento que conferem valor à sua atuação na Mancha Azul. O Núcleo Feminino é, portanto, uma coletividade de mulheres que atua e participa da torcida em lugares e atividades pré-estabelecidas por uma diretoria masculina e patriarcal, mas que executam essas atividades e destacam-se nesses lugares através de estratégias e desdobramentos reivindicatórios e autônomos formulados e defendidos por elas mesmas, com potencial emancipatório e renovador que surge a partir de sua própria práxis coletiva.

## Conclusão

O surgimento das Torcidas Organizadas no Brasil, modificou por completo as dinâmicas nas arquibancadas, bem como o modo de torcer pelos seus respectivos clubes. Observamos que esse surgimento foi gradual e foi se modificando com o passar dos anos, desde as charangas e seus torcedores símbolos mais próximos aos cartolas, passando pela ruptura e o surgimento das Torcidas Jovens, até a consolidação das Torcidas Organizadas como vemos na atualidade. Esse fenômeno continua a se modificar, com o surgimento de Barras Bravas no Brasil, torcida Antifascistas e Movimentos Organizados só de mulheres.

A Mancha Azul surgiu em 1992 na cidade de Maceió, e o seu surgimento, para a época, representa uma “revolução” na sociabilidade torcedora alagoana. As festas e as coreografias ganhavam cada vez mais corpo bem como foram surgindo os primeiros episódios de violência. A rivalidade histórica entre CSA e CRB, se reverbera nas suas TOs, que travam batalhas pelo domínio da cidade até hoje.

A presença feminina não é novidade dentro da Mancha Azul, podemos perceber a inserção de mulheres desde os primeiros anos da torcida, como componentes ou exercendo cargo de diretoria. Hoje a torcida não consta com nenhuma mulher na diretoria, porém, o Núcleo Feminino se apresenta como essa ponte de interlocução entre mulheres da torcida e os homens que ocupam cargos na torcida.

É sobre os tensionamentos de gênero na torcida que a pesquisa se desenvolve, observando as atividades corriqueiras desenvolvidas por homens e mulheres da torcida. Foi constatado que essa diferença existe, algumas gritantes e bem perceptíveis, como o exemplo da exclusão de mulheres em jogos de “guerra”, bem como suas limitações no que diz respeito ao transporte e manuseio das faixas e bandeiras da torcida. Outras diferenças são sutis, observadas só com o convívio dentro da torcida e as interlocuções com os indivíduos que estão inseridos naquela atividade.

Aos homens jovens integrantes da Mancha Azul, as dinâmicas dispostas são aquelas que cunho protetivo, manutenção e administrativo da torcida, são eles os responsáveis em desempenhar grande parte das atividades, também cabe a eles o poder de decisão sobre os mais variados assuntos, inclusive os femininos, como observamos na nota de suspensão do Núcleo em 2019, uma decisão exclusivamente masculina, sobre assuntos femininos.

Já as mulheres da Mancha Azul, principalmente aquelas que compõem o Núcleo Feminino, acabam por desempenhar atividades mais assistencialistas, do cuidado com a sede, limpeza, compra dos mantimentos e ação social. Essa última atividade seria o carro chefe das suas dinâmicas, ficando reservado a elas a elaboração e execução de grande parte das ações.

Os tensionamentos são constantes na Mancha Azul, as relações de poder acabam por intensificar essas dicotomias. Algumas mulheres buscam táticas para enfrentar esses tensionamentos, cujo intuito é o de buscar mais legitimidade e espaço dentro da torcida. Mesmo não observando diretamente um discurso feminista, as mulheres da Mancha Azul, estão conseguindo seu espaço, conquistando-o diariamente. Desde a mudança no lema do Núcleo Feminino até a liberação de viajarem em todas as caravanas, são conquistas que devem ser exaltadas.

Além dos tensionamentos observados no campo de pesquisa, pontuamos também os desdobramentos dessa relação no mundo virtual, nas redes sociais da Mancha Azul e do Núcleo Feminino. Geralmente, os espaços virtuais são usados para instigar debates e reforçar posicionamentos que são silenciados presencialmente. As redes sociais da Mancha Azul movimentam milhares de seguidores por dia, tratando dos mais diversos assuntos da torcida. Nela podemos observar uma maior autonomia feminina, bem como maior alcance das suas pautas.

Estar inserido nas redes sociais, proporciona aos homens e mulheres da torcida acompanhar as notícias e novidades da instituição, assim como instigar o debate em momentos pontuais. Esses debates geralmente estão presentes quando o assunto está relacionado a questões das mulheres da torcida. Seja

punição ou conquista, é comum mensagens misóginas de integrantes homens com as mulheres. Os homens estão a todo momento deslegitimando e diminuindo a presença feminina na torcida.

Dito isso, a pesquisa revela como os tensionamentos de gênero estão dispostos na Mancha Azul, de como homens e mulheres se dispõem nessa disputa por espaços físicos e simbólicos e estabelecem códigos e condutas para o convívio cotidiano na instituição.

## Referências bibliográficas

- Andrade, Mariana Castellano Barcelos. **Na arquibancada: sociabilidade feminina nas torcidas organizadas de futebol**. Anais da 32º Reunião de Antropologia Brasileira. Rio de Janeiro. 2020.
- ALVES, André Porto; FERRAZ, Claudia Pereira. **Da Etnografia Virtual a Etnografia Online: deslocamento dos estudos qualitativos em rede digital**. 41 Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu: 2017.
- BITTENCOURT, João Batista de Menezes. **Sóbrios, firmes e convictos: uma etnografia dos straightedges em São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. 1930-2002. **A dominação masculina/Pierre Bourdieu**; tradução Maria Helena. Kühner. - 2a ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BURAWOY, M. (2009). **O marxismo encontra Bourdieu**. Editora UNICAMP, Campinas.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 15º ed – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CASTELLS ,Manuel.- **A sociedade em rede**. São Paulo. Editora Paz e Terra. 2002.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COSTA, Leda Maria da. **“Marias Chuteiras x Torcedoras “autênticas”**. Identidade Feminina e Futebol. Usos do Passado — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006.
- COSTA, Leda Maria. **O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol**. Esporte e Sociedade, ano 2, número 4. 2007.
- CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o Estado. O arco e o cesto**; 1973.

- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FERRAZ, Claudia Pereira. **A etnografia digital e os fundamentos da Antropologia para estudos em redes on-line**. Aurora: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v.12, n.35, p. 46-69, jun.-set.2019.
- FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho” ?** Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 25, n° 50, p. 315- 328- 2005.
- HINE, Cristine. **A internet 3E1 : uma internet incorporada, corporificada e cotidiana 2**. Cadernos de Campo (São Paulo, online) | vol. 29, n.2 | p.1-42 | USP 2020.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque; FLORENZANO, José Paulo. **TERRITÓRIOS DO TORCER**: Depoimentos de lideranças das torcidas organizadas de futebol. São Paulo. Educ. 2019.
- KIMMEL, M. **A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas**. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, p. 103-117, out. 1998.
- KIMMEL, M. **Sobre Masculinidad**: Nuevos aportes. Isis Internacional, diciembre, 1992.
- LEITÃO, Debora K; GOMES, Laura Graziela. **ETNOGRAFIA EM AMBIENTES DIGITAIS: PERAMBULAÇÕES, ACOMPANHAMENTOS E IMERSÕES**. Revista Antropolítica, n. 42, Niterói, p.41-65, 1. sem. 2017.
- MIGUEL, Luis Felipe. **A igualdade e a diferença**. Feminismo e política: uma introdução/ Luis Felipe Miguel, Flávia Biroli- 1. Ed. – São Paulo : Boitempo, 2014.
- MINAYO, M. C. S. Técnicas de pesquisa: entrevista como técnica privilegiada de comunicação. In: \_\_\_\_\_. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. p. 261- 297.

- MORAES, Carolina Farias. **“As torcedoras querem torcer: tensões e negociações da presença das mulheres nas arquibancadas de futebol”**. Seminário Internacional Fazendo Gênero, Florianópolis, 2017.
- MULLER, Elaine. **“Juventude e algumas questões e relações de gênero.”** Revista de humanidades, Rio Grande do Norte, VOL.05, N.11, jul./set 2004.
- NUNES, Jeferson. **Vivência em Rede: uma etnografia das práticas sociais de informação dos usuários de redes sociais e internet**. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação; Doutorado em Ciência da Informação. Marília-SP: 2014.
- ORTNER, Sherry. **Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?**. A mulher; a cultura e a sociedade. Org. ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- PISANI, Mariane da Silva, « **Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo** », Ponto Urbe [Online], 14 | 2014, posto online no dia 30 julho 2014.
- POLIVANOV, Beatriz. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia?** Implicações dos conceitos. Esferas Ano 2, no 3, julho a dezembro de 2013.
- SANTOS, Amanda Farias. **Torcidas Organizadas e Sociabilidade Juvenil no Nordeste** /Amanda Farias dos Santos. -- Maceió, 2013.
- SCALCO, Lucia Mury. **Reflexões Sobre a Sociabilidade Virtual dos Jovens das Classes Populares**. Ponto Urbe (USP). 2009.
- TOLEDO, L. H. (1996) **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/ FAPESP.
- VELHO, Gilberto. **Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea**. Culturas jovens: novos mapas do afeto. Maria Isabel Mendes de Almeida, Fernanda Eugenio (orgs). – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed; 2006.

- VELHO, Gilberto. “**Observando o familiar**”. In \_\_\_\_\_. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

- WELLER, Wivian. “**Grupos de discussões na pesquisa com adolescentes e jovens: aportes teórico-metodológicos e análise de uma experiência com o método.**” *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.32, n.2, p. 241-260, maio/ago. 2006.

- WELLER, Wivian. “**A presença feminina nas subculturas juvenis: a arte de se tornar visível**” In: *Revista Estudos Feministas*, vol. 13, n° 1, p. 107-126, 2005.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.** – 15° ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

Outras fontes:

- <http://www.organizadasbrasil.com/torcida/TORCIDA-ORGANIZADA-MANCHA-AZUL-367.html>

- <https://www.nexojornal.com.br/externo/2019/02/16/Como-o-futebol-brasileiro-encarou-a-ditadura>

- <https://www.gazetaweb.com/noticias/esportes/alagoano/mancha-azul-suspende-nucleo-feminino-apos-reuniao-com-torcedoras-do-crb/>

## Anexos

- Roteiro para entrevistas com mulheres

<b>BLOCO TEMÁTICO</b>	<b>PERGUNTA</b>	<b>OBJETIVO</b>
Pergunta inicial.	Me fala um pouco de você. Seu nome, idade, onde mora, como você conheceu a torcida e o que levou você a frequentar a torcida.	Iniciar a discussão, promover interação com a interlocutora.
Cotidiano da torcida.	O que você acha do dia-a-dia na torcida? Me fala sobre as atividades que você desempenha, sua relação com as outras meninas e com os rapazes, coisas do cotidiano.	Compreender como a interlocutora interpreta sua vivência cotidiana na torcida.
Participação feminina na torcida.	Como você acha que o Núcleo Feminino vem atuando nas ações da torcida? Me fala um pouco sobre as últimas atividades que vocês coordenaram ou participaram.	Impulsionar reflexões acerca da participação feminina nas atividades da torcida.
Diferenças e assimetrias de gênero no cotidiano das atividades da torcida.	Você observa alguma diferença entre as atividades que são destinadas às mulheres da torcida em relação às	Identificar possíveis diferenças demarcadas por gênero no desempenho das

	atividades dos homes? (Se sim) Quais? (Se não) Então vocês participam das mesmas atividades?	atividades da torcida.
Conflitos de gênero na torcida.	Você já teve alguma experiência de conflito com os rapazes da torcida? (Se sim) Estaria confortável para relatar? (Se não) Já soube de alguma situação?	Identificar a percepção da interlocutora acerca de possíveis conflitos demarcados por gênero em sua experiência pessoal.
Suspensão do Núcleo Feminino da torcida.	Em 2019 ocorreu o episódio de suspensão do Núcleo Feminino da torcida. Você acompanhou esse processo? Qual sua opinião sobre?	Impulsionar a reflexão acerca do episódio de suspensão do Núcleo Feminino da torcida.
Machismo na torcida.	Vocês já vivenciaram experiências na torcida que fizeram com que se sentissem diminuídas, coagidas e/ou desrepeitadas? Se sim, você pode descrevê-la(s)?	Identificar a percepção da interlocutora acerca de situações de machismo e/ou violência de gênero demarcados por gênero em sua experiência pessoal.
Participação das mulheres em espaços deliberativos da torcida.	Como você enxerga a participação das mulheres do Núcleo Feminino em reuniões e	Identificar como é demarcada a participação das mulheres em espaços

	espaços de decisão da torcida?	deliberativos da torcida.
Perspectiva de mudança na torcida.	Você, enquanto integrante do Núcleo Feminino da Mancha Azul, enxerga algum movimento de mudança ou renovação na direção da torcida?	Identificar as aspirações e significações da interlocutora acerca da composição da torcida.
Pergunta final.	Não tenho mais perguntas. Você gostaria de falar sobre mais alguma coisa que não chegamos a comentar? Sinta-se livre para falar sobre qualquer assunto.	Finalizar o diálogo e impulsionar reflexões finais.

- Roteiro para entrevistas com homens

<b>BLOCO TEMÁTICO</b>	<b>PERGUNTA</b>	<b>OBJETIVO</b>
Pergunta inicial.	Me fala um pouco de você. Seu nome, idade, onde mora, como você conheceu a torcida e o que levou você a frequentar a torcida.	Iniciar a discussão, promover interação com o interlocutor.

<p>Cotidiano da torcida.</p>	<p>Me fala sobre as atividades que você desempenha na torcida, qual sua relação com o dia-dia. Qual sua relação com outros componentes nesse dia-dia (homens ou mulheres).</p>	<p>Compreender como o interlocutor interpreta sua vivência cotidiana na torcida.</p>
<p>Participação masculina na torcida.</p>	<p>Como você vê as atividades desenvolvidas pela torcida no dia-dia, participa de alguma? Se sim quais? Pode me falar alguma atividade recente organizada pela torcida? Como essas atividades se desenvolveram durante a pandemia de covid-19.</p>	<p>Impulsionar reflexões acerca da participação do indivíduo nas atividades da torcida.</p>
<p>Diferenças e assimetrias de gênero no cotidiano das atividades da torcida.</p>	<p>Você observa alguma diferença entre as atividades que são destinadas às mulheres da torcida em relação às atividades dos homens? (Se sim) Quais? (Se não) Então vocês participam das mesmas</p>	<p>Identificar possíveis diferenças demarcadas por gênero no desempenho das atividades da torcida.</p>

	atividades?	
Percepção de conflito na torcida.	Existe alguma atividade exclusiva para os homens na torcida? (Se sim) Qual?	Identificar a percepção do interlocutor acerca de possíveis conflitos demarcados por gênero em sua experiência pessoal.
Suspensão do Núcleo Feminino da torcida.	Em 2019 ocorreu o episódio de suspensão do Núcleo Feminino da torcida. Você acompanhou esse processo? Qual sua opinião sobre?	Impulsionar a reflexão acerca do episódio de suspensão do Núcleo Feminino da torcida.
Participação das mulheres em espaços deliberativos da torcida.	Como você enxerga a participação das mulheres do Núcleo Feminino em reuniões e espaços de decisão da torcida?	Identificar como é demarcada a participação das mulheres em espaços deliberativos da torcida.
Perspectiva de mudança na torcida.	Você, enquanto integrante da Mancha Azul, enxerga algum movimento de mudança ou renovação nos rumos e atividades da torcida ?	Identificar as aspirações e significações do interlocutor acerca da composição da torcida.

	Observa se as mulheres estão participando mais das atividades da Torcida?	
Pergunta final.	Não tenho mais perguntas. Você gostaria de falar sobre mais alguma coisa que não chegamos a comentar? Sinta-se livre para falar sobre qualquer assunto.	Finalizar o diálogo e impulsionar reflexões finais.